



See Franklin Delano Roosevelt

O MALHO

ANO XLI — NÚMERO 25 — FEVEREIRO DE 1942 — PREÇO 3\$000



Roupinhas

DO

NÊNÊ

O mais completo e minucioso guia para a futura mamã, no preparo do enxoval do recém-nascido. Luxuoso e atraente álbum com 52 PÁGINAS, contendo a "camisa de pagão", toucas, babadôres, casaquinhos, capas, camisas, édredons, roupas de cama — tudo em tamanho natural acompanhado dos respectivos riscos, além de sugestões de alto valor para essa gratíssima tarefa que faz o encanto da mulher.

- Uma preciosidade cujo valor é inestimável.
- O melhor colaborador para a organização de um enxoval completo e perfeito.

PREÇO:

10\$

EDIÇÃO DA BIBLIOTÉCA
DE "ARTE DE BORDAR"



Pedidos, acompanhados das respectivas importancias, á
BIBLIOTECA DA ARTE DE BORDAR
TRAVESSA DO OUVIDOR, 26 — RIO DE JANEIRO

C. Postal, 880

CASEMIRA



“ O PANO QUE NÃO ACABA ”

O MALHO

MENSÁRIO ILUSTRADO

Edição da S. A. O MALHO

Diretores: ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA
OSWALDO DE SOUZA E SILVA
JOSÉ MARIA BELLO

ANO XLI — NÚMERO 25

FEVEREIRO — 1942

PREÇO DAS ASSINATURAS

Um ano	35\$000
Seis meses	18\$000
Número avulso	3\$000
Número atrasado	4\$000

EM TODO O BRASIL

Redação e Administração

TRAVESSA DO OUVIDOR, 26

Caixa Postal, 880 — Tels. 23-4422 e 43-9453

Oficinas

RUA VISCONDE DE ITAÚNA, 419

End. Teleg.: O MALHO

ESTE NÚMERO CONTÉM 78 PÁGINAS

Ilustração Brasileira

APRESENTA SUA GRANDE
E LUXUOSA EDIÇÃO DE
JANEIRO, COM O

Panorama Educacional do Brasil

NOMES, POR ORDEM AL-
FABÉTICA, DOS COLABO-
RADORES DESSA EDIÇÃO
ESPECIAL:

Afranio Peixoto	Josué Montelo
Antonio Austregesilo	Julio Nogueira
Agostinho de Campos	Lourenço Filho
Barbosa Leite	La-Fayette Côrtes
Berilo Neves	Nereu Sampaio
Carlos Sá	Pedro Calmon
Celso Kelly	Serafim Leite
Fernando Azevedo	Thiers Martins
Flexa Ribeiro	Theobaldo M. Santos
Gastão P. da Silva	Teixeira Brandão
José Maria Bello	Venancio Filho

À VENDA EM TODAS AS BANCAS DE JORNAIS
E LIVRARIAS DO BRASIL



Um livro
que jamais
será esquecido

ERNEST HEMINGWAY

Por quem os Sinos dobram

TRADUÇÃO DE
MONTEIRO LOBATO

POR QUEM OS SINOS DOBRAM é uma historia da hora que passa, destes tumultuosos dias que desnorteiam os mais fortes espiritos.

A ação transcorre na Espanha. Mas o sentido profundamente humano do livro é imenso demais para ficar preso entre determinados limites.

Transborda das trincheiras republicanas, atravessa os campos de Madrid, invade o mundo. Na verdade "os sinos dobram pela humanidade toda..."

POR QUEM OS SINOS DOBRAM é uma obra prima da moderna literatura, um livro que jamais será esquecido !.

Volume em brochura **18\$000**

EDIÇÃO DA

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua dos Gusmões, 639 SÃO PAULO

SOLUÇÕES DOS PASSATEMPOS DO NUMERO ANTERIOR

TEXTO ENIGMÁTICO

O amor, a política e o pensamento de dois grandes pensadores. "Temei o amor de uma mulher mais do que o ódio de um homem". — SOCRATES.

"Os assuntos políticos vão tanto melhor quanto menos se fala neles". — GAMBETTA.

PROVERBIO ENIGMÁTICO — Quem tem telhado de vidro não atira pedras no telhado do vizinho.

PROVERBIO ENIGMÁTICO — Quanto mais canhoto tanto mais maroto.

LEIAM

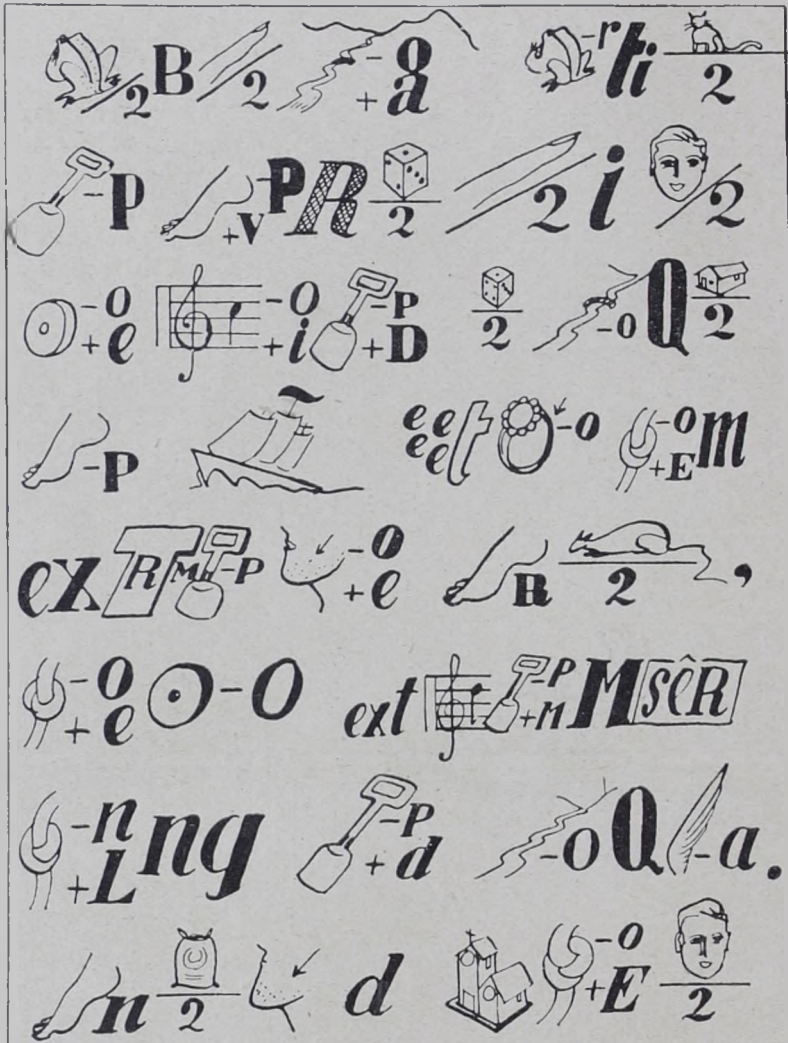
Ilustração Brasileira

Aparece nos dias 15 de cada mês

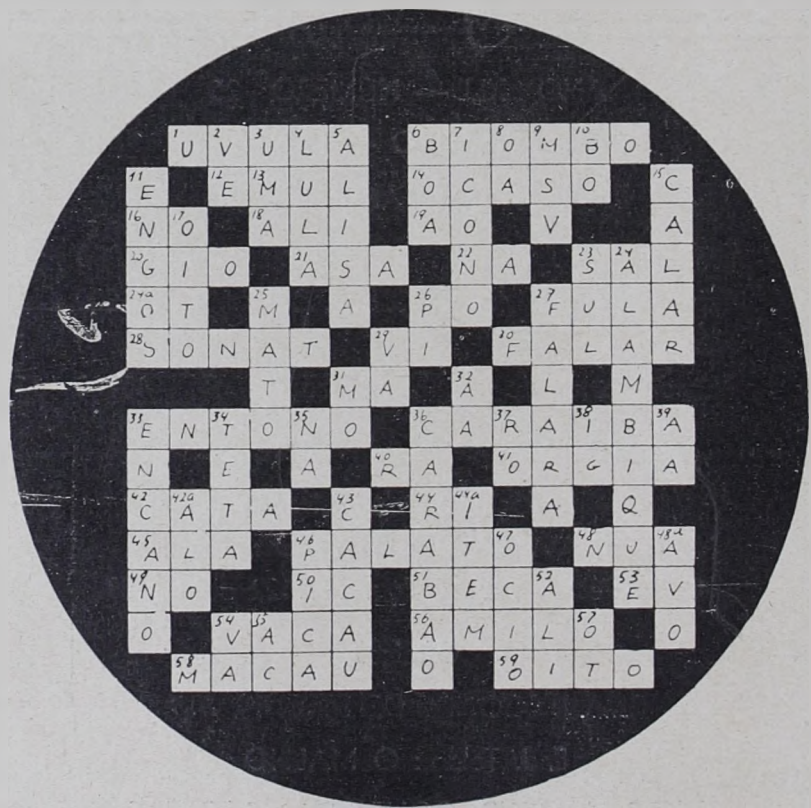


JOGOS E PAS

TEXTO ENIGMATICO



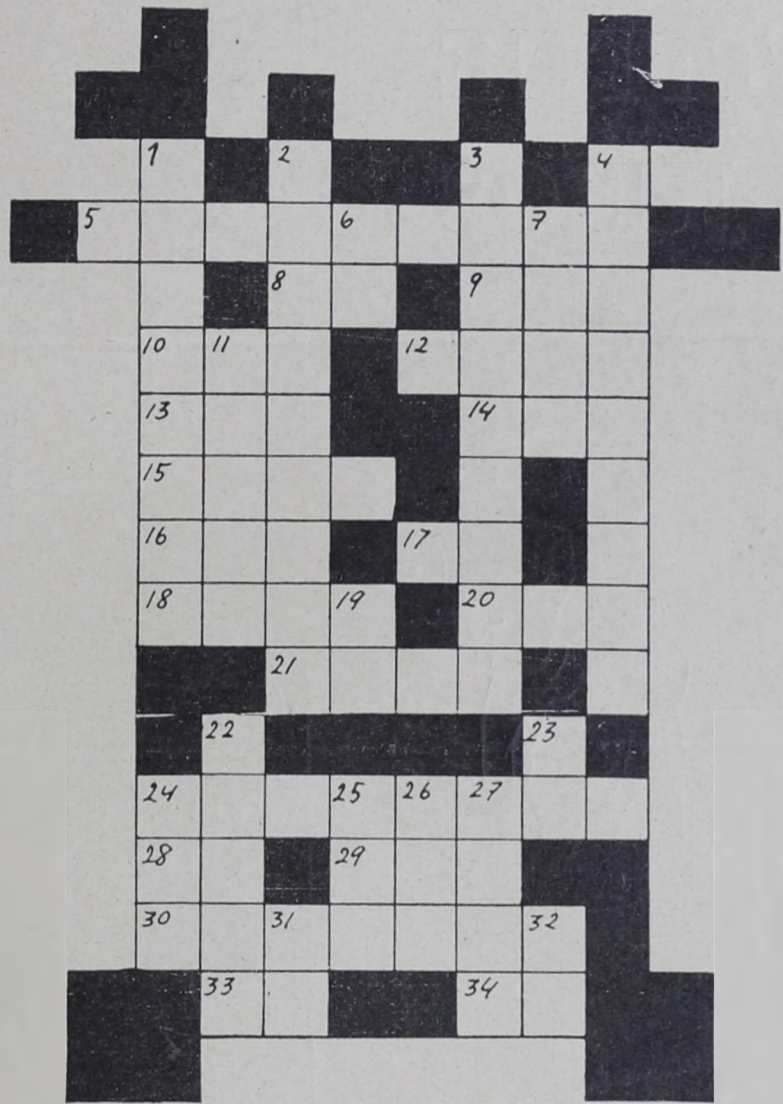
(Solução no próximo número)



CRUCIGRAMA



CRUCIGRAMA



CHAVES

HORIZONTAIS

5) Genero de plantas parasitas, 8) Laço apertado, 9) Fruto, 10) Produto avícola, 12) Do verbo poder, 13) Xerxes Inacio Graçiliano, 14) Quasi cutis, 15) Interjeção, 16) do verbo ler, 17) Implemento, 18) Arvore, 20) Quasi nata, 21) Orgão, 24) Sutura, 28) Mstura gasosa essencial à vida, 29) Preposição, 30) Passarinho que pula de ramo em ramo, 33) Quasi sul, 34) Quasi gosto.

VERTICAIS

1) Piroga..., 2) Desenho de iniciais, 3) Tipo de avião, 4) Com mazelas, 6) Metade de gato, 7) do verbo poder, 11) Masculo, 19) Olavo Ladeira, 22) Fogueiras, 23) Olavo Rodrigues, 24) Casa, 25) Aracea, 26) Do verbo dar, 27) Do verbo urrar, 31) Pedra de moinho, 32) Otavio Mesquita.

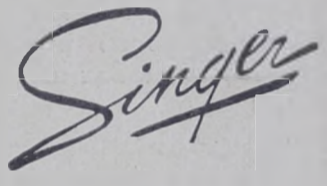
EXIJAM SEMPRE
THERMOMETROS PARA FEBRE
"CASELLA LONDON"
HORS CONCOURS



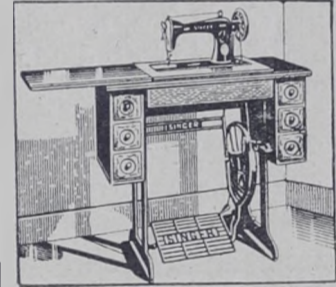
**Quantos vestidos
podem ser feitos
com a "diferença"!**



Milhares de donas de casa já fizeram esta experiência vantajosa: adquirir uma Singer. Muito leve e facil de manejar, a Singer permite a qualquer pessoa fazer os seus próprios vestidos, economizando no feito para aplicar a "diferença" em novas e mais lindas "toilettes". Siga esse bom exemplo. A Singer pode ser adquirida em condições muito suaves. E se deseja aperfeiçoar-se na arte tão util da costura, lembre-se de que as Lojas Singer estão à sua disposição para orientá-la e dar-lhe sugestões.



MODELO SINGER DE PÉ — Elegante e prático, pode ser adquirido com motor elétrico Singer.



P - 7 2

Um bellissimo livreto SINGER, GRATIS! - Envie-nos este coupon e receberá um magnifico manual ilustrado, contendo interessantes sugestões sobre a ARTE DE COSER e DECORAÇÃO DO LAR.

SINGER SEWING MACHINE CO.
 Caixa Postal, 2967 — São Paulo

Name
 Rua
 Bairro
 Cidade Est.

Leiam

CINEARTE

A melhor revista cinematográfica.

OS ÊXITOS DE 1942

OS LIVROS DO MOMENTO

EDITORA VECCHI Rua do Asende, 144 - Rio

PEÇAM CATALOGO PEGAM CATALOGO

Em todas as Livrarias



A TERRA RESTITUE COM JUROS

aquilo que lhe confiamos

KOSMOS CAPITALISAÇÃO, foi organizada para servir à economia do público e ao progresso do país.

É uma sociedade de capitalização, que recebe de milhares de portadores de títulos, pequenas parcelas mensais, capitalisa-as, para depois devolver com juros, num prazo pre-determinado, a soma das importâncias que lhe foram confiadas. É assim útil ao indivíduo e à família. É útil ainda ao progresso do país, porque a reunião

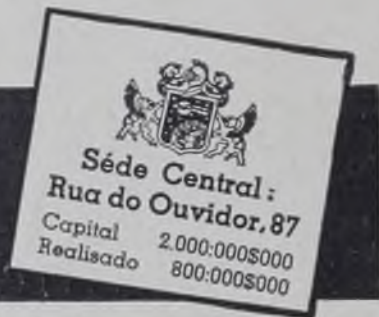
das pequenas quantias forma somas consideráveis, que são entregues à circulação por meio de empréstimos ao comércio, à indústria ou à lavoura, permitindo assim o desenvolvimento destes setores, e conseqüentemente do país. Como a terra, que transforma em frutos sazonados as sementes, o seu dinheiro junto aos demais entregues à Kosmos Capitalização frutifica e produz, o que permite guardá-lo e ainda devolvê-lo com juros.

{ 96 sorteios anuais. Sorteios duplos em Dezembro. Resgate e empréstimos garantidos. Participação nos lucros sociais. }

ECONOMIZAR É ENRIQUECER

★ **KOSMOS** ★
CAPITALISAÇÃO S.A.

Tupan



ANEDOTA'RIO DE ONTEM

Numa tarde de maio passeava Olavo Bilac por um dos jardins populares do Rio. Depois de muito procurar, encontrou um banco vazio e nêle se instalou. Num banco vizinho, estava um casal conhecido do poeta, com um lindo garotinho, que logo correu para o banco do autor da "Via Lactea". Bilac, como todos sabem, gostava imensamente de crianças. Porém, depois de fazer algumas festinhas ao primogenito do casal conhecido, visivelmente contrariado, êle tirou do bolso um caderninho e arrancando uma fôlha, neia escreveu qualquer coisa. Em seguida, depositou o papel sôbre o banco e, cumprimentando apressadamente o casal, afastou-se rapidamente. Os pais da criança, intrigados e curiosos, aproximaram-se do banco e, pegando no papelzinho, leram estes versos:

"Criança bonita e
(meiga,
Para os pais: anjo
(celestes;
Que emporcalha
(de manteiga
As calças que a
(gente veste!"



VERANISTAS — Grupos feitos nas estações de veraneios de Cambuquira e Caxambú, vendo-se neles, entre companheiros de vilegiatura, o conhecido homem de letras e brilhante diretor do mensário "Aspectos", Dr. Raul Azevedo, figura da nossa melhor sociedade.



ALMOÇO DE CONFRATERNIZAÇÃO
— Revestiu-se de grande brilho o tradicional almoço oferecido pelo Touring Clube do Brasil ao seu comitê de Imprensa, nas vésperas do Natal. O ágape realizou-se no Hotel Gloria, ocupando os lugares de honra os Drs. Lourival Fontes, Diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda, e Herbert Moses, Presidente da A. B. I. e daquele Comitê. Na cabeceira, viam-se, mais, os Srs. Juvenal Murтинho Nobre, Presidente do Touring Clube; Elmano Cardim, Diretor do "Jornal do Comércio", Oswaldo Souza e Silva, Diretor de O MALHO e da ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA; o academico Oswaldo Orico, Ozéas Motta, presidente da Comissão de Marinha Mercante, Basto Tigre e outros. Ofereceu o almoço,



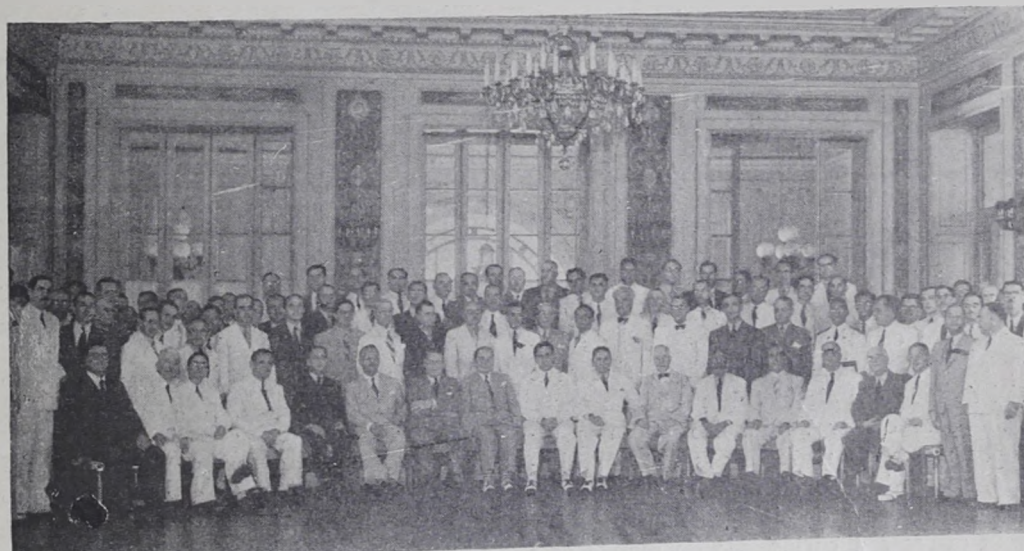
em nome do Touring Clube, o escritor Berilo Neves, vice-presidente dessa entidade, tendo agradecido, em nome dos jornalistas o Sr. Herbert Moses.



A Senhorita Dulcinéa de Freitas, uma das graciosas filhas do despachante municipal Lino de Freitas e de sua consorte Dulce de Freitas, que acaba de terminar com distinção o curso de Secretário do Departamento Feminino do Instituto La-Fayette, destacando-se pelos seus dotes intelectuais, o que lhe valeu a honra de inteé-
pete da turma.



Professor Victor Rodrigues, da Faculdade Fluminense de Medicina, que acabou de publicar notavel trabalho medico "Semiologia do Ovario", que tem merecido os mais francos elogios da critica cientifica.



Almoço oferecido ao Coronel Dr. Florencio de Abreu, pela sua nomeação para Diretor do Hospital Central do Exército. Foi orador oficial da solenidade o Coronel Dr. Jesuino de Albuquerque.



Em viagem

Ha pessoas, principalmente senhoras, às quais as viagens por mar ou por terra agitam enormemente o sistema nervoso, produzindo mal-estar, tonteados, sensações de apreensão e medo. Um ou dois comprimidos por dia, de ADALINA, são suficientes para restituir a normalidade ao sistema nervoso, permitindo o bem-estar durante a viagem e um sono calmo e tranquilo. ADALINA é remedio inofensivo a qualquer órgão.

ADALINA
BAYER

CALMANTE DOS NERVOS
SUAVE E INOFENSIVO

Casa Spander

RUA MIGUEL
COUTO, 29-Rio

Artigos para todos os sports

Football, Basketball, Volley-
ball, Atletismo, Tennis e
Ginástica

Sandows de elastico e Alte-
res. Encordoamos Rackets
para Tennis

Peçam Catálogos gratis

LIVROS E AUTORES



CABELLOS
BRANCOS
QUÉDA
DOS
CABELLOS

**JUVENTUDE
ALEXANDRE**

DESPERTE A BILIS DO SEU FIGADO

Sem Calomelanos—E Saltará da Cama
Disposto Para Tudo

Seu fígado deve derramar, diariamente, no estômago, um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Nada há como as famosas Pillulas CARTERS para o Fígado, para uma acção certa. Fazem correr livremente esse litro de bilis, e você sente-se disposto para tudo. Não causam dano; são suaves e contudo são maravilhosas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pillulas CARTERS para o Fígado. Não aceite imitações. Preço 3\$000

Guia da Belleza

Este livro ensina a fazer, na própria casa, os tratamentos de beleza mais úteis e proveitosos. Traz os processos feitos pelo medico especialista

DR. PIRES

na sua Clínica de Belleza da
RUA MEXICO, 98-3,º and.
Rio de Janeiro

Preço: 8\$ pelo correio ou nas livrarias.



Busto

Augmente, fortifique e diminua o busto com os productos á base de HORMONIOS.

Hormo-Vivos 1 e 2

Para desenvolver e fortificar use o n. 1
Para diminuir use o n. 2. Resultados rapidos.
Gratis: Peça informes á Caixa Postal 3.871 - Rio

Nome.....
Rua.....
Cidade..... Estado.....

SERGIO DES- Paulo Gustavo con-
COBRE UM sagrou-se, com seus li-
NOVO MUNDO vros de poemas, um
dos mais popularizados
e mais lidos poetas do país. Mas não quiz
ficar apenas na poesia para adultos e, abrin-
do outros horizontes à sua inspiração, re-
solveu fazer poesia, em prosa, para as cri-
anças, dedicando-lhes magnificos livros de
historias em que se mostra ainda e sempre
o poeta nato que é.

Depois do sucesso de "Historia de um
Pintinho Maluco" vem de publicar agora,
magnificamente ilustrado por J. Carlos,
"Sergio descobre um novo mundo". obra
premiada no Concurso de Historias Infan-
tis, instituido pela Secretaria de Educação
e Cultura do Distrito Federal, em 1940.

E' um lindo livro com leitura agradável
e instrutiva, com ótima apresentação e foi
editado pela Livraria Francisco Alves.

ESSE COLOSSO, De Castro e Silva,
O BRASIL, que logrou com os li-
vros que publicou até
aqui, conquistar público e leitores que o
saio de historia, geografia e critica, a que
admiram, publicou agora um pequeno en-
deu o titulo de "Esse colosso, o Brasil".

O pequeno volume, escrito em estilo terno
e revelando as sinceras convicções de um
estudioso, é ilustrado com fotografias e
trás sugestiva capa de Octavio Sgarbi, ofe-
recendo ainda um rico e precioso apêndice
com anotações sobre fraseologia dos nossos
sertanejos, colhidas pacientemente pelo au-
tor, que se revela, com esse ensaio, com
capacidade para obra mais vasta no difficil
genero que escolheu.

BOB BOLACH Em recente concur-
E SEU CRIADO so de Literatura Infan-
: : **PAURA** : : til, promovido pela Pre-
feitura desta Capital,
foi premiado o interessante volume de au-
toria do professor Joaquim Silveira Thomaz
"Bob Bolach e seu criado Paúra", que o
autor vem de editar agora com ilustrações
bastante expressivas de Carmen S. Thomaz.
O livro localiza as peripecias de uma via-
gem de Belém-do-Pará ao Araguaia, e é
escrito em linguagem singela, agradável e
acessível aos pequeninos, aos quais ministra,
pelo método mais suave, ensinamentos al-
tamente preciosos sobre coisas nossas.

"**DIÁRIO DE** O "Diário de Berlim"
BERLIM" de Willian L. Shirer é,
sem dúvida, o mais com-
pleto documentario sobre a guerra até agora
aparecido. Correspondente na capital alemã
da Columbia Broadcasting System, o autoi
dali assistiu todos os fatos que veem convul-
sionando a Europa de 1934 até o presente.
Seu livro constitui o registo das suas im-
pressões pessoais — a anotação sincera e
fiel de tudo que ele viu, mas que, em parte,
não podia contar ao público. Só nos últi-
mos meses, de regresso aos Estados Uni-
dos, reconstituindo de memoria muitas no-
tas, destruidas propositalmente ou perdidas,
veiu oferecer à curiosidade do mundo esse
depoimento de extraordinario valor. Wil-
lian Shirer é um jornalista ágil e sagaz:
sabe apanhar o aspecto essencial das coisas,

frizar o detalhe revejador; tem, por assim
dizer, o senso do interesse. A par da im-
portância documentaria, o "Diário de Ber-
lim" é um livro leve, curioso e palpitante.
O olhar do autor se estende por toda parte
com uma capacidade de observação extra-
ordinaria; nada escapa à sua argucia, ao
seu tino jornalístico: anota, deduz, comen-
ta, prevê. Essa obra sensacional, da qual
se venderam 500 mil exemplares em três
meses, nos Estados Unidos, acaba de ser
apresentada ao público brasileiro pela li-
vraria José Olympio, em tradução fiel de
M. P. Moreira Filho.

BUB O Sr. Beneval de Oliveira, que
é um nome bastante apreciado
das nossas letras, acaba de lançar, por inter-
medio da Editora Panamericana, um volume
interessante de impressões e aspectos vivos
do Brasil, a que deu o titulo papiniano de
BUB, para criar um ambiente de interesse
em torno do que escreveu.

O autor relata com facilidade e descreve
com belo colorido, e daí ter conseguido fa-
zer um livro de agradável leitura, capaz
de prender a atenção do leitor.

UM VAGABUNDO Prossequindo no
TOCA EM SURDINA l a n ç a m e n -
to de excelentes
volumes em magnificas apresentações gra-
ficas, a Livraria Martins, de São Paulo,
acaba de lançar na sua mais recente série
— A COLEÇÃO EXCELSIOR —, a obra
de Knut Hamsun — **UM VAGABUNDO**
TOCA EM SURDINA. Rapsodia admirá-
vel, na qual não se sabe o que mais admi-
rar: se a força do paisagista ou do arguto
analista dos sentimentos humanos, **UM VA-**
GABUNDO TOCA EM SURDINA é des-
ses romances que se gravam indelevelmente
na sensibilidade do leitor. Completando-o, a
Livraria Martins apresenta a novela ainda
inédita em português — **A RAINHA DE**
SABÁ, uma das mais características e ori-
ginais deste extraordinario criador de fi-
guras e cenas. Como em todas as produ-
ções de Hamsun, encontraremos em **A**
RAINHA DE SABÁ e **UM VAGA-**
BUNDO TOCA EM SURDINA uma
embaladora poesia, que torna esses traba-
lhos verdadeiros poemas. No fundo reflex-
os de peregrinação incessante do autor
pelos mais estranhos caminhos da vida.
Homens, crianças, nuvens fugidias, estrelas,
arvores, montanhas, rochas, casebres, rios,
aqui se apresentam envolvidos numa onda
de suave e penetrante magica poetica. Me-
rece louvores o trabalho grafico e a ex-
celente tradução.

BONEQUINHO E' a encantadora his-
DE MASSA tória que Mary Buar-
que escreveu para os
pequeninos do Brasil, novela cheia do inte-
rêsse que deve prender a criança na lei-
tura até o fim do volume.

A edição da casa "Anchieta Limitada". de
São Paulo, obedece à técnica de impressão
dos livros infantis, isto é — ótimamente
rico de sugestivas gravuras enchendo o tex-
to até o fim das 80 páginas, impressas em
caracteres bem legíveis e em excelente
papel.

NÃO SÓ NO ENXOVAL

mas também nos detalhes da ornamentação do novo lar devem pensar as jovens que se casam.

Ambas essas coisas serão feitas com requintes depois do manuseio do **GUIA DAS NOIVAS**, a magnífica publicação da "Biblioteca de Arte de Bordar".

Depois da farra...

que sempre deixa ressaibos, nas más digestões, o "Sal de Fructa" Eno age imediatamente, fazendo voltar o bem estar, preparando-o para outra farra...

Não sendo em vidros, não é "Sal de Fructa".



ENO "Sal de fructa"

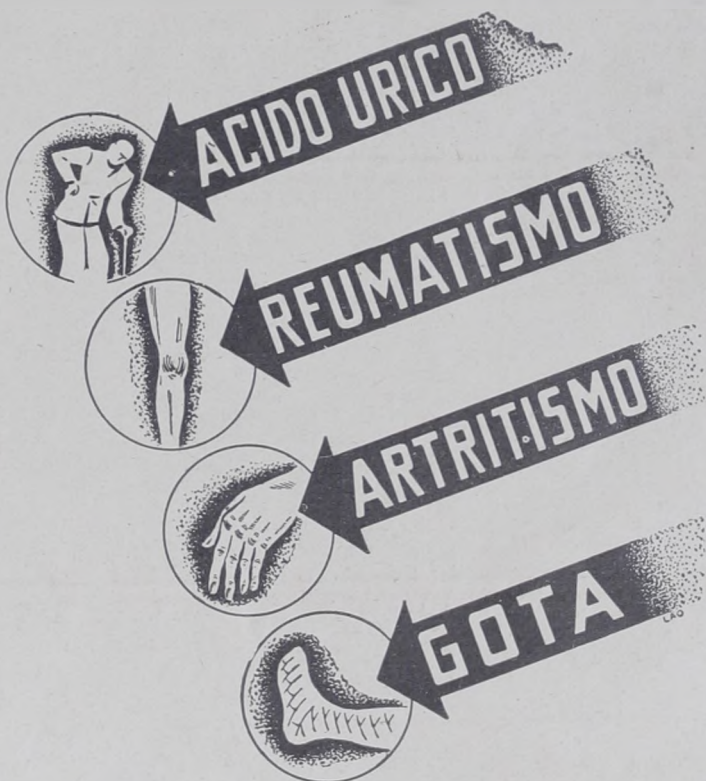


Madeleine Rosay, a festejada bailarina brasileira que tanto sucesso tem alcançado no Casino da Urca, enviou-nos, com esta graciosa fotografia, seus votos de feliz Natal e prospero ano novo.

Leiam

CINEARTE

A melhor Revista Cinematografica



LYTOPHAN



Como sabe o sandwich!..

É a expressão commumente ouvida.

A cerveja Cascatinha além do agradável paladar que proporciona aos alimentos, aumenta-lhes as propriedades vitaminosas.

AO PEDIR UMA CERVEJA DIGA APENAS

CASCATINHA

DR. ARMINIO FRAGA

DA ACADEMIA DE MEDICINA E LIVRE DO-
CENTE DA FACULDADE

MOLESTIAS DE PELE

RAIOS X E FISIOTERAPIA EM GERAL

Travessa do Ouvidor, 36-1. — Tel. 23-4310

CURIOSIDADES

QUE MONSTRO SERIA ESSE QUE APARECEU NO RIO GRANDE ?

No ano de 1849, a revista do Instituto Histórico publicou um pequeno trabalho de caráter científico, epigrafado "Dissertação do Coronel Ignacio A. de Cerqueira e Silva", mercê do qual ficámos sabendo de um fato sensacional, que ocorreu no Rio Grande do Sul em priscas éras, relativamente ao aparecimento de um animal monstruoso.

Conta-nos o Coronel Cerqueira e Silva:

"Existem ainda, na Vila de N. S. do Livramento do Rio de Contas, descendentes de pessoas relacionadas com um antigo morador de Vila Velha, chamado Anacleto Pereira, que afirmam, por tradição de seus maiores, haver aquele Anacleto visto sair do centro da Lagôa Grande, proximo a essa povoação, onde costumava pescar, um gigantesco animal, que seguiu na direção da vereda, deixando aberto longo caminho pelo mato por onde passava.

Cada uma das suas pégadas, parecidas com as do gado vacum, ocupava o espaço de palmo e meio quadrado. O receio de semelhante animal apenas permitiu que fossem no encalço o mesmo Anacleto e outros, por espaço de duas leguas, e presume-se ser dele a ossada que, volvidos muitos anos, achou Carlos Fagundes no fundo de um tanque natural ou caldeirão de suas terras.

Dessa ossada extraiu, porém, tão somente Fagundes um osso da cartilagem dorsal e um dente alvissimo e perfeito, que apesar de ser da ordem menor pesava 4 libras, e foi remetido ao governador da Provincia, Conde da Ponte."

O CENTENÁRIO DE UMA CARTA QUASI DESCONHECIDA

Em Abril próximo será com toda certeza exlumiado dos arquivos um documento bastante precioso. Referimo-nos a uma carta que Balzac, em 1842, endereçou à sua mãe e na qual o imortal romancista francês lamenta a triste situação que o atormente.

O escrito, que é pouco divulgado, está concebido nestes termos:

"O dinheiro necessário a minha existencia é o que exigem os meus credores e eu o obtenho com muito sacrificio.

A vida que levo não convem a ninguem, cansa os parentes e os amigos, todos abandonam a minha triste moradia; assim as coisas vão ficar ainda mais dificeis, para não dizer impossiveis.

O insucesso econômico da peça que escrevi ("Les ressources de Quinola") e que foi representada um mês antes, complica ainda mais a minha situação.

E'-me impossivel trabalhar em meio aos pequenos vendavais suscitados no lar por quem não quer concordar, e a minha pro-

VINOVITA

TONIFICA O SANGUE

ESTIMULA O CEREBRO

DÁ ENERGIA AOS MUSCULOS

dução está minguando de um ano para cá, é visível. Eu não sei qual partido tomar, mais eu tomarei um por estes dias. Quando o mobiliário que possuo fôr vendido, quando tiver vendido as jardies, não terei obtido grande coisa, e me encontrarei só com a minha pena e uma granja. Em tal conjuntura, estarei ainda em condições de te ajudar, como o faço neste momento? Eu viverei de artigos, que posso produzir diariamente com a aguidade de uma juventude que ja nao tenho”.

A ORIGEM DOS ESPETACULOS DE FEIRA

A apresentação do burro “Canario”, no Casino da Uica, despertou-nos o desejo de revelar a nossos leitores a origem dos espetáculos de feira. Michel Caron e outros divulgadores de curiosidades históricas escrevem que a exibição de animais nos logradouros públicos a tiro de canhão, teve por cenário uma praça de Alexandria onde, sob o reinado de Ptolemeus Philadelphus, foram usados a contemplar varios bichos estranhos e monstros desconhecidos. A *mana* agradeceu, como devia agradecer, pois que, como nos diz Phineas Barnum, “o povo é sempre credulo e paciente e se deixa mistificar facilmente”. Os tempos foram correndo e, em 1400, os Parisienses ficaram boquiabertos ao verem, pela primeira vez na vida, uns gatos angoras, apresentados por mercadores armênios. Muita gente quiz comprar exemplares dos lindos e felizardos bichanos, mas o povinho opoz-se, inventando que os angoras eram bichos maticos, criados pelo diabo.

Nas feiras de Saint-Germain, Saint-Laurent e Saint-Claire causaram sucesso os animais — fenômenos, principalmente certos macacos enormes e horrendos. Na época dos Mosqueteiros, os Parisienses acorreram a ver o gorila “Fagotin”, que foi morto a espada por Cyrano de Bergerac. Esse duelista e poeta, que era míope, matara-o por equivoco, tendo tomado o simio por um homem. Em 1724, o Rei de França consentiu que um saltimbanco, Cornivelle, mostrasse ao público o seu famoso leão. Data daí a explicação de animais sábios, de antônatos, de anões, de gigantes e de fenômenos. Nos cartazes das feiras figuravam a mulher — crocodilo, o homem — elefante, a moça — foca, o homem — camelo, o homem — esqueleto, a mulher — canhão, etc... O número de sensação, em 1774, foi o celebre “Gangan”, um animal nunca visto, “que media 7 pés de altura e 12 de comprimento, e tinha a cabeça de um russo Babalns (sic), os olhos de um elefante, as orelhas de um rinoceronte, o pescoço de cobra e a cauda de castor”...

Para os entendidos não passava de um simples camelo!



Hoje em dia as mulheres concorrem com os homens nos mais diversos ramos de atividade, nos escritórios, nas repartições, nas fabricas, nos campos. Nestas condições, é preciso que o organismo feminino funcione todos os meses com a precisão de um cronometro.

Nada de adiantamentos ou atrasos. A SAUDE DA MULHER é o regulador por excelencia, além de tônico e anti-doloroso. Seu uso é uma garantia de periodos normais, sem dôres e sem contratempos. A SAUDE DA MULHER traz no nome o resumo de suas virtudes.

A SAUDE DA MULHER

Dr. Telles de Menezes
CLINICA DE SENHORAS

Diatermia, Ultra-Violeta, Infra-Vermelho, etc
Rua Gonçalves Dias, 84, 5º s. 504-5
Das 15 ás 18 horas. — Tels: Consultório 23 - 3147. Res. 42-1948

MOVEIS DE ESTILO

Grande Sortimento - Preços Modicos

A Renascença

CATETE 55, 57, 59



ERNEST HEMINGWAY

Por quem os Sinos dobram

TRADUÇÃO DE
MONTEIRO LOBATO

POR QUEM OS SINOS DOBRAM é uma historia da hora que passa, destes tumultuosos dias que desnorteiam os mais fortes espiritos.

A ação transcorre na Espanha. Mas o sentido profundamente humano do livro é imenso demais para ficar preso entre predeterminados limites.

Transborda das trincheiras republicanas, atravessa os campos de Madrid, invade o mundo. Na verdade "os sinos dobram pela humanidade toda..."

POR QUEM OS SINOS DOBRAM é uma obra prima da moderna literatura, um livro que jamais será esquecido!

Volume em brochura **18\$000**

EDIÇÃO DA

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua dos Gusmões, 639 SÃO PAULO

PANORAMA EDUCACIONAL DO BRASIL

Leiam a edição especial de "Ilustração Brasileira" sobre o ensino no Brasil.

A' VENDA EM TODO O BRASIL

LIVROS DO DIA

AUTOBIOGRAFIA DO VISCONDE DE MAUÁ

Na coleção "Depoimentos Historicos", iniciada pelo editor Zelio Valverde, acaba de aparecer, com interessante prefacio e inumeras anotações de Claudio Ganns, a "Autobiografia" do Visconde de Mauá.

Versando esse grande livro sobre um dos vultos mais notaveis do Brasil de ontem, é justo o interesse que vem despertando, e o exito que tem obtido.

O volume é fartamente ilustrado com fotografias que o tornam ainda mais precioso e muito concorrem para esclarecer a vida realmente exemplar de Irineu Evangelista as oportunas e eruditas anotações do Dr. Claudio Ganns, que se revela conhecedor da nossa historia e dos seus mais importantes fatos.



IMPETO

Os poemas de Ada Macaggi Bruno Lobo eram lidos esparsos, nos suplementos literarios e nas revistas, como O Malho, por exemplo, de que a apreciada poetisa sempre foi assidua colaboradora.

Agora, Ada Macaggi reuniu varios desses lindos poemas, a maioria dos quais inédita, em delicado volume a que deu o titulo "Impeto" e que Anita Malfatti ilustrou com pequenas iluminúrias.

São versos sentidos, fortes por vezes em sua expressão, cheios sempre de delicadeza e de emotividade que colocam Ada Macaggi entre as primeiras poetisas nacionais.

O reaparecimento da festejada autora de "Vozes Efemerias", com esta outra coletânea de lindos versos, tem sido recebido entre aplausos quer pela critica como pelos admiradores de sua inspiração.

A edição, luxuosa, é da Livraria José Olimpio Editora.



FIGURAS DA REPÚBLICA VELHA

Escrevendo com o desembaraço e a fluencia de quem possui tirocinio e conhecimento da materia, o escritor e jornalista patricio João Lima oferece : historia nacional valiosa cooperação, apresentando "Figuras da República Velha", obra na qual reúne varios estudos, reportagens e comentários sobre as mais proeminentes figuras do Brasil republicano.

Além de ser um livro bem escrito, que se lê com prazer, constitui "Figuras da República Velha" uma homenagem muito justa a tantos illustres cidadãos que tomaram parte ativa não só na idealização do velho regimem, como na sua consolidação e na sua vigencia.

O livro do Dr. João Lima é um trabalho excelente, e para recomenda-lo nada mais lisongeiro do que o prefacio, que é de autoria do major Afonso de Carvalho.



DANSA CLASSICA NO "GOLDEN-ROOM" DO COPACABANA



O Casino de Copacabana que já apresentou ao público do Rio, números de dança no valor de "Los Chevalillos Sevillanos", de Paul Draper e de Jack Cole, deu-nos agora, sem sair do reino da dança, um número inédito para o seu "golden-room" — o bailado puramente clássico na arte de *Patricia Bowman e Paul Haakon*. Discipulos favoritos do grande mestre Fokine, ela americana, ele dinamarquês, seguiram mais tarde carreiras separadas para se reunirem, agora, nesta dupla que tem todo o refinamento de uma arte amadurecida no "ballet" e no teatro americano.

Os admiráveis bailados vistos no Copacabana; veem provar que Patricia Bowman é, de fato, o expoente máximo da dança norte-americana — e Paul Haakon, o grande bailarino celebrado com a Pavlova e o American Ballet.

Epoca

TINTURA FLEURY

*O verdadeiro restaurador
da juventude para o seu cabelo!*

**EM 18 TONALIDADES DIFERENTES RESTITUE
A CÔR NATURAL EM POUCOS MINUTOS**

APLICAÇÃO FACILÍMA: Peça ao nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto A ARTE DE PINTAR CABELOS, que distribuímos gratis

CONSULTAS **APLICAÇÕES** **VENDAS**

Rua Sete de Setembro, 40 sobr. Ric. de Janeiro **C.M.**

NOME RUA
CIDADE ESTADO

M A T E R N I D A D E ARNALDO DE MORAES

PARTOS E CIRURGIA DE SENHORAS
TEL. 27-0110

Instalações e aparelhagem modernísimas. Ar condicionado nas salas de partos e de operações e nos apartamentos. Internamento e assistência a parto por 1:200\$000, com inserção prévia Radioterapia profunda. Raios X, diagnóstico. Tenda de oxigênio e Eliot-terapia. Parto sem dor.
RUA CONSTANTE RAMOS, 173 — COPACABANA

TECIDOS E TELAS DE ARAME

PARA TODOS OS FINS

VIVEIROS

Moveis de aço para jardim

Rua do Cattete, 48

Telefone: 42-2707 — Rio de Janeiro

Fabrica Spoeri Ltd.



Não se prive
da praia ou piscina
temendo o sol!



**Proteja, porém, sua pelle
contra sardas e manchas
com LEITE DE COLONIA.**

No verão, goze a delicia dos banhos de mar ou os mergulhos na piscina! Evite, porém, o apparecimento, em sua pelle, de sardas e queimaduras, protegendo-a com Leite de Colonia. Sempre que fôr á praia ou sahir para a pratica do seu sport preferido, applique o Leite de Colonia sobre o rosto, collo e braços. Leite de Colonia elimina manchas, sardas, cravos e espinhas. Leite de Colonia limpa, alveja e amacia a pelle.

Leite de Colonia

STAFIX fixa o penteado e dá brilho ao cabelo de senhoras e cavalheiros.



A HORA DA AMERICA

NO momento em que o mundo inteiro se dilacera, devido a antagonismos irreconciliáveis de crenças e interesses e odios corrosivos que se transmitem de geração a geração, a Conferência do Rio de Janeiro constituiu a mais extraordinária demonstração de solidariedade e compreensão entre povos que se estimam, se respeitam e se ajudam mutuamente.

Jamais se registrou, na História da Humanidade, um exemplo tão grandioso de cooperação internacional: 21 nações livres — umas grandes, outras pequenas, umas fortes, outras fracas — reúnem-se em torno de uma verdadeira “tavola redonda”, em absoluto pé de igualdade, para decidir o destino comum.

E’ todo um continente, é a metade do mundo que, na hora mais trágica da Humanidade, se põe de pé, demonstrando uma intuição assombrosa, ao reconhecer e proclamar que a salvação está na solidariedade e que, para as nações, assim como para os indivíduos, a vida nada vale sem o

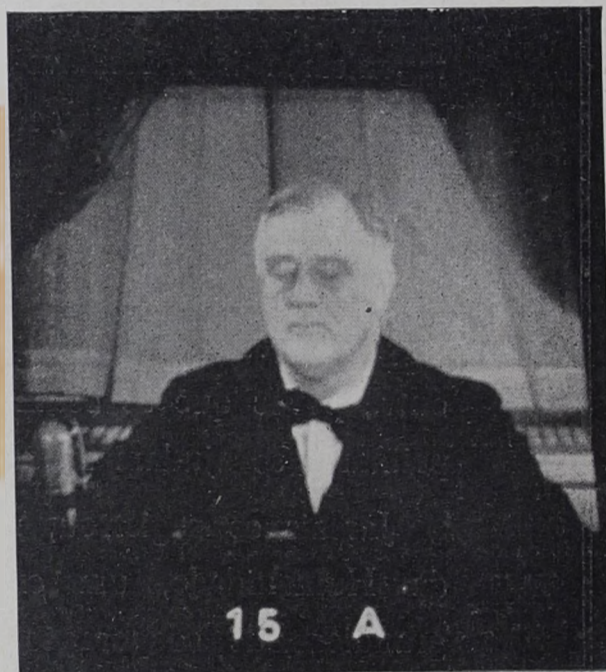
ideal que a enobrece. Sobreviver à custa da abdicação e da vergonha; poupar-se ao sofrimento e à ameaça, renunciando à própria maneira de viver pôde convir a outros povos que já deram uma grande contribuição ao progresso humano e que por isso talvez tenham conquistado o direito de furtar-se ao sacrifício. Não à América, porque a América representa a juventude do mundo. E’ um impulso para o futuro. E o futuro não pôde ser conquistada com renúncia, sem sacrifício.

Esta é a hora da América. A reunião dos chanceleres marcou, nitidamente, uma nova era para o mundo.

Ela não decidiu apenas o destino dos povos deste hemisfério para um século ou dois. Ela marcou, no calendário das idades, um novo período para a Humanidade inteira. Marcou a hora da solidariedade que há de preparar a verdadeira paz para todos os povos, dentro dos princípios que baseiam e norteiam a vida americana.



CURIOSO FLAGRANTE DE UM INSTANTE HISTORICO



○ instante historico em que o presidente Roosevelt após a sua assinatura ao texto da declaração de guerra, por parte dos Estados Unidos, ao Japão, foi, como não podia deixar de sê-lo, fixado no celuloide por todos os "jornais" cinematograficos americanos, esses preciosos elementos de documentação e divulgação do mundo moderno. Os instantaneos que aqui reproduzimos, tem a originalidade de terem sido tomados por um leitor d'O MALHO, de maneira inédita, isto é, foram colhidos durante a exibição, num dos nossos cinemas, de um desses jornais ilustrados, e por isso constituem verdadeiro "furo" jornalístico... pelo menos no que diz com a maneira de consegui-los...



A GUERRA NO PACÍFICO

Em diagonal nesta página um mapa da região, vendo-se claramente figurada a base norte-americana de Pearl Harbor, nas ilhas Hawaii, por onde se iniciou a 7 de Dezembro do ano findo o súbito ataque japonês.

A

TACANDO de surpresa o posto avançado norte-americano de Pearl Harbor nas Ilhas Hawaii os japoneses estenderam a guerra a todo o mundo.

Contra o triunvirato totalitário as democracias se uniram mais solidamente e 26 nações assinaram uma importante declaração de solidariedade contra o Eixo.

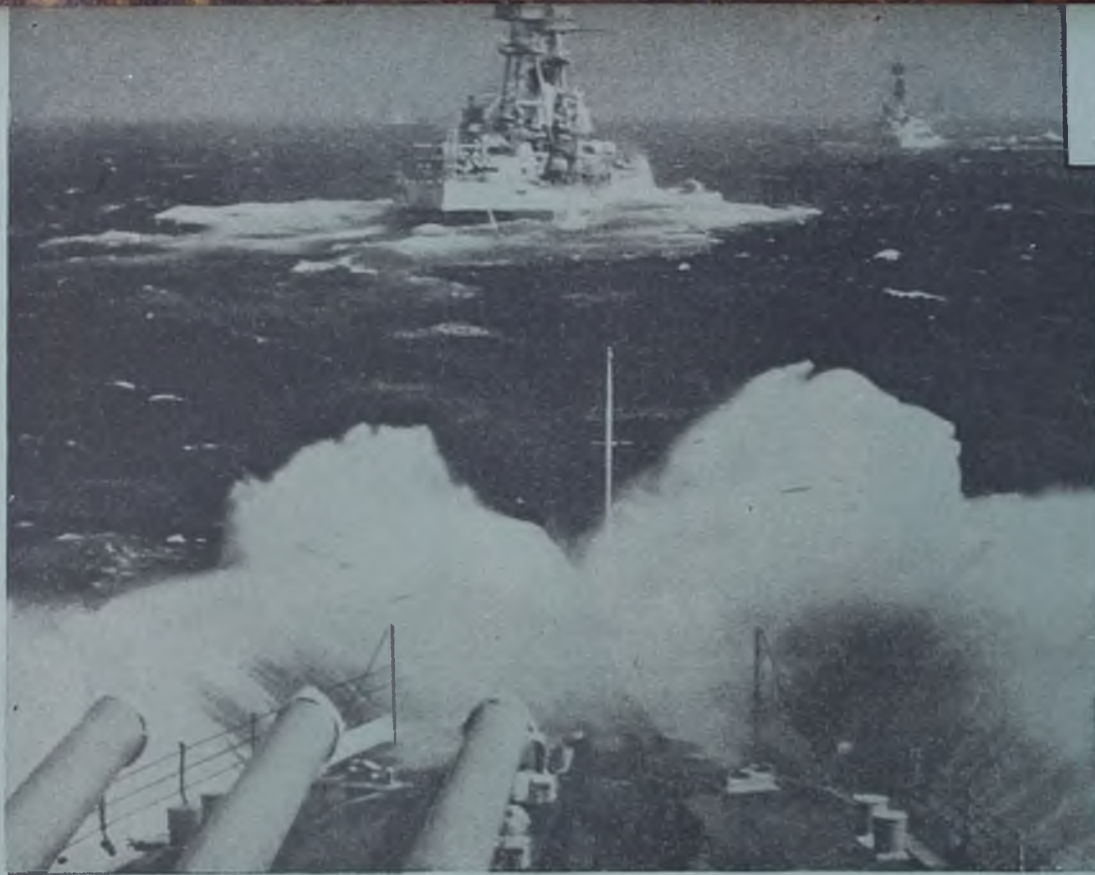


O general inglês Sir Archibald Wavell, Comandante Supremo de todas as forças aéreas, navais e terrestres — que opera no sudoeste do Pacífico. Sob as ordens do general Wavell, o almirante Thomas C. Hart, da marinha dos E. E. U. comanda todas as forças navais da região.

OCEANO PACÍFICO
PEARL HARBOR



O almirante Isoroku Yamamoto, tido como o mentor supremo das operações militares japonesas.



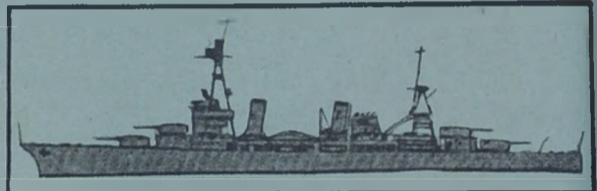
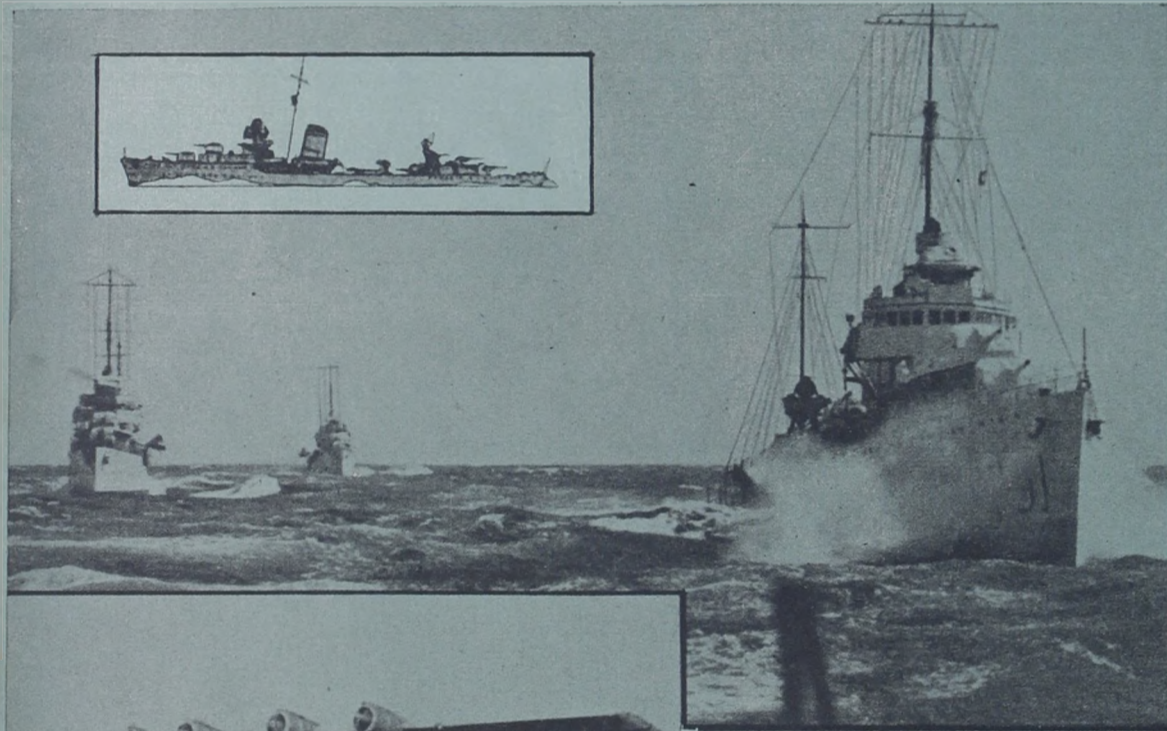
A frota norte-americana do Pacífico em mar alto. Da coberta de um encouraçado avistam-se ao largo dois outros: o "Oklahoma" e o "California". Os E. E. U. U. já contam com 17 navios desse tipo. E tem em adiantada construção mais 15.



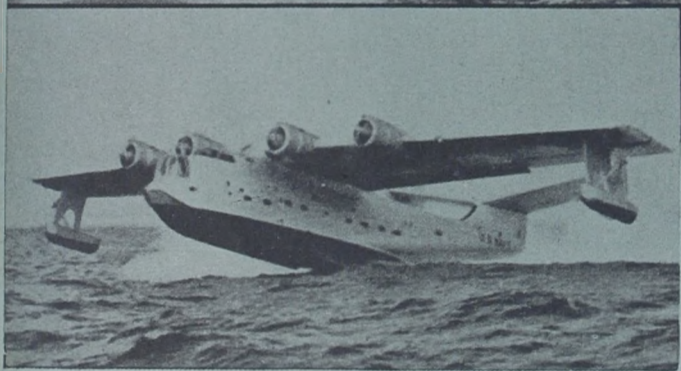
Da conferência em Washington, entre o presidente Roosevelt e o ministro Churchill, resultou também o estabelecimento do Supremo Comando Aliado no Sudoeste do Pacífico confiado, por proposta do Presidente norte-americano, ao General inglês Archibald Wavell que teve, no inverno passado, extraordinária atuação contra as forças itálicas na Líbia. Por outro lado o bravo Generalíssimo Chiang-Kai-Chek, aceitou o Comando Supremo de todas as forças aéreas e terrestres que operam no teatro bélico chinês, inclusive em partes da Indo-China e Tailândia.

As forças aliadas, assim intimamente congregadas, realizarão oportunamente poderosas ações ofensivas.

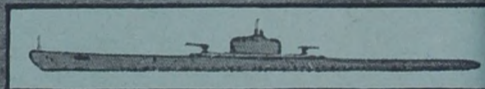
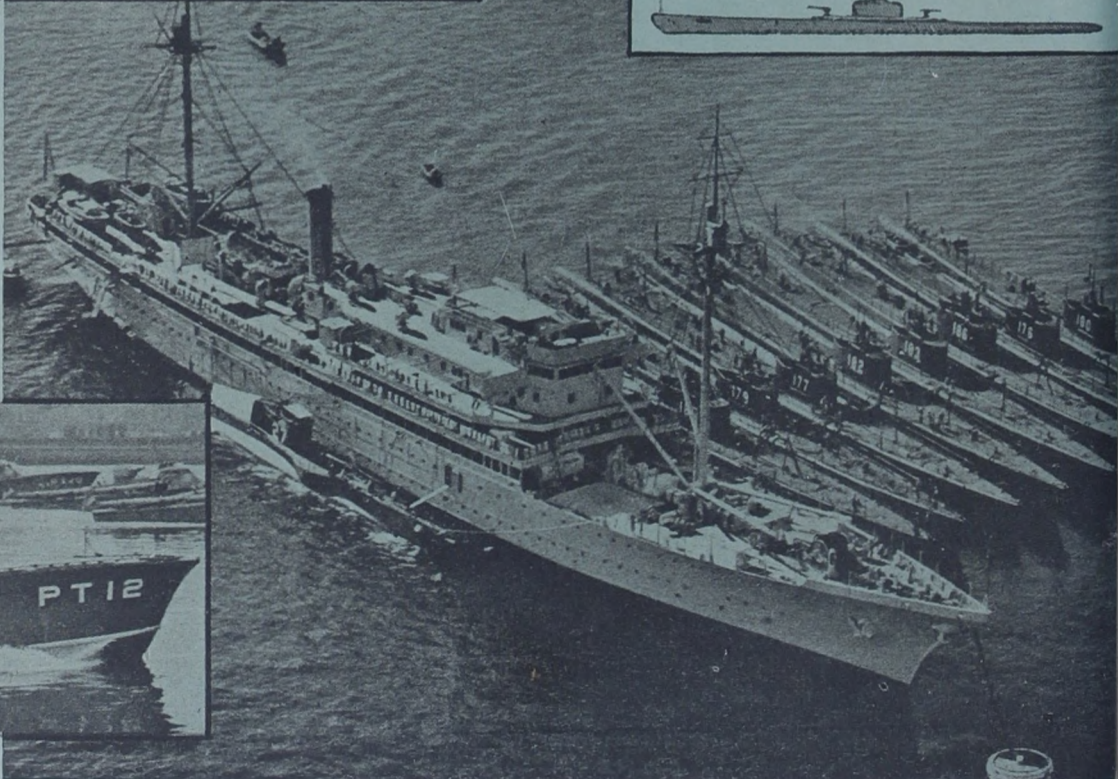
Estas páginas procuram dar uma visão de conjunto da Guerra no Pacífico. Aí estão as efígies dos comandantes supremos das forças adversárias, um mapa muito claro do amplo teatro da luta, visões da esquadra norte-americana, fotografias de Singapura, a grande e famosa base naval inglesa e aspectos das forças de terra, em presença, e dos efeitos dos bombardeios nipônicos.



AO ALTO: — Silhueta dos cruzadores norte-americano. São ao todo, já, 37. E estão em construção mais 54. A ESQUERDA: — Três esbeltos e... destes destroyers norte-americanos. São os "navios de todo trabalho", sempre rápidos em qualquer missão. Em serviço existem 167 e em construção mais 197. EM BAIXO: — Uma esquadilha de submarinos, após longos cruzeiros, retorna ao seu navio base, no caso o "Holland", para reabastecimentos e eventuais reparos. Os E. E. U. U. contam com 112 submarinos em serviço e terão em breve mais 74.



O novo avião de bombardeio construído por Tio Sam para a sua força aérea e para a R. A. F. E' o modelo maior do mundo.



As famosas lanchas patrulhas torpedeiras norte-americanas, extraordinariamente sólidas e velozes. As letras P. T. — significam "patrol torpedo boat". A sua insignia é um mosquito cavalgando um torpedo.



Soldados filipinos do Exército Norte-Americano nas Ilhas Filipinas.



1



3



2

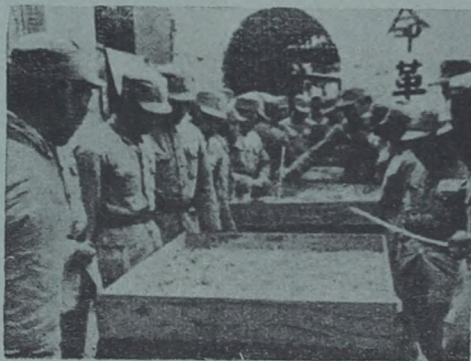


4

Aspéctos das forças nipônicas e de seus ataques: — 1) A infantaria de marinha prestando juramento à bandeira. 2) Exercícios de assalto do exército japonês. 3) Destruição, pelo bombardeio japonês, de uma cidade chinesa. 4) Garoto chinês, nas ruínas fumegantes de sua casa, arrezada pelos aviões japoneses.



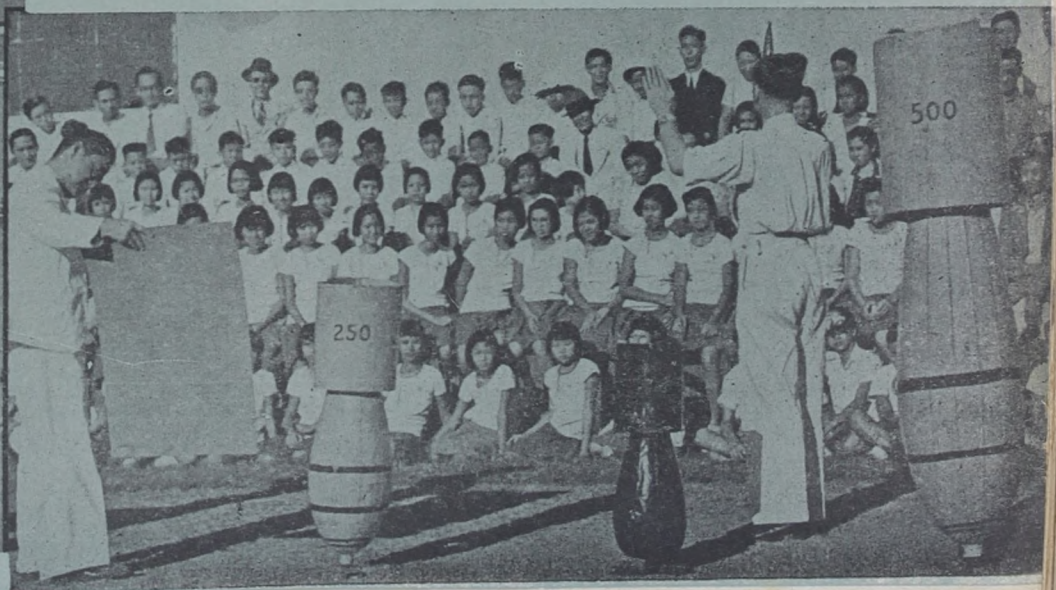
AO ALTO: — Um jovem guerrilheiro da China Central. "A guerra de guerrilhas, disse o Generalissimo Chiang, é na China mais importante do que a guerra de posição". A DIREITA: — Tropas chinesas preparando um contra ataque aos invasores nipônicos, sobre mapas modelados com admirável fidelidade, em grandes caixões de areia. EM BAIXO: — Vista aérea do coração de Singapura, a grande base naval inglesa do Pacífico, o "Gibraltar Oriental".



A eficiente e brava polícia militar de Singapura, quase toda constituída de reservistas indianos.



Utilizando modelos em madeira, representando bombas reais de aviação de 100, 250 e 500 libras, instrutores em Singapura ensinam aos alunos de uma escola, o funcionamento das bombas e as medidas passivas de defesa contra aviões.





O Presidente da República e o Ministro da Educação, à frente da comitiva, são recebidos pelo professor La-Fayette Côrtes, diretor-geral, à entrada do parque ajardinado, fronteiro ao novo edifício da sede do Instituto La-Fayette.

INCENTIVANDO AS GRANDES INICIATIVAS



O Presidente da República responde aos agradecimentos do professor La-Fayette e discursa sobre a obra educacional do Instituto La-Fayette...

... prendendo a atenção da numerosa assistência, na qual se notavam, entre outras representações de entidades culturais, as da Escola Naval e Militar, assistência que, depois, o aplaudiu vivamente.



Após a inauguração do novo edifício, o professor La-Fayette Côrtes dá as boas-vindas ao Chefe do Governo, oferecendo uma taça de champanhe à S. Excia., ao Ministro da Educação, às Casas Civil e Militar da Presidência, aos representantes dos Ministros da Justiça, Trabalho, Agricultura, Viação e Aeronáutica; ao Coronel Pio Borges, às altas autoridades do Ensino, ao Procurador Geral do Distrito Federal e demais pessoas graúdas presentes.



O Presidente Getúlio Vargas, no gabinete de geografia, observa as modernas instalações didáticas, idealizadas e executadas pelo Instituto La-Fayette, incluindo dentre elas a sala de história da civilização e o gabinete de psicologia experimental, conjugado com o de biotipologia, a cargo do Dr. Elyno Souto Lyra.



O Chefe do Governo e comitiva, após a visita ao gabinete de psicologia experimental, onde se realizam as aulas práticas do curso complementar, dirige-se para uma das galerias centrais, onde se abrem as portas das salas comuns de aula e das especiais de desenho, música, psicologia, biblioteca, história, geografia, gabinetes e laboratórios de ciências físicas e naturais, sendo esses últimos no 2.º pavimento e os demais no 3.º pavimento e no 4.º.





ARTE' FOTOGRAFICA

Interior da Igreja de São
Francisco — Bahia.



Flagrante do chá darsante oferecido pelo Jockey Club, no Hipodromo da Gavea, no dia 3 de Janeiro, ao qual compareceu a mais fina sociedade carioca.

JOCKEY CLUB ELEGANTE



O casal A. J. Peixoto de Castro, entre amigos no chá do Jockey Club



Dircinha Batista e Grande Othelo, do show do Casino da Urca, por ocasião do chá realizado no Hipodromo da Gavea.



Outro aspecto da concorrida e elegante festa promovida pela grande sociedade desportiva a que o Rio deve tantas reuniões chics do mais alto relevo social.

A

As joias da poesia brasileira

O ALTO DA MONTANHA

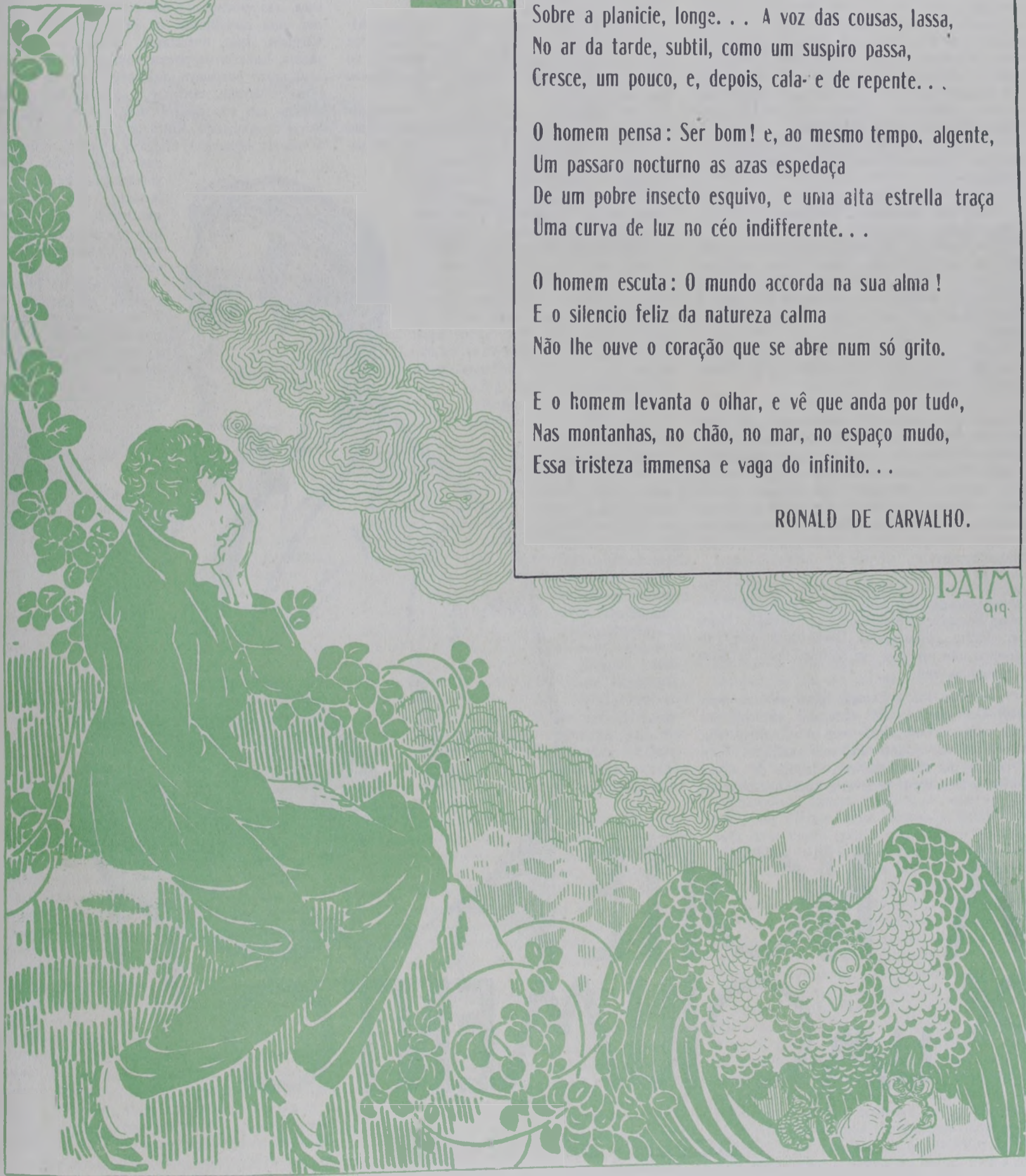
O homem medita. A sombra ondeia, suavemente,
Sobre a planície, longe. . . A voz das cousas, lassa,
No ar da tarde, subtil, como um suspiro passa,
Cresce, um pouco, e, depois, cala e de repente. . .

O homem pensa: Ser bom! e, ao mesmo tempo, algente,
Um passaro nocturno as azas espedaça
De um pobre insecto esquivo, e uma alta estrella traça
Uma curva de luz no céu indiferente. . .

O homem escuta: O mundo accorda na sua alma!
E o silencio feliz da natureza calma
Não lhe ouve o coração que se abre num só grito.

E o homem levanta o olhar, e vê que anda por tudo,
Nas montanhas, no chão, no mar, no espaço mudo,
Essa tristeza immensa e vaga do infinito. . .

RONALD DE CARVALHO.



Valdomiro não pôde chegar a tempo. Recomendou ao motorista que usasse da máxima velocidade. Os assuntos de amor, para ele, estão acima dos regulamentos de trânsito. O automóvel parecia voar sobre o asfalto. Mais veloz do que uma ambulância de emergência. Porém, quando chegou nos portões de ferro da Estação, o trem já se afastava, entre apitos estridentes e chios nervosos, para se perder, mais além, no poeiral de uma descida.

Valdomiro, com os nervos sob a emoção da corrida, foi até ao local de onde saíra a composição, como que para se certificar. Estava afobado, num estado de nervos que logo se denunciava pelo seu olhar acêso, fixo como a intenção de um homem falido num bilhete de loteria.

Viu o último carro se sumir. Ouvia os apitos que o viajavam na distancia como um escolar gaiato. E, com um sacudir de ombros, lançou ainda um último olhar naquela tromba de fumaça que corria no horizonte, por cima da copa das árvores baixas e da cobertura encaronhada das vilas operarias.

— Perdeu o trem, cavalheiro? perguntou-lhe um guarda de tráfego, imaginando-o em desespero.

— Vai bem, muito obrigado...

— Não, cavalheiro. Perguntei se o senhor perdeu o trem...

— Ah! sim, desculpe. Não, não o perdi. Só vim atrás de uma pessoa, para entregar-lhe isto... respondeu Valdomiro, colocando novamente a cabeça no pescoço e baixando o olhar para um retrato que trazia mal embrulhado...

— Pois é pena, cavalheiro! falou o guarda. Mas amanhã, às 7 horas, há outro trem para a mesma linha...

Valdomiro voltou ao automóvel sem se despedir do guarda. Ao sentar-se, bateu violentamente a porta. O automóvel, com a mesma marcha, tomou o rumo de casa. Valdomiro tinha nos nervos essa velocidade. Queria correr, voar sem saber para que. A agitação das ruas, o rumor dos bondes e o buzinar dos caminhões faziam um tumulto dentro da sua cabeça. Desembrulhou o retrato. Olhou-o demoradamente.

Não era a primeira ocasião que tinha desavenças com Virgínia. Por várias vezes haviam brigado, se insultado e se separado. Nunca, porém, como agora. Basta dizer que Valdomiro não pensava em reconciliação. E dizia consigo mesmo:

— Não fui à Estação para detê-la, nem pedir-lhe perdão. Só desejava entregar-lhe este retrato. Felizmente não a encontrei. Ela agora vai ver quanto dói uma saudade! Teve coragem de abandonar-me, depois de haver ferido o meu amor próprio e humilhar-me com

a sua indiferença! E o interessante é que depois de tudo, ainda me dizia que tinha razão, que o direito estava com ela, que era uma infeliz! Pensa que eu agora devo me humilhar, como nas outras vezes, eternamente sujeito aos seus caprichos! Está muito enganada! Que leve a breca! Jamais a procurarei, jamais!...

O automóvel parou na rua marginal do jardim público, diante de uma casa fechada, com cortinas brancas na vidraça. Valdomiro nem sentiu a viagem. Chegara num salto num abrir e fechar de olho. Pela primeira vez na vida não pediu troco ao motorista. Outros, atordoados pelos problemas do amor, jogam, bebem ou apenas se suicidam. Valdomiro começava a se desgraçar com a doação de uma régia gorgêta...

Saltou, dando um até logo em inglês. Assobiou sem saber porque. Alguns trechos de músicas aliás adaptados ao caso, boiaram do fundo da sua alma, indo mecanicamente ao seu assobio.

Na casa havia um silêncio de abandono. As duas empregadas, uma arrumadeira e uma cozinheira, que tinha botado em casa unicamente para atender aos desejos de Virgínia, haviam saído para uma voltinha, pois àquela hora sempre estava pronto o jantar do casalzinho sem filhos, como diziam os vizinhos.

Valdomiro se sentiu cansado. Parecia haver carregado grandes fardos. Uma moleza danada tomou conta do seu corpo. Foi ao quarto. Botou aquele retrato, que era o de Virgínia, na sua pôse feliz, sobre uma cómoda espelhada. Sem tirar os sapatos e o casaco, deitou-se para pensar. Nunca julgou que Virgínia fôsse tão ingrata. Sempre lhe foi dedicado.

Nada lhe faltava. Chegou mesmo a adorá-la. Mas agora, por uma brigazinha de nada, dessas que dão a certeza da felicidade aos casalinhos novos, largou-o indiferentemente, para voltar à casa de seus pais, naquela vilazinha humilde da Estrada de Ferro. Sim, tinha toda a razão. Era o mais ofendido dos

homens. Virgínia desse momento em diante estaria morta para ele. Que vivesse a sua vida.

A noite veio logo. Uma noite triste, toda furadinha de estrelas, que tremiam como misangas na barra de um vestido de setim negro, dansando num salão iluminado. Valdomiro juntou como um homem cheio de razão. Tinha no espirito essa indiferença de quem se julga superior. A conciencia lhe dava a resignação de um mártir. Era natural que ainda pensasse em Virgínia. Obra de um longo convívio. Tudo ali falava dela. A mesa de refeições, as cadeiras, a toalha, os quadros das paredes. Até aquela sôpa, aquela sôpa de ossos que tantas vezes achara sem sal, impunha-lhe a lembrança de Virgínia, que andava em todos os cantos da casa, nas evocações e nas sombras. Havia mesmo uma semelhança da sala de jantar com Virgínia. Isso, entretanto, coisa sem importância, haveria de passar com o tempo. Agora Valdomiro precisava demonstrar a sua fortaleza de ânimo, custasse o que custasse, até mesmo um ano de sofrimento e de saudade. Seria compensado. Voltaria a ser feliz, isto é, à vida de solteiro. E chegava a se envergonhar

das humilhações que sofrêra nas brigas anteriores, por motivos geralmente atôas, em que era sempre o primeiro a reconciliar as coisas.

Lá fóra, na Praça, o luar esburacava a a fronde das mangueiras, manchando de luz a relva dos canteiros. Sem ter de dar satis-



A NOITE DE UM CIUMENTO

OCÉLIO DE MEDEIROS



fações a ninguém, ao contrário das noites anteriores, Valdomiro foi passear pelas

alamedas ensombreadas, para fazer a digestão e tomar um pouco do ar frêscio da noite. Acendeu mesmo um charuto, sem aqueles escrupulos de sarrear a bôca, com que se privava das grossas baforadas de um puro baiano. Com as mãos para traz, como se estivesse perdido no espaço, deu mecanicamente algumas voltas na praça. Pensava nos seus direitos ofendidos, na sua máguia de homem! Como havia sido tôlo! Tanto tempo subjugado aos caprichos de Virginia! E agora? Do que valeu tanta dedicação? Tudo dera em nada. Mas estava com a certeza de que Virginia não lhe era tão necessária. Sentia-se capaz, não só de esquecê-la, mas até de odiá-la para o resto da vida. E, para mais se impressionar como vitima, enumerava os mil defeitos de Virginia, que somente agora conhecia: ingratidão, indiferença, deslealdade, pouco caso...

As crianças não mais brincavam de esconder, pelas grotas e debaixo dos carramanchões, machucando nas suas correrias as plantinhas moles. Uma menina que corria de bicicleta já fôra embora. Os namorados já haviam abandonado os bancos do jardim. Valdomiro, que também se sentára para descansar, espiou para a lua caôlha, arregalada e feia, que o fixava do céu. Não encontrou, ao alhá-la, a razão por que tantos poetas lhe fazem poemas. Mediu os seus pensamentos. Havia pensado, tanto quanto dois charutos, coisas que a fama não levou, pois ficavam acumuladas no fundo de sua alma. Poucas pessoas andavam calçadas.

Resolveu ir dormir. Talvez um guarda-noturno lhe viesse pedir um cigarro.

Estava agora deitado, no quarto escuro, com a pretensão de sonhar tranquilamente. Ageitou a cabeça no travessão. Embrulhou-se. Teve o cuidado especial de cobrir os pés, que pareciam ter sido esfregados no gelo, de tão frios que estavam. Virginia, porém, voltou a tomar o seu pensamento. Mais do que nunca se tornava presente na sua alma. Aquêlê vazio, ao seu lado, era a memória de seu côrpo. Parecia vê-la deitada. Um vulto branco, na treva da noite. Aquêlê travessão tinha a sombra de seus cabelos soltos. Justificava, no entanto, com a tranquilidade de um filósofo, êsse martírio da imagem. Seria impossível desprender-se de uma vez. E, num esforço supremo, desviou o sentido de suas preocupações, procurando a liberdade na confusão das idéias. Pensou até nas dividas do padeiro e no ultimo assassinato da cidade.

Valdomiro fechou ainda mais os olhos para chamar o sono. Virginia se desenhava nas suas palpebras, em altos e baixos relevos, entre manchas de luz de todas as côres, encarnadas e azuis. Não podia dormir. Até o sono era contra êle. O silêncio o perseguia. Fazia-o ouvir as próprias conjecturas. Não há maior suplicio, para um temperamento enfermo, do que o silêncio da insonia. Há em si toda a monotonia da eternidade.

Levantou-se. Acendeu a luz. Sua vista, castigada pelo escuro, foi se encontrar direitinho com aquêlê retrato de Virginia, que à tarde colocára sôbre a cômoda espelhada. O retrato tomou-lhe todo o cérebro, sorridente e ironico, numa impressão violenta, como o ar dominando o vacuo. Abriu as janelas. O trinado de uma cigarra invadiu o quarto como apito de usina. O vento frio da noite, molhado pelo perfume das mangueiras floridas, trouxe-lhe aos ouvidos o nome de Virginia. Começou a compreender que não era tão facil libertar-se. Era o martírio

de lembrar permanentemente o que devia esquecer. Valdomiro recordou os motivos do incidente. Reconstruiu as cenas. Pesou os antecedentes. Contou as vezes em que se tinham reconciliado, apesar de as brigas serem maiores. Viveu, então, a segunda fase de seu sofrimento. Do homem que tinha razão, que se julgava humilhado e ofendido no seu amôr próprio, passou ao homem culpado, renitente e neurastênico.

Olhou de novo para o retrato. Virginia parecia zombar, com aquêlê sorriso e com aquela ironia, num ar de indiferença, do seu sofrimento. Lamentava agora a imprevidencia. Deveria ter sido mais cordato. Não soube conduzir a questão com a devida habilidade. Meditava nos riscos de sua felicidade, expondo Virginia aos olhares a heios, cubiçosos e persistentes. Os rapazes da Vila desfilaram na sua imaginação. Otavio, Alberto, Mario, Antonio, Armando, Silvio... Parou no Silvio. Reconstruiu-lhe o tipo, com aquelas espaldas largas e aquela sua voracidade galante... A idéia que logo de início rejeitara ganhou côrpo no seu espirito. Virginia e Silvio, Virginia e Silvio, Virginia e Silvio, — eis o tic-tac do relógio, dentro da noite, dentro da sua cabeça.

Novamente se deitou. Mexia-se. Remexia-se. Novamente se levantou. A insonia era Virginia. A insonia era Silvio. Por várias vezes abriu e fechou a janela. A noite perseguia-o com aquêlê tic-tac. Tinha uma fogueira na cabeça. O cérebro estava numa tremenda exaltação. Os pés cada vez mais esfriavam. E o coração, numa ânsia opressora, amassado pela mão crispada do ciúme. Lembrou-se:

— Ainda ôntem, Virginia me falou em Silvio...

A imaginação enferma pintou-lhe nos olhos inumeras cenas de conquista. A noite continuava parada, em extase, como um artista arrebatado, muda e suspensa. Valdomiro viu, na sua crise, Silvio aproveitar-se o mais possivel da oportunidade. Virginia, com aquele sorriso, correspondia aos galanteios. Uma visita apenas, de inicio. Olhares perdidos no espaço, depois. Finalmente, a posse, a posse do que era seu. E, torturado, tinha impulsos estranhos, com o pensamento fixo em Virginia.

Valdomiro encarou aquêlê retrato. O ciúme instiga o amôr, como as fêras enjauladas, com tudo que possui de mais primitivo. A sensibilidade, toda impregnada de Virginia, debatia-se-lhe no seu intimo, sem poder se expandir. Sentia-se agora perdido, abandonado, sacrificado. Não, não podia ser assim, Virginia fazia-lhe falta, uma falta doida, nessa hora. Um ardume de sangue esquentou-lhe o rosto. Um nó esquisito entalou-lhe a garganta. Era um bôlo de ar que não passava, sufocando-o, asfixiando-o. Estava possuido de uma vontade louca de chorar, num desabafo humilhante, para lavar com lágrimas a sua dôr, o seu amôr próprio excitado. E, no seu desespero, foi beijar humildemente aquêlê retrato, numa antecipaçoão ao seu pedido de perdão.

Levado por uma força estranha vestiu-se para sair. Não podia permanecer mais naquele quarto, que era todo Virginia, que era todo o seu amôr. Iria andar pela noite. Iria buscá-la. Virginia haveria de compreendê-lo mais uma vez. Sofrer por ela, humilhar-se, implorar que o ouvisse, beijar-lhe até os pés, se preciso fôsse, forçá-la a que o atendesse, a que voltasse de novo, — eis o que ansiava por fazer na expansão mais deliciosa de seu amôr. E, ainda de madrugada, procurando descobrir os primeiros clarões do sol nos confins da rua, Valdomiro tomou o caminho da Estação, com os cabelos assanhados, a expressão castigada, e, nas olheiras fundas, um ar estranho de dôr e de felicidade... Sentia no coração uma angustia exquisita de sangue pisado.

APERTADO em sua sobrecasaca florida de vermelho na lapela, a fisionomia glabra iluminada por um olhar melancólico, a boca palpitante de versos, que ele recitava baixinho, os cabelos hirtos e cobertos por uma cartola a Carlos X, Victor Hugo, depois de haver fechado com brandura a porta da sua casa, ganhou o boulevard do Templo, onde a multidão policroma se divertia ruidosamente.

Mulheres e homens, disfarçados ou dissimulados sob amplos dominós, circulavam ao longo das barracas, em que os charlatães tapeavam os incautos. Começava a chover, mas a vontade de pandegar, nessa noite de terça-feira gorda, era tão forte, que não conseguia dispersar os papalvos.

Afastando a cotoveladas ou com o punho os pares embebedados que, em frente ao circo "Olympique", trauteavam canções alegres, à luz amarela e tremula do gás, o poeta proseguia o seu caminho. Marchava indiferente à rua, só meditando nos versos que lhe vinham à mente.

Iria com "ela" ao baile de máscaras no "Variétés"? Passaria em casa dela uma noite na intimidade?

"Ela" era Juliette Drouet, a princesa Negroni de "Lucrecia Borgia", com quem, nessa noite de 17 de fevereiro, se encontrava pela primeira vez...

Dirigindo-se para o n.º 19 do Boulevard Saint-Martin onde ela morava, o poeta evocava a sua imagem, e essa fagueira visão aquecia-lhe o coração. Aos trinta e dois anos, ele se sentia atrozmente abandonado, depois que a esposa começou a preferir ao seu amor candente a amisade ritar de frio. Um palhaço ria, nervosamente, abraçado a uma **grisette** embriagada. Bombardinos, trombones chicoteavam os ouvidos dos transeuntes. Para desopilar o figado de um **pai João**, uma **bayadera** puxou uma das abas da casaca do poeta, no mesmo momento em que era salpicado

O MALHO



Um amor que

de lama por um **cabriolet** cujo guia atirava piadas irritantes. Victor Hugo apressou o passo afim de chegar, o mais rápido possível, à casa da deusa que o esperava impaciente.

Foi ela que lhe abriu a porta.

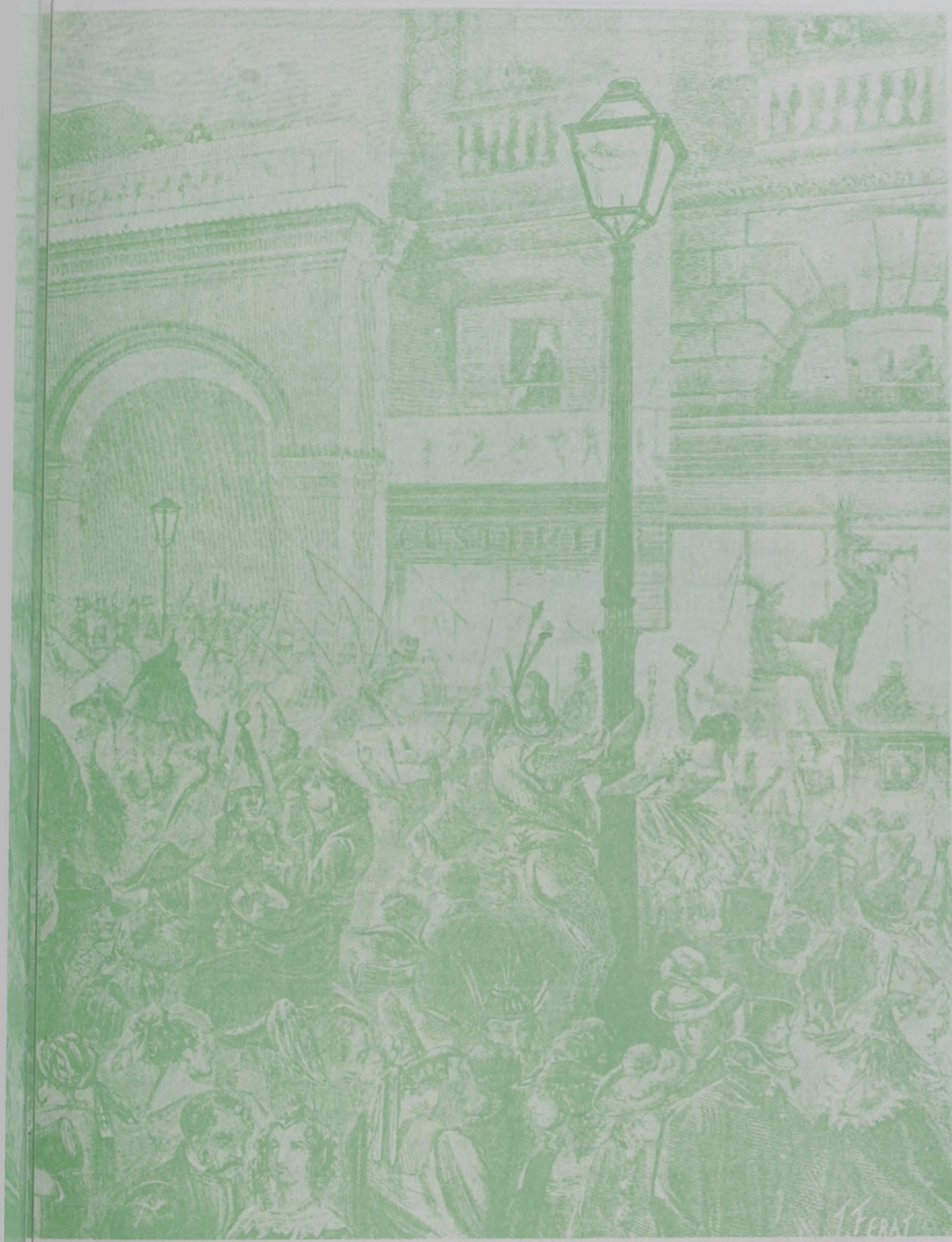
— Até que enfim!, exclamou Juliette. Estava com medo. Você se demorou tanto!

E ela foi fechar a janela à que estivera, ardendo por vê-lo assomar

à esquina. O ruído da rua serenou. Em volta deles, reinava a paz, uma paz que, lhes parecia tanto mais agradável quanto o boulevard em festas estava mais perto.

Enfim, sós...

Victor Hugo contemplou-a como si nunca a tivesse visto. Como era linda a sua Juliette com aquele olhar langoroso e cintilante, tão atraente na alegria como na tristeza! Aquê-



A multidão polícroma se divertia ruidosamente...

nasceu no carnaval

CONTO DE FRANÇOISE MOSER

Os cabelos negros luzídios tornavam mais brilhante a brancura de sua dona. O poeta envolveu a sua musa num amplexo febril...

Subito, vendo o semblante d'ele contrair-se, ela perguntou, assustada:

— Que tem?

Um rictus doloroso descobriu os dentes magnificos do D. Juan. A vi-

são de Pradier, que modelara aquelas espáduas admiraveis, a recordação de Alphonse Karr, que as celebrara infamemente, aqueles moveis aqueles quadros que a circundavam e que lhe lembravam outros adoradores, aquê leito, tudo o que êle via, tudo o que êle imaginava, exasperava os seus nervos. Os soluços, que êle continha a custo estrangulavam-no.

Juliette advinhou a perturbação do seu Romeu e dirigiu para êle uns olhos claros, tão limpídos, tão cheios de candidez, e disse-lhe umas palavras tão doces, que êle se acalmou, reconquistou a confiança perdida. Um e outro se reclinaram nos braços amigos...

— Que tem ainda? — perguntou Juliette, notando que êle se inquietava novamente.

— Receio, murmurou entre a bôca e o ouvido da linda moça, que se ria do meu acanhamento. Sou noviço em amôr, ao passo que você...

Juliette olhou-o com anciedade.

— Ao passo que eu?...

— Você já amou... como se deve amar... Não proteste... Já saboreou outros beijos antes de mim... mais cálidos que os meus...

Ela se defendeu com doçura:

— Suportei-os... E' de você que espero a inteira felicidade. Acredite!

O creador de "Dona Sol" evitava ainda a bôca que se lhe oferecia. A essa altura, atravessou o espirito da joven um pensamento, já expresso em verso pelo poeta e que Marion Delorme declamou:

Os beijos do rival êle os veria, oh!
[Deus?

Juliette venceu a resistência de Victor Hugo, e os quatro lábios uniram-se numa chama.

— Eu o amo... Eu o esperava... Uma nova existência vai iniciar-se para nós...

— Eu o desejo.

O passado, que ela acabava de evocar, pairava ainda sôbre êles a pouca altura, na luz que o abat-jour rosa tamisava... Juliette estava apreensiva, pensando que se tornavam visiveis os beijos antigos, inesqueciveis, que o homem acaba sempre por descobrir no semblante sonhado...

Lá fóra, a multidão de foliões gritava, dansava, cantava, enquanto os pandeiros e zabumbas se casavam com as "relas" para aumentar o barulho pandemonico...



Expedicionário ártico capturando uma foca no Polo, cujo magnetismo dirige o regime meteorológico e climatérico da Terra.

PLANETA inquieto do sistema solar, acompanhado de um satélite que faz ondular os mares, sulcado pelas correntes telúricas da crosta, em cuja atmosfera se precipitam as geadas e os ciclones, cingido pelo magnetismo e pelas forças cósmicas, o glóbo terrestre oculta imensuráveis mistérios às criaturas sófregas, que habitam as suas ilhas e os seus continentes. Perturbações sísmicas, movimentos de vapores, circulação dos ventos, influências complexas e remotas, ionizações da estratosfera, auroras polares, ondas hertzianas, descargas eletrônicas do Sol, eis os sintomas do orbe, pelos quais se manifesta a vida planetária da Terra. Naturalmente, tentam os espíritos insaciáveis de curiosidade, descobrir as fontes da geofísica, os princípios do eletromagnetismo, as leis da astronomia, para melhor sobreviver às modificações que arrébatam consigo a civilização, sob o distante fulgor da Via Lactea. Para recapitular a primeira viagem de exploração polar, deveríamos retroceder aos Normandos, que singraram as águas articas, penetraram na América antes de Colombo e ao século IX, no tempo de Alfredo, o Grande, rei da Bretanha. Muitas outras se efetuaram depois, ora pela expectativa de aventuras, ora pelo espírito de ciência e pelo ideal de fazer descobertas. Com esse fim, em diferentes épocas, Suécia e França, Rússia e Inglaterra, Estados Unidos e Alemanha, Itália e Noruega, promoveram expedições ao Polo Norte e ao Polo Sul. Na hora atual, enquanto a guerra extermina os povos mais civilizados da Europa, o almirante Richard Byrd

A VIDA OSCILA SOB INFLUENCIAS REMOTAS

zarpa da América do Norte, à frente de uma expedição polar, na tentativa de descobrir os segredos da extremidade terrestre, segredos contemporâneos do nascimento do mundo e de cuja posse depende o domínio do homem sobre a natureza.

O expedicionário Karl Weyprecht, oficial da marinha austríaca, compreendeu nos fins do século XIX, as vantagens de desenvolver pesquisas magnéticas e meteorológicas, em todo o glóbo terrestre. Isoladas, distantes no espaço e no tempo, as experiências resentiam-se da falta de unidade, exigindo a combinação dos esforços científicos. As variações do clima, as altas e baixas temperaturas, os deslocamentos das simples tempestades e dos ciclones, observavam-se através enormes hiatus, prejudiciais à síntese dos conhecimentos. Regressando em 1873, de sua viagem à terra de Francisco José, concebeu Karl Weyprecht o projeto de instalar postos de estudos, esparsos através do orbe, mas ligados entre si para o exame simultâneo dos fenômenos geofísicos. Algum tempo depois, em 1875, as bases práticas da sua concepção, no Congresso de Gratz. No ano seguinte, por intermédio do embaixador francês em Vienna, insistiu diante da Academia de Ciências de Paris, pelo desenvolvimento da empresa. No Congresso Internacional de Meteorologia de 1879, que se efetuou na cidade de Roma, a idéia de Karl Weyprecht recebeu a aprovação dos cientistas. Pela primeira vez, as nações civilizadas se reuniram em torno de um nobre pensamento, afim de elucidar os segredos da terra. Antes de se tornar realidade, a morte suprimiu a vida de Weyprecht, mas a concepção deveria sobreviver para sempre e

perpetuar o seu nome. Há meio século, de Agosto de 1882 a Agosto de 1883, o mundo comemorou o primeiro ano polar, destinado a estudar a influência do Polo Norte e do Polo Sul, no regime meteorológico e climatérico do nosso planeta. Doze países participaram da comemoração internacional. Duas expedições científicas perscrutaram o Polo Sul, enquanto doze agrupamentos de meteorologistas e de físicos espalharam-se pela zona do Polo Norte. Datam daí muitas das medidas experimentais sobre a circulação atmosférica, o magnetismo terrestre, a rarefação das altas altitudes, a eletricidade solar e as aparições das auroras polares, que tanto interesse despertam pelo seu esplendor. Na carta dirigida a Henry Rawlinson, presidente da Sociedade Geográfica de Londres, o primeiro ministro Benjamin Disraeli proclamava em 14 de Novembro de 1874, em nome da Inglaterra, os benefícios das expedições polares e os seus influxos sobre os empreendimentos marítimos. Em 1927, o almirante alemão Dominik lembrou a oportunidade de refazer os ensaios de 1883, celebrando o segundo ano polar, em homenagem a idéia do explorador Weyprecht. Sob a presidência do sábio holandês Van Everdingen, a Sociedade de Meteorologia internacional formulou a série de trabalhos de 1932 a 1933. J. Hebert dá a estatística de vinte e quatro nações, que participaram e designaram meteorologistas às zonas articas. No Plano Quinquenal, a Rússia introduziu o estabelecimento de sessenta e nove estações meteorológicas e geofísicas, distribuídas na Sibéria e no seu território europeu. O Parlamento francês votou o crédito de quatro milhões de francos, afim de financiar a expedição científica da França, sob a presidência do general G. Perrier, membro do Instituto de Paris. Tudo isso para desvendar a vida cósmica e as remotas influências.

De Mattos Pinto

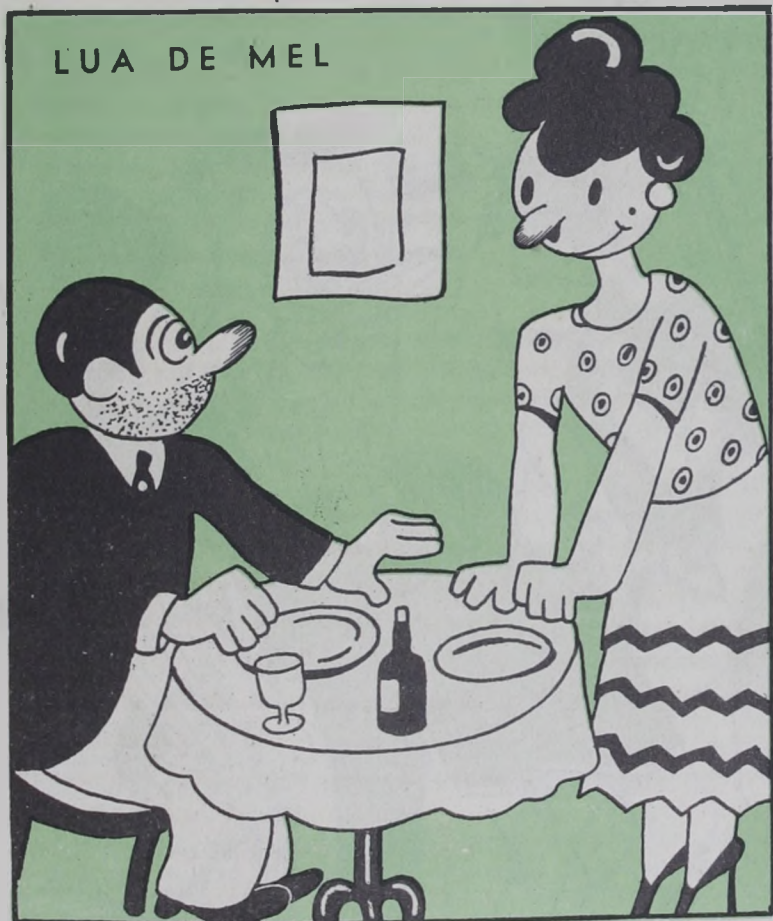
Rid se Quizer^{ooo}



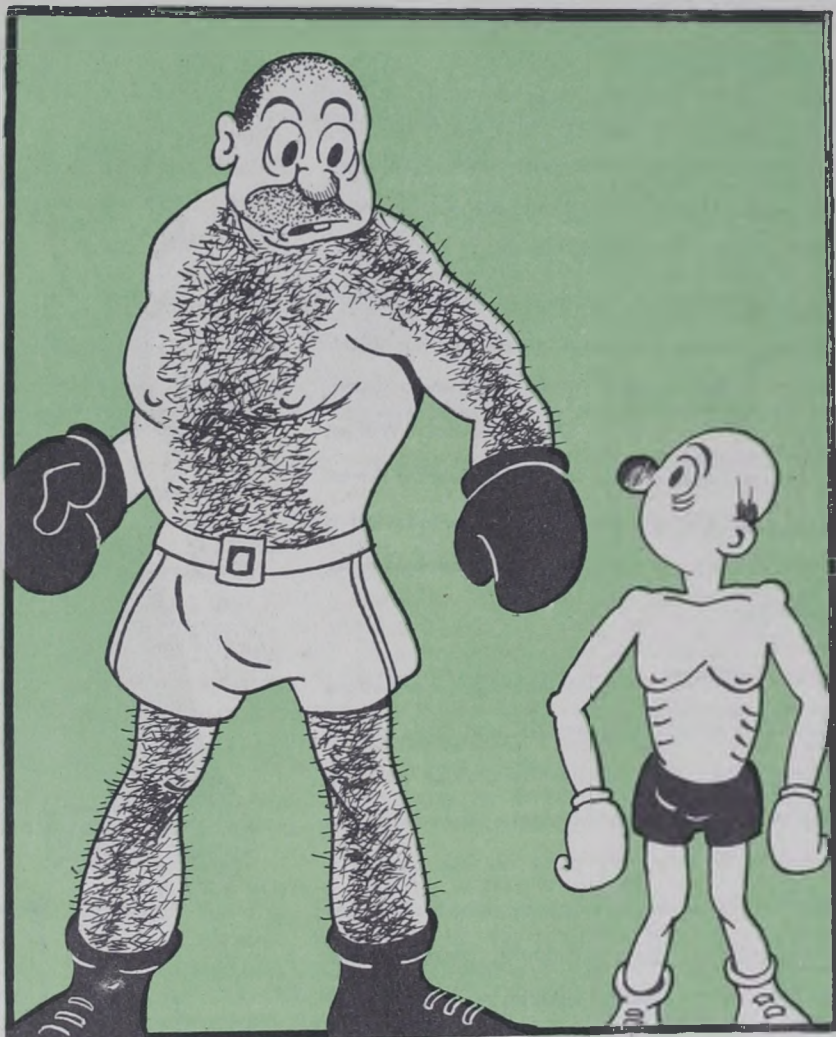
— Adeus, para sempre, meu amigo, nunca mais me tornarás a ver.
 — Deveras?
 — Juro-te.
 — Então, empresta-me aí cem mil réis...



— A senhorita não é apreciadora do grande Chopin?
 — Chopin? Não estou lembrada! Em que clube éie joga?



— Meu amor, o gatinho comeu o pudim que eu tinha feito para você!
 — Não faz mal, minha filha, eu compro-te outro gato...



ASSIM É MELHOR!

O MAGRO — Escuta, meu amigo; não seria melhor realizarmos esta luta por correspondência?

TUDO ISTO... E O SAMBA TAMBÉM

De ROMÃO DA SILVA

ESTAMOS na formosa cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro em pleno alvorecer de um novo ano.

A folhinha marca 5... Questão de esquecimento. Heloisa tem a mania de paralizar o tempo em minha casa. Todos os outros calendários marcam 6 — a não ser que haja muita gente desaparecida como esta cabecinha de vento que não tem em que pensar e por isso não olha o tempo que para mim galopa como os trens da Central.

6 de Janeiro de 1942. São precisamente 22 horas. Intensifica-se a chuva que desde ontem tem sido incessante.

Estou só, assistido unicamente pelas minhas múmias de bronze e os meus quadros célebres. Sobre a mesa, bem defronte de mim, tenho o meu inseparável Voltaire de gesso, uma pequena estatueta que pertenceu a um poeta que morreu na miséria. Os outros dependurados na parede e sobre as estantes, são — Maximo Gorki, Nietzsche, Freud, Van Gogh, Tolstoi, William Shakespeare, Machado de Assis, Castro Alves, Patrocínio e Cruz e Sousa. Todos parecem ter o olhar voltado para mim, como se estivessem me vigiando.

Acabei de ler a "Minha Vida", de Isadora Duncan, e estou entusiasmado, com idéia de escrever algo sobre ela. Isadora Duncan foi uma mulher extraordinária. Só agora, após ler o seu romance de memórias, pude ver isso, avaliar o quanto fôra grandiosa principalmente nas suas idéias sociais. Isso, entretanto, deixarei para amanhã. Tenho a mente cansada e a noite avança enquanto o ponteiro ladrão do despertador parece antecipar as horas.

Ouçõ do rádio de um dos vizinhos um dos últimos sambas quentes nascidos de motivos atuais para o carnaval que se aproxima, e apesar

da condição do tempo, foi já animadamente anunciado com as recepções do dia 1.º Um sambinha que começa assim :

"Vão acabar com a Praça 11...
Não vai haver mais escola de samba.
Não vai.
Chora o tamborim,
Chora o morro inteiro...
Favela, Salgueiro,
Mangueira, Estação Primeira,
Guardai o vosso pandeiro, guardai,
Porque escola de samba não sai..."

E' claro que estou gostando do sambinha do Grande Otelo e de... E afinal de contas,

quem não gosta ? E' um samba brasileiro de verdade, e agrada ao meu espírito patriótico, tanto quanto ao meu estado sentimental agradam as operas italianas de italianos por italianos, os bons fados portugueses cantados por portuguesas e as canções românticas francesas; tanto quanto me empolga o "Fox-Blue" na "Broadway" americana.

Neste instante não estou gostando do sorriso de Voltaire, que parece zombar da minha natural futilidade de patricio de Dorival Caymmi, Noel Rosa, Aracy de Almeida e Carmem Miranda Mas agora, que me importa a sua ironia ? Apesar da minha mentalidade intelectual, antes de conhecer o autor de "Candide", o creador da filosofia resignada de Pangloss, já sabia "o que é que a baiana tem".

Sou brasileiro da gema, e queira ou não, quando ouço chorar o tamborim, não sinto outra coisa, senão o fervilhar do samba nas artérias.

"Favela, Salgueiro,
Mangueira, Estação Primeira,
Guardai o vosso pandeiro, guardai ;
Porque escola de samba não sai..."

Não é possível. Tem que sair tudo. Do contrário... não adianta haver carnaval.



OS GRANDES MUSICOS

Francisco Braga

○ Asilo dos Menores Desvalidos, criado pelo Ministro do Império, João Alfredo, não abrigou apenas inteligências vulgares. Abrigou, também, duas glórias da arte brasileira: João Batista da Costa, o mestre pintor, e Francisco Braga, o mestre músico. O primeiro já desapareceu. O segundo, mercê de Deus, continua vivo, rodeado do carinho dos discípulos e amigos, vergado ao peso dos anos e das glórias que conquistou em sua vida de artista.

Francisco Braga nasceu a 15 de Abril de 1868, em Santa Teresa, no Rio de Janeiro. Filho de pais modestíssimos, surgiu do nada. Aos oito anos, recolheram-no ao Asilo, onde, desde logo, se destacou pela sua inteligência e pela sua decisiva vocação para a música. Ainda no Asilo, começou a frequentar o Conservatório de Música, hoje Escola Nacional de Música. Com a Proclamação da República, foi aberto um concurso para um "Hino da Proclamação da República", com letra de Medeiros e Albuquerque. O premiado seria o autor do hino que maiores aplausos conquistasse por ocasião de sua execução pública, para julgamento. Mas, apesar de ter sido o de Francisco Braga, o mais delirantemente aclamado, o prêmio foi dado a Leopoldo Miguez, que era o diretor do Conservatório, ao passo que Francisco Braga era simples aluno. O Governo, porém, reparou a injustiça, concedendo-lhe uma pensão, durante dois anos, para se aperfeiçoar na Europa.

Em Paris, mediante classificação em primeiro lugar, no concurso a que se submeteu com mais de trinta candidatos, foi admitido na aula de Massenet, no Conservatório. Terminado o prazo da pensão, foi o próprio Massenet quem se dirigiu ao governo brasileiro, pleiteando a prorrogação do período de estudos, tendo sido atendido. Braga, depois, viajou pela Alemanha, familiarizando-se com os ensinamentos da escola wagneriana. Fixou-se na ilha de Capri, onde compôs a "Jupira". De volta ao Brasil, realizou em São Paulo, uma brilhante série de concertos sinfônicos. Foi, por essa época, nomeado professor de Composição do Instituto

Nacional de Música, cadeira em que foi aposentado pela compulsória.

Fundada a Sociedade de Concertos Sinfônicos, a ela se dedicou Francisco Braga, de corpo e alma. E foi através da regência de centenas de concertos, que ele realizou, sabe Deus com que luta, o trabalho lento e exaustivo da educação do nosso público no gênero sinfônico. Pôde-se dizer que toda a sua vida ativa foi passada compondo, ensinando e divulgando o repertório de elite. Onde quer que surgisse uma iniciativa em prol da música, o seu nome era o primeiro que se inscrevia. Trabalhou exaustivamente. Conquistou com o próprio esforço a autoridade de que desfrutava. Apesar de afastado da atividade, por imperativos de saúde, Francisco Braga é ainda o Mestre, cuja palavra é ouvida sempre com respeito e acatamento.

Sua bagagem é vasta. Produziu muito em todos os gêneros. Evoluiu com a evolução, mantendo-se sempre clássico na forma. "Jupira", "O Contratador de Diamantes", "Anita Garibaldi", missas diversas, "Paysage", "Cauchemar", "Marabá", "A Pátria", "A Paz", "Oração pela Pátria", "Episódio Sinfônico", "Virgens Mortas", — são páginas repetidas a cada momento, e ouvidas sempre com entusiasmo. Mas há, mais do que tudo, para lhe imortalizar o nome, o "Hino à Bandeira", escrito sobre versos de Olavo Bilac, e que está na boca e no ouvido do Brasil inteiro.

Francisco Braga foi o músico brasileiro que mais trabalhou pela evolução musical, não só do Rio de Janeiro, mas de todo o país, visto que é daqui que ela irradia para os Estados.





BARROSO NETTO

Musica

POLONIA ARTÍSTICA, gloriosa Polónia dos deuses da divina arte dos sons! Chopin, Brailowsky, Paderewsky, Misha Elman, Heifets! E agora, Henryk Szeryng! É mais um polonês artista, excepcionalmente privilegiado, que aqui se apresenta. Mais um violinista assombroso, que nos vem da Pátria martirisada e heróica de Chopin! Szeryng é moço. Vinte e dois anos! Mas como *virtuose*, parece estar na casa dos quarenta. Mecanicamente falando, é completo e é perfeito. Artisticamente, é um temperamento transbordante, entusiasta, brilhante, impetuoso. Sua execução impõe-se, convence, é exuberante de brilho e de bravura. A Cultura Artística, apresentando-o, prestou mais um inestimável serviço ao nosso público musical.

ESTÁ EM FÉRIAS a hoje vitoriosa Orquestra Sinfônica Brasileira, criação do maestro Eugen Szenkar. Nos últimos concêrtos do ano, o repertório sinfônico brasileiro esteve representado por Carlos Gomes e Francisco Braga, de quem foram executados "*Overture*" da

"FOSCA" e "*Prelúdio*" do "CONTRATADOR DE DIAMANTES", respectivamente.

AS ONDAS MUSICAIS tiveram o desejo de fechar o ano com verdadeira chave de ouro. Para isso era preciso um grande nome. Grande! Dos maiores! Capaz de, a um simples enunciado, despertar no público vontade de aplaudí-lo. Pianista? Cantor? Violinista?

Pianista! O nosso público adora o piano. É o seu instrumento. Um grande pianista, pois, deveria ser a chave de ouro do ano. E o público incontável das *Ondas Musicais* despediu-se de 1941, ouvindo Magdalena Tagliaferro, com a sua arte perfeita, a sua bravura, o seu frazêio, o seu piano delicioso, enfim!

ESTA FUNDADO nesta Capital o Centro Lírico Brasileiro, do qual fazem parte várias personalidades de destaque no meio musical. Pelo título, vê-se logo que o Centro está disposto a trabalhar pelo desenvolvimento do nosso teatro lírico. Interessam-lhe, antes de nada, os cantores brasileiros, não só os que já têm cantado óperas, como os que desejam cantá-las, mas não encontram oportu-

tunidade. Evidentemente, o repertório puramente brasileiro também deve constituir uma das preocupações do Centro. É preciso que se representem, insistentemente, as boas óperas brasileiras, não só como trabalho de divulgação, mas, principalmente como estímulo para a produção de novas óperas. Como temos vivido até agora, não há libretista nem compositor que se animem a trabalhar . . . para as gavetas.

O momento deve ser aproveitado. Nenhum outro mais favorável à criação definitiva do "nosso" teatro lírico.

QUASE AO FINDAR o ano, tivemos na Escola Nacional de Música mais um recital de Rosina da Rimini. Toda gente já sabe que se trata de um fenômeno vocal raro. Rosina é a malabarista da voz. Tem a agilidade e o veludo da flauta. É um soprano lírico ligeiro, diabólico, surpreendentemente incrível! Um triunfo!

BARROSO NETTO foi homenageado pela Rádio Ipanema, na série de audições "*A vida dos grandes músicos*". A biografia do inolvidável mestre foi feita por Campos Ribeiro e o programa executado pelas duas irmãs Lilia e Sylvia Guaspari.

A ASSOCIAÇÃO MUSICAL Pró-Juventude fechou o ano com uma interessantíssima audição de sócios: cerca de quarenta jovens, que se associaram para cultivar o espírito e as aptidões musicais, em um meio em que a cultura da música de elite é a única razão de ser da Associação.

O primeiro ano de vida da Pró-Juventude foi de um ano de trabalho esfalfante. Mas os resultados colhidos foram os mais animadores, tudo fazendo crer que ela consiga realizar integral e facilmente o seu plano. Nem outra coisa merecem as irmãs Suzanna e Helena de Figueiredo e a Sra. Magdalena de Souza Pinto, três professoras, três animadoras, três heroínas, a quem a Pró-Juventude deve o maior quinhão de sua evolução brilhante.

O ENCERRAMENTO dos cursos e a distribuição de diplomas do Conservatório do Distrito Federal decorreram festivos no fim do ano passado. O ato teve lugar nos salões do Botafogo Foot-Ball Club, na presença do representante do Sr. Presidente da República e de altas autoridades federais e municipais.



O MAESTRO Romualdo Suriani, diretor da Banda da Fôrça Policial do Paraná, é também um compositor inteligente e interessante. Agora mesmo, inspirado no poema literario "Paiquerê", do escritor Romario Martins, escreveu a partitura sinfônica "Goio - Covô", nome dado pelos primitivos caingangues ao rio Iguassú, antigo rio Grande de Curitiba.

O autor trabalhou exclusivamente à maneira clássica e fez executar o seu poema no Club Curitibano, agradando francamente.

Pintura

ACHA - SE PENDENTE de despacho do Govêrno uma proposta feita pela viuva do escultor Hugo Bertazzon, para a aquisição do espólio artístico desse notavel escultor brasileiro. São cêrca de cinquenta trabalhos de pequenas dimensões, todos em gêsso, que a propoente se compromete a entregar ao Govêrno, depois de devidamente fundidos em bronze, e inutilizados os originais respectivos.

A proposta, já estudada pelas autoridades competentes, recebeu, ao que fomos informados, parecer favoravel, diante do qual tudo faz crêr que seja deferido o pedido da senhora Bertazzon. Tal solução virá evitar que se disperse uma coleção interessantíssima, onde há peças capazes de fazer figura em qualquer museu do mundo, não como obra curiosa, mas como trabalho genuinamente artistico.

Hugo Bertazzon foi, de fato, um escultor forte. Nasceu para a arte que abraçou. Tinha audácia de técnica e extraordinária energia expressiva nas suas figuras. Há em sua obra, um realismo impressionante. Seus tipos caminham, sofrem, sorriem. Vivem a felicidade e a desgraça, a alegria e a dôr, o heroísmo e a angústia. Reunilos todos é enriquecer o Museu de Belas - Artes com um punhado de pequenas obras de subido valor, que não devem separar-se.

PEDRO BRUNO encerrou a sua exposição, tendo o prazer de vêr adquiridos cêrca de trinta quadros, dos cinquenta e poucos que a compunham. Essa exposição, mais uma vez, confirmou o movimento animador de interêsse, que o público começa a manifestar pela pintura brasileira. Tudo, pois, indica que o momento não deve passar desapercibido dos interessados. É preciso aproveitar a "chance", trabalhando para adquirir, definitivamente, a confiança e a preferência dos colecionadores, e para manter essa preferência e essa confiança, como a compensação de uma luta que vem de anos, mas que o tempo terminou por coroar com as palmas da vitória.

O MOVIMENTO ARTÍSTICO BRASILEIRO, fundado pelo inolvidavel Nicolas, realizou um pequeno Salão de fim de ano, que, entretanto, teve um resultado surpreendentemente animador. Instalado nas mesmas salas do Salão oficial, a êle compareceu grande número de pintores, número que teria sido muito maior, si tivesse havido mais propaganda entre os interessados.

Muito bem representados estiveram alguns dos nossos pintores mais conhecidos e entre êles citaremos: Jurandyr Paes Leme, com diversas têlas, entre as quais salientaremos "Caminho da Mata" e "Paineira em flôr"; Paulo Gagarin, com "Caminho de Itapeperica" e "Guapi"; José Maria de Almeida, com "Ladeira João Homem"; José Santos, com "Igreja de São Bento" e "Igreja de São Francisco de Assis", de Ouro Preto; Levino Fanzeres, com a aquarela "Entrada da Fazenda Santo Antonio"; Virgilio Lopes Rodrigues, com três canôas; Armando Pacheco, com "Ribeirão das Pedras"; Gastão Formenti, com "Sapucaieira em flôr"; e Hernani de Irajá, com "Sonho".

Teatro

SERRADOR — A FELICIDADE PÔDE ESPERAR. Ai está uma afirmativa au-

daciosa do escritor Eurico Silva. Audaciosa, sim, mas a verdade é que, entre cênas movimentadas e espirituosas, o público assiste à demonstração da têsé, sustentada pelo autor e admiravelmente defendida pelos artistas que formam a atual Companhia de Comédias do Teatro Serrador, com Iracema de Alencar e Manuel Pera à frente.

O leitor, que ainda não conhece a peça, perguntar-se-á a si mesmo: — Mas será possivel que a felicidade possa esperar?

Evidentemente, a dúvida desaparece, uma vez apreciada a peça. O espetáculo é homogêneo, a comédia, leve, bem escrita e atraente. E, quando cái o pano, o público se retira convencido de que, realmente, A FELICIDADE PÔDE ESPERAR...

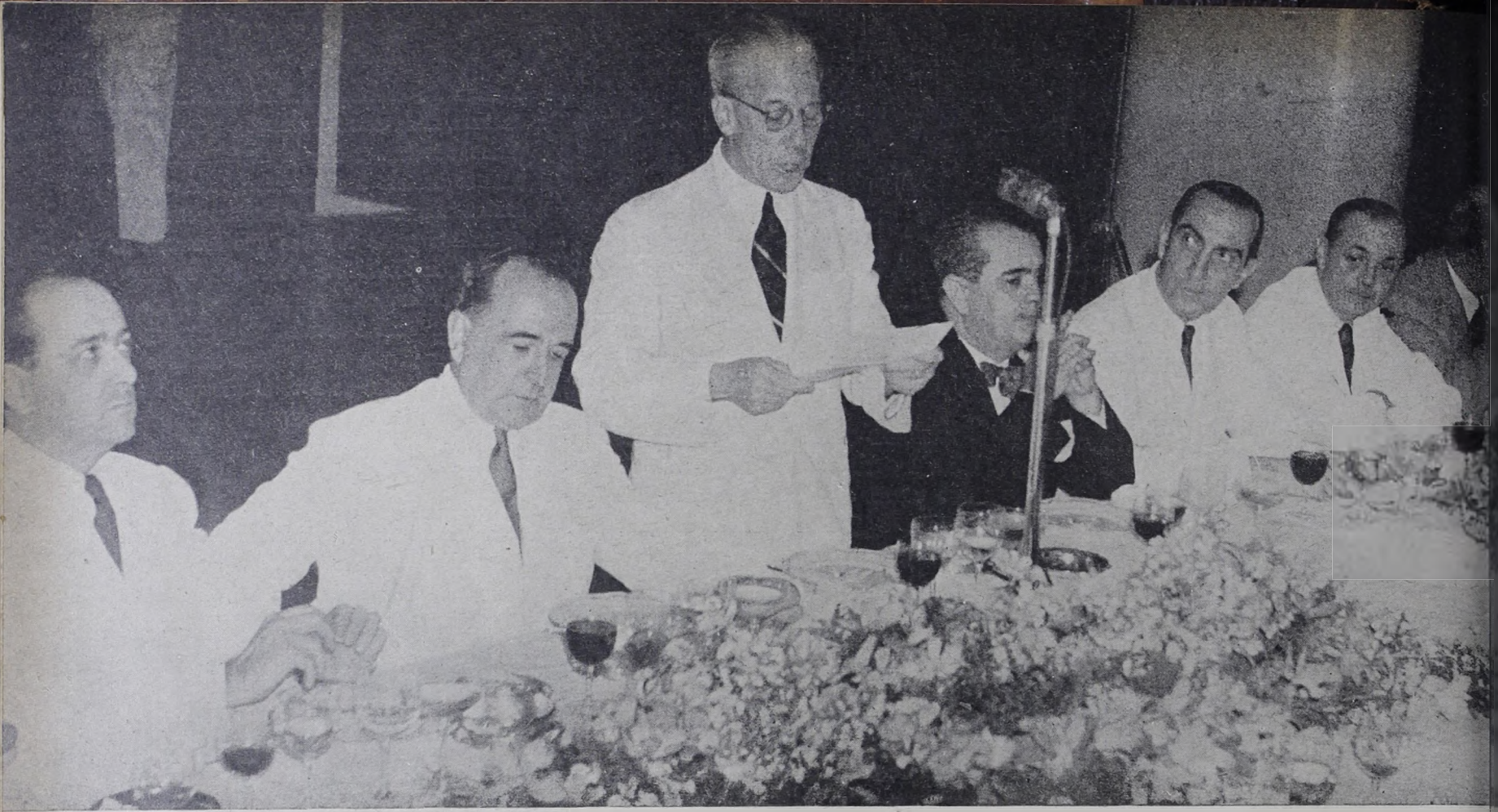
REGINA — HÁS DE SER MINHA. A vaga deixada por Dulcina, no Teatro Regina, foi preenchida pela Companhia Palmeirim Silva, que representou a peça HÁS DE SER MINHA, de José Wanderley e Daniel Rocha. Trata-se de um trabalho despretençioso, leve, destinado à fazer rir. E, como tem a defendê-lo um grupo forte de intérpretes, atinge, facilmente a sua finalidade.

Palmeirim Silva é o ponto central da comicidade da peça. Põe a platêia em constante hilaridade. Em redor dêle, colaboram eficazmente para o êxito da representação, Violeta Ferraz, Ceci Medina, Francisco Dantas, Nair Segato, Radamês Celestino e Alda Duarte, além de Gastão do Rego Monteiro, que estreou no teatro, para o qual demonstrou possuir decisiva vocação. É uma brilhante promessa, que dará ao nosso teatro um excelente galã.

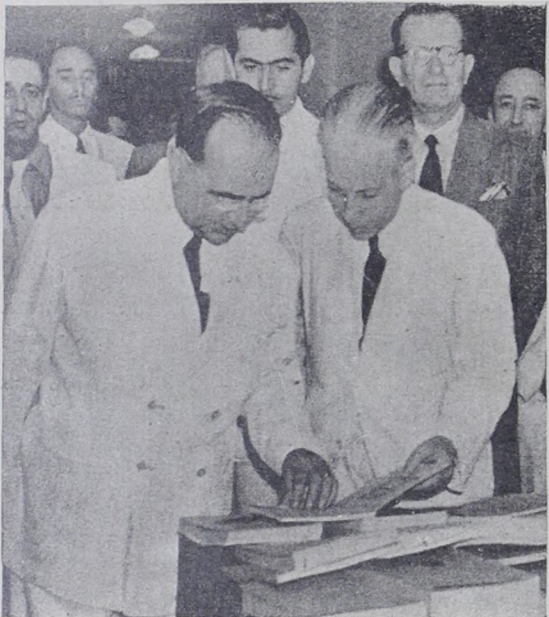
PALMEIRIM SILVA



O MALHO



Flagrante apanhado na séde da Associação Brasileira de Imprensa, quando o presidente da Casa dos Jornalistas, Snr. Herbert Moses, oferecia o almoço, em nome da classe, ao Presidente Getulio Vargas.



S. Excia. quando examinava as magnificas edições de tratados sôbre ciências médicas que lhe foram ofertadas pelos médicos argentinos e que por sua determinação serão entregues à Faculdade Nacional de Medicina

O PRESIDENTE GETULIO VARGAS HOMENAGEADO PELA A. B. I.

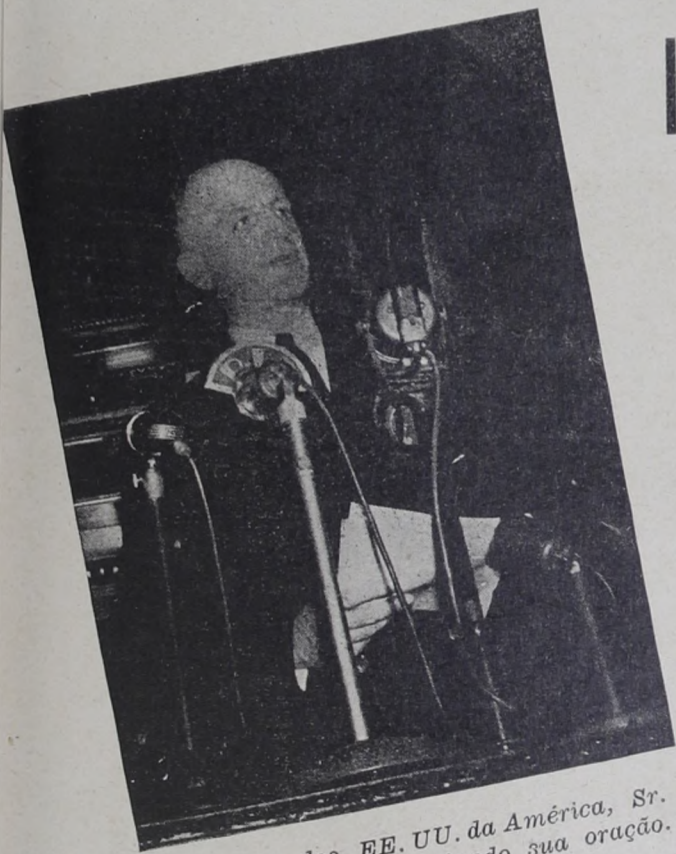
Outro aspecto colhido na Bibliotéca da A. B. I., quando discursava o Snr. Bastos Tigre, vendo-se à sua direita o nosso diretor Antonio A. de Souza e Silva



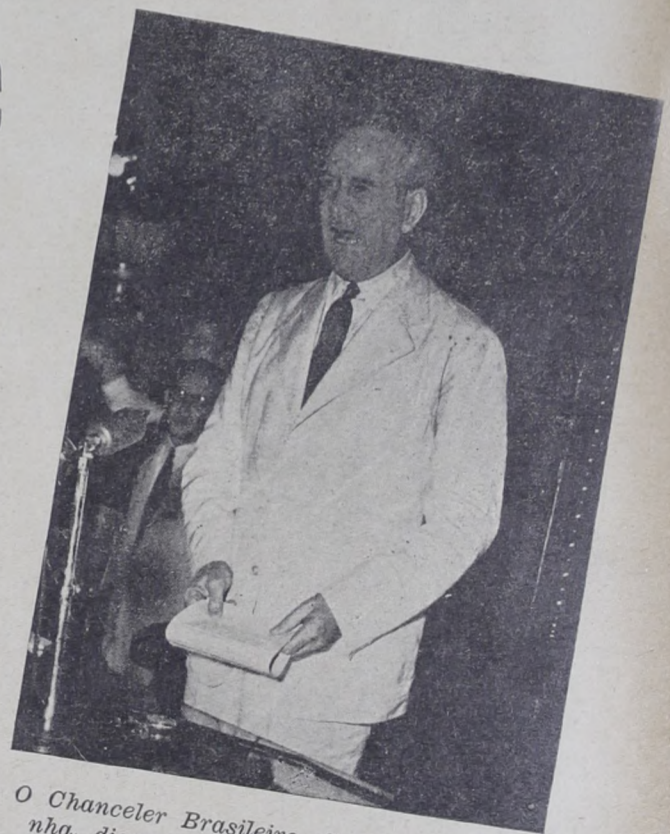


Presidente Getúlio Vargas, quando discursava, no Palacio Tiradentes, por ocasião da sessão solene de abertura da Reunião de Chanceleres.

III Reunião de Consulta dos Chanceleres Americanos



O Delegado dos EE. UU. da América, Sr. Sumner Welles, pronunciando sua oração.



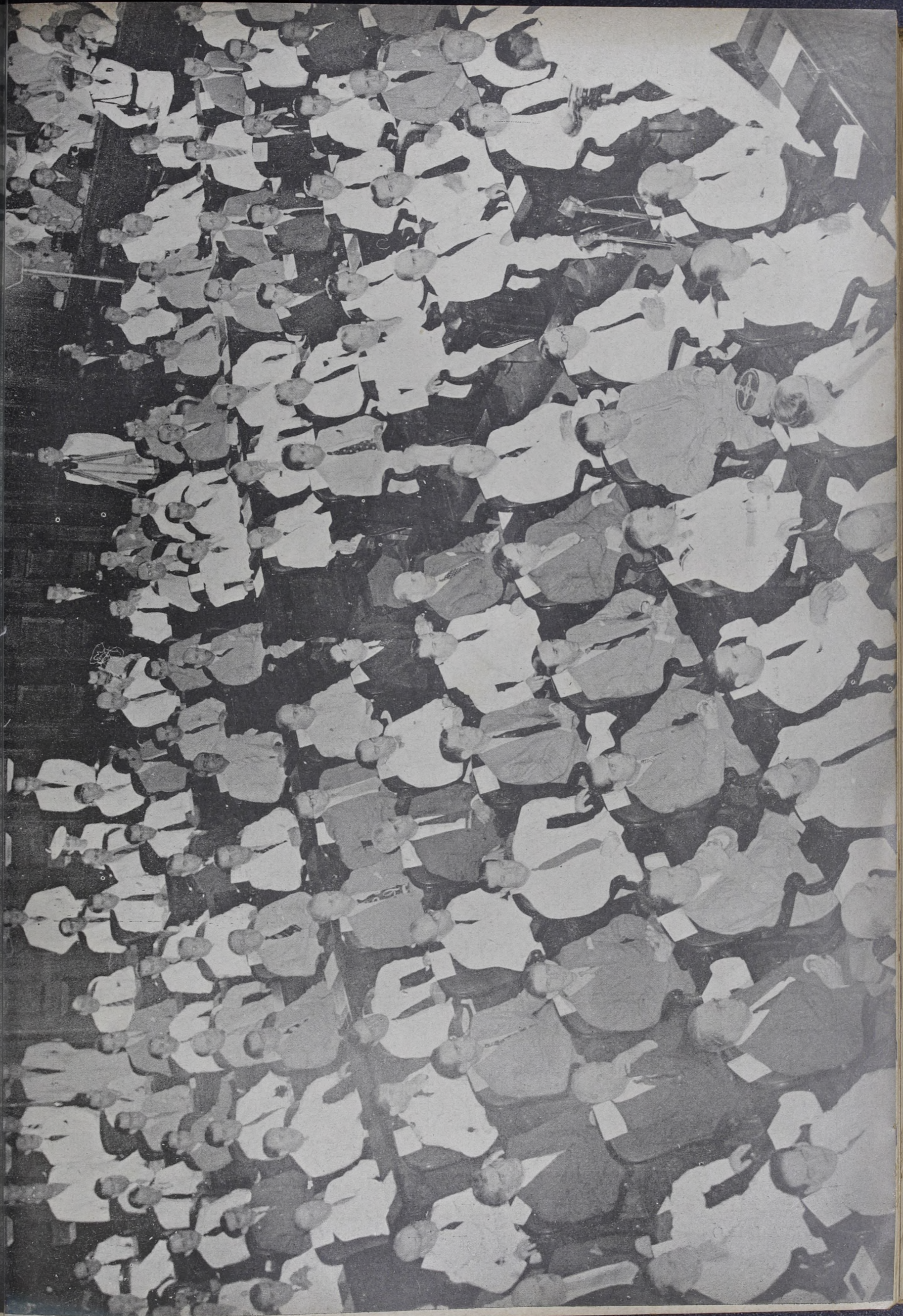
O Chanceler Brasileiro, Sr. Oswaldo Aranha, discursando na sessão inaugural.



Aspecto da reunião preliminar, no Palácio Itamarati, presentes todos os Delegados Panamericanos.

Flagrantes da multidão que aguardava, nas proximidades do Palácio Tiradentes, a passagem do Presidente Getúlio Vargas e Delegados Americanos.

À direita — Aspecto parcial do recinto do Palácio Tiradentes, por ocasião da sessão solene.





DO MÊS QUE PASSOU

A DIRETORIA DA A. B. I. NO CATETE — Acompanhado dos diretores da A. B. I. o Sr. Herbert Moses foi recebido pelo Chefe do Governo. Palestrando com os presentes, o Sr. Getúlio Vargas demonstrou interesse pela associação representativa da classe jornalística, ouvindo amplos informes sobre a sua situação e trocando impressões sobre problemas que dizem com a mesma. — —

NO CATETE A DELEGAÇÃO DE ESCOTEIROS E BANDEIRANTES — No Palácio do Catete, o Presidente Getúlio Vargas recebeu numerosa delegação de Escoteiros e Bandeirantes, chefiada pelo General Heitor Augusto Borges e pelo Major Inácio Rolim. — — — — —

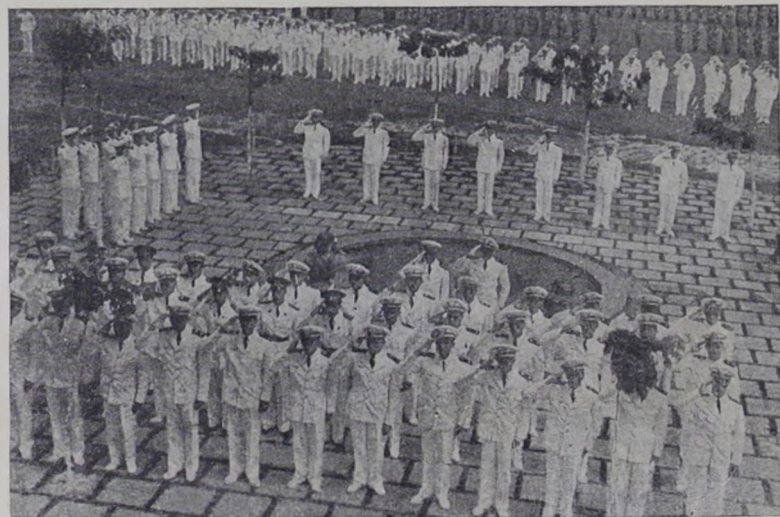


O NOVO MINISTRO DO TRABALHO — O Sr. Alexandre Marcondes Filho, novo Ministro do Trabalho, discursando no Ministério da Justiça, quando da cerimônia da posse. — —

ESCOLA DE AERONAUTICA — Com a presença do Chefe da Nação, realizou-se, no Campo dos Afonsos, a solenidade da declaração dos aspirantes da Força Aérea Brasileira, bem como a entrega dos diplomas, não só aos integrantes dessa turma, mas ainda aos segundos-tenentes que concluíram o curso de oficial-aviador em 1941. — — — — —



BATISMO DE NOVO AVIAO — Flagrante colhido no Aeroporto Santos Dumont, durante a cerimônia do batismo do avião "Mariano Procópio", que se destina ao Aéro-Clube de São José dos Campos, em São Paulo. — — — — —





PAISAGEM

TELA DE

Edgard Parreiras



O BANQUETE DAS FORÇAS ARMADAS AO CHEFE DO GOVERNO



TRES flagrantes colhidos quando do grande banquete oferecido ao Presidente Getulio Vargas pelas classes armadas, no salão do Automovel Clube, vendo-se em um deles o chefe da Nação quando agradecia aquela significativa homenagem, e em outro quando era saudado pelo Ministro da Aeronautica.



AS MELHORES CONQUISTAS

“... os povos, como os indivíduos já estão derrotados quando admitem a derrota”.
GETULIO VARGAS

ANTES da era de Cristo, quando muitas consciências ainda não haviam despertado daquela letargia milenar, em que as atitudes pessoais pareciam o todo de um mecanismo diabólico, a decadência moral era consequência de não existir o mínimo controle à formação dos caracteres.

O tempo evoluía, porém a mentalidade ao invés de se desenvolver, apresentava sempre as mesmas produções, como fruto de árvore maldita... O influxo de tal ambiente circulava entre os ramos, a guiza de seiva.

Só por um esforço sobrehumano o raciocínio pôde penetrar o interior da natureza e encontrar algo de sublime, na razão do próprio ser. A esta força de vontade, que preservou daquele convívio nefasto vários homens justos, premiou Deus, concedendo vários dons a muitos patriarcas, inclusive o de apontarem todos os erros e exporem misteriosas revelações a respeito de altos designios.

Se algumas criaturas seguiram-lhes os passos, a ouvir exortações e profecias, infelizmente muitas outras se manifestaram avessas a semelhantes propósitos. Pôr consequência de tanto desprezo e indiferentismo, uma completa negação se opôs às iniciativas daquelas almas boas. E o embrutecimento se avolumou entre os povos, subjugando-os numa escravidão degradante, onde montruosas ações eram diariamente praticadas. As próprias pessoas mais sensíveis aos escândalos, preferiam nada reclamar, “contanto” que continuassem favorecidas pelo seus ricos e poderosos senhores...

O interesse e a grosseria destes instintos não dando lugar a nenhum pensamento elevado, muito menos ofereciam margem à coordenação de planos criteriosos, uteis à coletividade. Neste estado deplorável de desordens absolutas, o genero humano tendia cada vez mais a atolar-se na lama dos crimes e dos vícios. Dir-se-ia que a sociedade delirava por ser o centro onde se processavam os piores exemplos!... Foi quando Jesús achou ter chegado o seu dia de descer do trono de sua justiça aos últimos degraus de sua infinita misericórdia: veio ao mundo.

Toda a terra necessitava de uma prova sensível, capaz de abalar tantos corações empedernidos; a vontade humana precisava ser reformada e “Ele só Ele”, seria oniciente de influir neste prodígio, da matéria se sugerir aos comandos do espírito. Relatam as Sagradas Escrituras, que uma estrela de brilho invulgar, guiou o caminho dos primeiros adoradores, os quais eram em número bem reduzido, relativamente ao que deveria se apresentar, naquela gruta sombria, porém, iluminada de maneira milagrosa! Logo após este acontecimento, começaram as contradições do que, a respeito do Messias estavam prescritas. Muitos povos o adoraram; muitos o desprezaram e outros escarneceram d’Ele e até o perseguiram. Ignorando a supremacia do reinado de Cristo, Erodes foi o primeiro governador a temer a concorrência do poder e a influência sobre os seus vassallos... Ouvindo os comentários que a respeito do Rei dos Reis se propalavam, baixou um decreto mandando matar todas as criancinhas menores de três anos, inclusive as nascidas naquela mesma noite em Belém da Judéa. Com o intuito de suprimir o mais candido de todos os santos, não vacilou em sacrificar a vida de vários inocentes.

Entretanto se a Virgem Maria, quando

saudada pelo Arcanjo São Gabriel, prontamente soubera responder as ordens divinas:

“Faça-se em mim segundo o que disseste

Eu sou a humilde escrava do Senhor”. — assim também, fidelissimamente São José executou as ordens Divinas, quando um mensageiro celeste o advertiu do perigo que ameaçava a vida do seu Deus e Senhor, aconselhando-o a levar, naquela mesma noite, o Menino e a Virgem, para o Egito.

Mais tarde, em Nazaré, cresceu e surgiu dentre os homens, aquele que seria o primeiro mestre da doutrina do céu, o médico dos médicos, o pastor dos pastores e a mais paciente de todas as vítimas!...

x x x

No nascimento, vida, paixão, morte e ressurreição de Jesús, cousa alguma nos surpreende. Tudo se completa para avivar a nossa compreensão, diante de cousas infinitamente, grandiosas, contidas noutras, infinitamente pequenas.

Só a sabedoria divina conseguiria concretizar teorias tão abstratas, com o fito de unir dois extremos completamente opostos! — A justiça e a misericórdia.

Hoje em dia, tudo que se passa na imprensa, no rádio, teatro, cinema, vida pública ou particular, tudo enfim que vibra através destes setores da civilização, tem por objetivo, ser útil ao engrandecimento pátrio.

Já não ha ignorantes, surdos, cegos e mudos — em sentido figurado — como aqueles espíritos materializados da antiguidade!... Se existem pessoas que se utilizam “de seus meios de vida” para praticar o mal, é porque de todo, “cerram os sentidos, à voz da razão”...

Ninguém mais ignora a existência de Jesús, tão vivo e poderoso no Santíssimo Sacramento, como quando andava pelo mundo. Apenas certos acidentes o escondem sob as espécies do pão e do vinho, porque estes encerram o mistério da transubstanciação, tal qual a forma de homem ocultava e continha a alma e a Divindade de Cristo, nas proporções integras da verdade.

Só as almas tibias, de saúde deficiente, ainda não perceberam que a faculdade de apreciar os maravilhosos dons do Onipotente é confiar no que não vemos, mas sabemos existir. A meditação pôde transpor as maiores distancias!...

E a graça de Deus é precisamente a alma elevar o pensamento ao seu Creador, quando diz sinceramente:

— Meu Deus, eu Vos amo e sei que sou amada.

Pois o “porque” da essência de tudo que existe, transcende ao entendimento humano; sendo o nosso tempo limitado, certas avaliações se tornam imensuráveis!... O infinito pôde abranger “em parte”, as obras do Creador, por encerrarem o mistério de todos os tempos; mas, os juízos divinos, estes, são insondáveis e inatingíveis.

Deveríamos ser muito agradecidos em possuir o bastante — a consciência. Todavia, muita gente ingrata não reconhece isto, como a maior prova do reflexo divino imprimido em nós, por um conjunto de perfeições. (Ao contrário, qualquer anomalia da natureza atribuem a Deus, quando deveriam buscar a causa, bem próximo de si mesmos!)

Ha infelizmente quem acredite apenas



nos detalhes externos, julgando vida, isto que se move ao sopro das paixões, do egoísmo, do orgulho e da inveja... Vida, um pedaço da carne que ao menor desequilíbrio se aquebranta e afeia...

Tais concepções envenenam a terra, obrigando a produzir sementes tão nocivas, como aquelas de milênios passados...

Como serão as vitórias em 2000?... Descristianizar-se-ão as multidões, praticando a inclemência do paganismo ateu, ou se aprimorará o verdadeiro adeantamento, aderindo todas as classes à compreensão de que a melhor liberdade é a do espírito cristão, o qual pôde ser bom porque quer e deve ser perfeito porque tem facultades próprias?!... Como se definirá a mentalidade moderna, ante a perspectiva — por Deus ou contra Deus — em que se decide a sorte da humanidade,...

Atualmente não se trata mais de defender princípios de crença. Trata-se de defender santas tradições que nos ensinam a conservá-la: o patriotismo, a santificação da família e o respeito pelos direitos alheios. Quem foge um passo destes caminhos, bom brasileiro não é... Será livre para praticar toda a sorte de caprichos, mas bem escravo do mal e digno de desprezo...

Assim como o corpo humano necessita de higiene e alimentos para conservar o bem estar geral e este só se restabelece dalguma enfermidade grave, sob os cuidados da medicina, saibamos compreender as relações existentes entre os perigos externos e internos, quando se descuida a saúde da alma.

A abundancia da graça é o signal do adiantamento das almas. Sem ela as criaturas se tornam impossibilitadas de aspirar grandes ideais, quanto mais de realizá-los!... De livre arbitrio, as melhores conquistas são as que fazem a alma se associar ao intelecto e ambos trabalharem abnegadamente em demanda “do bem, para o bem e pelo bem,” o qual só pôde ser o principio e o fim de todas as cousas — justiça e misericórdia.

YARA GUEDES DE MELO

O M A L H O

A PENAS uma sala ainda está iluminada, no palacete que mais sombrio parece pelas árvores que o rodeiam e as quais agora, à noite, mais se assemelham a gigantes esguios e tenebrosos a montar-lhe guarda.

Um automovel pára à porta e um homem, em traje a rigor, tóca a campainha, após breve indecisão.

Para que diabo o teria chamado Alberto? Onze horas... Não era doença, porque êle mesmo falara ao telefone. Precisava falar-lhe, fôra a explicação. Óra, podia ter deixado para amanhã! A festa estava tão animada, no Clube. E Carmem! Deixar a companhia de Carmem, para ouvir Alberto! Enfim, como era um bom amigo...

— O patrão espera-o na biblioteca.

A passos largos, o rapaz chega até onde se encontra o dono da casa, o qual, enterrado numa cadeira de couro, nem dá pela chegada do visitante.

— Boa noite, Alberto. Aqui me tens. Que se passa?

O interpelado levanta-se, bruscamente, indo ao encontro do amigo.

— Perdôa-me, Mario, ter-te furtado ao prazer da festa. Mas só a ti poderia contar o que se passa comigo. Relutei, quiz esperar até amanhã, pensando no aborrecimento que te iria causar, mas não pude me conter. Precisava falar-te hoje mesmo.

Mario sacode, levemente, os ombros, já conformado.

— Fizeste bem. Sabes que não me incomodas. De que trata? E, notando-lhe um estranho nervosismo, repetiu a pergunta que já lhe fizera pelo telefone: — Não te sentes bem?

Alberto esboça um sorriso amargo:

— Malíssimo! Mas não fisicamente. Mas, senta-te. Espera que vou buscar qualquer cousa.

Mario o observa de soslaio, enquanto derrama uma bebida no copo. Deve ser algo de grave, para abate-lo assim em pouco tempo. A última vez que o vira, lembra-se bem, fôra no dia do pedido de sua filha. Estava bem, então. Isto é, já um pouco nervoso... Mas aquilo devia ser comoção.

Enviuvando logo nos primeiros anos de casado, sem filhos, Alberto resolvera adotar uma criança, que lhe viesse alegrar a existência, certo que estava de nunca mais poder unir-se a outra mulher. Sua esposa fôra a encarnação perfeita de seu ideal, satisfazendo tôdas as suas aspirações. Levando-a, a morte carregara consigo também o seu interesse pelo outro sexo. Nos primeiros anos de viuvez, Alberto fugiu ao mundo, recebendo, apenas, um ou outro amigo mais íntimo. Depois, a menina que adotara foi distraíndo-o e, florescendo numa bela moça, reintegrou-o nos prazeres mudanos, dos quais a sua dôr havia afastado, mas que agora a radiosa mocidade da filha reclamava, com justiça.

Voltou aos salões. E apresentava com orgulho a sua Lulú, com o mesmo orgulho com que mostrara, 20 anos atrás, a sua não menos bela esposa. Havia até quem dissesse, talvez pilheriando, que Alberto tinha ciúmes dos galanteios que dirigiam à filha. Mas o amor chegou também para Lulú. E há um mês que ela já é uma noivinha.

Alberto volta e senta-se a seu lado.

— Lulú...

— Está doente?

Alberto, impacienta-se:

— Não, não! Está bem. Lulú, como sabes, vai casar-se daqui a dois meses. E' isso que me acaba...

Então era para isso que o chamara? Para tratar do casamento da filha, a realizar-se daqui a 60 dias? Francamente!

— Óra, Alberto, por que há de preocupar-te? O noivo não lhe quer bem? Não é de boa família? De posição? Que mais queres!

— Não entendes, não entendes! — exalta-se Alberto.

O rapaz olha-o surpreendido. E mal acredita em seus olhos, quando o vê cobrir o rosto com as mãos e confessar, entre soluços:

— Estou apaixonado por Lulú...

— Que?! Estás maluco! Não póde ser! — Enfim, já refeito da surpresa, procura acalmar Alberto, que continúa soluçando: — Pensa bem; deves estar enganado. E' apenas o teu amor paterno, que te leva a êsse erro sem limites, que tu julgas paixão.

Alberto levanta a cabeça, já mais socegado:

— Não, Mario. Desde que Lulú atingiu os 16 anos que eu a amo, não como pai, mas como homem. Fazia, então 18 anos que minha esposa tinha morrido. E eu comecei a ver em Lulú minha antiga companheira. Parecia-me ve-la, novamente, a andar pela casa, dando uma ordem, arrumando um "bouquet", alegrando este solar com sua voz melodiosa. Ressucitada; viva outra vez; mais moça, mais bela. Apaixonei-me. Inten-samente. Perdidamente. Foi a única mulher, acredita, que conseguiu fazer vibrar meu coração, depois do falecimento de minha esposa. Vi que era loucura e procurei com tôdas as forças, juro-o; afastar de mim êsse pensamento. Mas em vão; o amor era mais forte que a razão. Quando sentava em meu colo e me beijava, uma luta tremenda se travava dentro de mim: queria afasta-la, pois que meu contacto me parecia um sacrilégio à sua pureza, meu abraço uma aviltação à sua inocência. Mas eu a retinha, porque o desejo mal recalcado, porque o prazer de te-la junto



a mim, eram mais potentes que meus escrupulos... Procurei fazer-me amar como homem. Consegui, apenas, intimidá-la.

Uma noite (tinha então 18 anos), voltando ela de um baile em que dansara muito com um só rapaz, sem poder conter o ciúme que me roía o coração, repreendi-a acerbamente. Estava tão desorientado que nem suas lágrimas me contiveram. Antes, instigaram minhas censuras, pela volúpia barbara de sentir meu poder sobre ela! Coitadinha! Estava tão linda com as lágrimas a sulcar-lhe as faces... Quando pude falar, lembro-me bem que disse: "O senhor grita tanto que mais parece marido do que pai..." Estremeci; revoltei-me comigo mesmo; estava revelando meu segredo. Ia acariciá-la, ia acalmá-la, para que esquecesse tudo, para que não desconfiasse da qualidade de meu afeto. Mas a vaidade, surgindo diabolicamente, toldou-me a razão. E, sem saber bem que fazia, enlancei-a com força e respondi-lhe a sorrir: — E se assim fosse? Não querias casar comigo? Não serias capaz de amar-me como a um marido?

Tôda minha paixão deve ter transparecido em meu rosto, porque Lulú arregalou muito os olhos lindos e, mal contendo um "Oh!" assustado, saiu a correr para o seu quarto.

Arrependi-me violentamente. Mas um prazer estranho vibrava no meu íntimo, escapando de meu acabrunhamento exterior. Não me lembro de ter dormido nessa noite; mas me lembro que seus aposentos ficaram iluminados por muitas horas ainda... Pobre Lulú!

Alberto pára um instante; eu não ousou interrompe-lo. Enfim prossegue:

— Com o repouso, meu bom senso acabou vencendo. E, na manhã seguinte, procurei dissipar o susto da vespera. Mas nunca mais consegui que ela voltasse a ser o que sempre fôra. Permaneceu a dúvida. Minhas atitudes, sob um controle violento da força de vontade, procuravam vencer-la de que tudo não passara de uma brincadeira. Mas Lulú sabia que eu não era seu pai verdadeiro, que nenhum laço de sangue nos ligava. Agradava-me, mas eu notava que me beijava com acanhamento, digo melhor, com constrangimento. Enfim, o tempo, se não apagou de todo a cena de sua memória, fê-la esquecer a intensidade do choque. E voltou a calma para mim. E voltou a alegria para ela. Porém, o respeito que me dedica, bem o sei, trás uma pontinha de medo.

Alberto se cala e fica a olhar o amigo como a esperar sua reprovação. Mas, que dizer-lhe? A surpresa tira-lhe a fala! Então, continúa:



Crepusculo

Conto de REGINA PESCE

— Um dia acamei. Lembras-te de quando tive aquela doença que quase me leva ao túmulo? Lulú, alarmada com o meu estado, passava dia e noite à minha cabeceira, demonstrando, assim, que apesar de tudo seu afeto por mim não tinha diminuído. Senti-me aliviado. Uma noite em que a febre subiu assustadoramente, levando-me quase à inconsciência, Lulú, chorando convulsamente, pedia-me desesperada para não deixá-la, que ela prometia nunca se casar para não me abandonar. Não sei si foi isso; mas comecei a melhorar, lentamente, até ao completo restabelecimento. Lulú não diminuiu seus cuidados, mesmo depois de curado. Às vezes, em minha convalescença mostrava-se alegre para distrair-me e me repetia, insensatamente, a promessa que me fizera, certa que estava que eu me restabelecera para satisfazer-lhe o pedido. Eu sorria, fingindo não dar importância às suas palavras, mas sem forças, também, para rechassá-las. Via que isso era uma injustiça, compreendia que era uma loucura, mas deixava-me embalar pela suavidade dessa promessa. Sabia que isso não era possível, mas não queria desiludir-me ainda: ao menos enquanto era obrigado a passar os dias numa cadeira, a ler e a pensar...

Fiquei bom; a nossa vida retornou ao ritmo normal. Não se pensava mais nisso. Ela também não tocava mais no assunto. Até que um dia conheceu Eduardo. Tu bem sabes como se processou o namoro, que daqui a dias acabará em casamento.

Novamente Alberto se detem, ofegante. Nota-se que, no íntimo, ainda não se conformou com essa sentença. Ainda não sabe dominar a revolta que isso lhe causa. Por fim, enxugando a testa com um lenço que exala delicado perfume, prossegue:

— A princípio Lulú se esquivava das atenções de Eduardo. Não esquecera a promessa e sabia que estava inclinada a deixar-me enlear. Eu

observava, calado, sem ter a coragem necessária de pô-la à vontade, de libertá-la desse compromisso tolo. Sentia pena da menina; mas sentia, também, um ciúme desenfreado. O amor, entretanto, foi mais forte. Ela sofria por não poder aceitar e corresponder o afeto de Eduardo. Assaltada pela sua insistência, confessou-lhe mentindo a promessa que fizera. "não a mim, mas à Virgem", de não se casar si eu me restabelecesse. Ele, apaixonado, exaltou-se ante sua infantilidade. E, não conseguindo dissuadi-la de seus propósitos, veio falar-me, para vêr si eu podia tirar-lhe essa idéia da cabeça. Prometi. Mas sempre adiava esse momento que lhe abria o caminho da libertação, que a levaria de mim...

O narrador suspira, pensativo.

— Uma noite — continua — encontrei-a chorando, em seu quarto. Assustei-me. Perguntei-lhe o motivo, que aliás, eu bem sabia. E ela mentiu-me, coitadinha! mentiu para não magoar-me. Disse-me apenas que estava triste, sem saber mesmo porque, sem motivo algum. Mas agora que eu chegara para fazer-lhe companhia, a tristeza fugiu: ela já estava alegre! E para convencer-me, sorria lindamente. Envergonhei-me, então, Mario. E falei-lhe do amor de Eduardo. Enrubeceu, envergonhada, como criança apanhada em flagrante, e disse-me não se importar; que ela não casaria nunca, para não me deixar. Eu exultava, intimamente; mas me dominei, e prossegui a razão-la. Fiz-lhe vêr que era uma tolice; que eu não queria esse sacrifício; que ela devia aceitá-lo, porque ele era um rapaz direito, que muito a queria. Que um dia eu haveria de desaparecer e ela não podia ficar sosinha. Perguntei-lhe si estava disposta a ficar para "titia"! E ela perdeu o acanhamento, Mario, e ganhou confiança, confessando-me corresponder ao seu amor. Ganhou confiança, bem o sei, não pelas minhas palavras, mas pelo seu próprio amor, que não mais podia reter...

Deixei-a feliz, com a promessa de que falaria, no dia seguinte, a Eduardo.

Quando voltei ao meu quarto, porém, uma raiva surda tomava vulto dentro de mim. Ciúme, despeito, inveja da mocidade do rapaz! No íntimo, tinha uma vaga, uma desesperada esperança de que ela me preferisse a ele, mesmo como pai... E a confirmação da dúvida que me mordida, aliás a única coisa que se podia admitir, poz-me louco de dor. Tive até ganas de mata-la! Taxava-a de ingrata; não tinha socego... Fui até o espelho e, não me contendo, quebrei em mil pedaços o cristal que me mostrava, friamente, a face já enrugada, os cabelos já enbranquecendo... Parecia-me que as paredes se riam da minha velhice, que chegava a largos passos. Parecia-me que o ar da noite, sacudindo as cortinas

das janelas, zombava do meu desespero, murmurando comparações deprimentes...

Mario mexe-se, desassocegado, na poltrona.

— O rumor do vidro partido — continua Alberto — chamou a atenção de Lulú, que não dormia ainda, também, mas por motivos bem diferentes dos meus! E, numa risadinha amarga que não chega a abrir-lhe os lábios: — Não dormia porque sua cabecinha andava às voitas com planos risonhos para a vida que a esperava...

— ...E que tu não podias negar-lhe, rematou o rapaz sem se conter.

Como resposta, Alberto faz um gesto displicente com a mão, como a denotar não se incomodar com a sua opinião.

— Acorreu solicita, a indagar o que sucedera. Dei-lhe uma explicação banal, procurando fingir uma calma que não sentia. "Desastrado!" — disse-me ela, ameaçando-me com um dedinho petulante, enquanto em seus lábios brincava um sorrizinho travesso. Depois, com uma espontaneidade que há muito a abandonara, pulou-me ao colo e beijou-me arrebataadamente, dizendo-me, entre rizinhos nervosos, que era muito feliz, que tinha o melhor pai do mundo, que assim mesmo ela não me deixaria, voltando, enfim, ao seu quarto, após eu lhe arrancar a promessa de que iria dormir logo.

Não sei porque, Mario, isso fez-me bem. Senti-me livre desse egoísmo surdo que me roera a alma até aquele momento. Sem saber como, fui possuído de uma alegria estranha, ante sua irradiante felicidade. Um bem estar invadiu-me o ser, e fui envolvido por uma espécie de alívio ao notar que tôda a sua alegria "eu", apenas eu a tinha provocado! E dormi calmo, satisfeito comigo mesmo, quase certo de ter-me livrado daquela nefasta paixão.

De fato, ajudei-a a escolher seu enxoval, favoreci seus encontros e concordei logo com o pedido formal, que se deu há um mês.

Nesse dia, porém, tudo despertou outra vez. Ouvindo as felicitações de tôda aquela gente que nos rodeava, vendo Eduardo enlaçar-lhe a cintura, com ares de dono, acordou em mim novamente, a paixão que eu julgava extinta para sempre. Enganei-me! Estava apenas adormecida...

Por isso nunca mais apareci. Fechei-me em mim mesmo, para que não transpareça em meu semblante o que vai pelo meu coração. Não "deve" transparecer, para não empanar-lhe a alegria... Mas, conforme o dia do casamento vai se aproximando, eu menos vou me conformando.

(Termina no fim da revista)

A Mulher Enigma

NORMAND DE SA

FOI numa noite, após os trabalhos de um dia agitado e cheio de imprevistos, que Marquita, entrando no seu quarto de pensão, encontrou Nadir, sua amiga e companheira, soluçando, jogada em sua cama. O maior desalinho corria em todo o quarto, denotando o espirito de alguém que estivera angustiado. Nadir era um verdadeiro mistério para Marquita. Bonita, jovem e inteligente, vivia amargurada, numa constante inquietação. Chorava noites a fio, outras vezes falava em suicidio. Nessa noite, Nadir atingira ao auge da dôr. Seu corpo esguio e ondulante contraía-se pelo pranto. Convulsões sufocavam-na totalmente. Marquita aproximou-se. Apiedava-a aquela dôr viva de uma jovem que devia ser feliz, tinha todos os predicados para isso. Ela esqueceu, portanto, as suas próprias amarguras, para levar um pouco de calor àquela alma gelada e aniquilada pela dôr.

Ao se aproximar, porém, da mesinha de cabeceira, teve um sobressalto, pois divisou um tubo de veneno em cima da mesa. Puxou Nadir violentamente, e intimou-a, com autoridade, a lhe explicar a razão desse desvario. A piedade, no entanto, apoderou-se dela novamente. O rosto de Nadir estampava uma dôr intensa. Lágrimas rolavam-lhe pelas faces e o pranto continuado havia-lhe modificado o semblante, inteiramente. Marquita apressou-se em arranjar-lhe um calmante, foi aos poucos procurando consolar a amiga, afagando-a com ternura.

A dôr de Nadir foi aos poucos cedendo, ante os carinhos recebidos. Mais calma, Nadir começou a pensar em Marquita quão carinhosa fôra para com ela. Abriu seu coração, de uma forma absoluta. Contou-lhe sua vida.

Saíra da casa de seus pais, no interior, e viêra suportar uma vida de trabalhos, na cidade, pois em sua casa só encontrava recordações do passado. O seu coração vivia pungido pela dôr. Em todos os recantos daquela casa via a reprodução de outrôra. Fôra quasi noiva de um oficial do exército, êle representava tudo para ela. Vivêra uma vida de encantamento, durante êsse noivado. Conhecera-o

num baile. Ele garrido e amoroso, seguira-a. Conheceram-se, e êle captou, desde logo, a simpatia de todos. Fôra uma dôce quimêra a ilusão dêsse amôr. Veiu despertá-la a fuga de seu noivo inesperadamente. Deixou-lhe uma carta; nessa carta estava encerrada toda a tragédia de sua vida. Tivera, antes de conhecê-la, uns amores faceis. A jovem impelira-o a certas facilidades, tendo surgido, infelizmente, as consequencias. Iria cumprir essa divida de honra, com o coração despedaçado. A lei assim o exigia, e êle não podia, como militar, fugir às responsabilidades de um ato cometido numa hora de irreflexão. Seria sempre seu, no entanto, partindo com a alma dilacerada pela dôr.

Nadir levantou os olhos tristes para Marquita. Dêsde êsse dia é que a sua vida torturada não mais lhe interessava. Queria morrer, acabar com a sua existência diluida. Nessa tarde, porém, a dôr se agravara terrivelmente, vira-o, após três anos de separação, numa parada. Estava abatido e magro, ao vê-la a sua fisionomia se iluminára, sentiram-se no mesmo estado de há três anos. O amôr não morrêra, muito ao contrário, tornara-se mais intenso. Sentira-se atraída por êle, de uma fôrma estranha. O que fazer, no entanto, estava casado. Ela prejudicaria tudo nesse instante. Segui-lo-ia para qualquer parte. Êle combinára, mesmo, telefonar para ela antes de embarcar. No auge do desvario, sem saber se devia ou não se entregar, é que comprara aquele veneno.

Marquita tornou-se séria e pensativa. Resolveu chamar Nadir à razão. Disse-lhe, portanto, em tom severo, da inconveniencia desse amôr. Era ilusão pensar na felicidade. Seria uma alegria tão fugaz, quanto fôra o seu noivado. Depois da posse, viria a razão. Aí, abominaria o seu amôr. Seria uma vida de infortunios.

As palavras de Marquita foram, a pouco e pouco, transformando a dôr de Nadir. Já raciocinava melhor. Foi aos poucos concordando com Marquita. Era melhor, talvez, esquecê-lo, mas como? Êle fazia parte integrante da sua vida. Habituar-se a amá-lo. Não podia ser outra a obsessão em que vivia. Marquita, mais experiente

da vida, não hesitou em dar-lhe conselhos. Sim, deveria esquecê-lo. Nãc era mais que um desvario, aquela paixão. Marquita possuía largos círculos de relações, dada a sua profissão, poderia apresentá-la a muitos rapazes elegantes e mais dignos de Nadir. Combinaram que saíam juntas, dêsde então.

.....
Nadir, elegante e esbelta, os seus cabelos castanhos, caprichosamente penteados era alvo de todos os olhares, Marquita, pequena e viva, procurava distrair a amiga. Desciam a Avenida Rio Branco, indo em direção à Cinelandia. As duas amigas pareciam felizes, dada a expressão dos seus olhares e a mutua compreensão que parecia haver entre elas.

Entraram numa casa de chá, tomando assento numa mesa próxima à porta. De subito, alguém se aproximava. Marquita teve uma exclamação, quem se chegava era um conhecido escritor, seu amigo. Ofereceu-lhe assento à mesma mesa. Fez as apresentações de estilo. O escritor P. L. era um tipo atraente e insinuante. Estatura alta, corpo reforçado, êle parecia um cigano, com seu olhar profundo, a tez amorenada, tinha a beleza masculina dos homens de Espanha. Dêsde logo Marquita notou o olhar penetrante com que êle fixou Nadir. Esta, por sua vez, correspondeu a êsse olhar, estabelecendo-se, dêsde logo, uma franca camaradagem entre os dois. A palestra seguiu naturalmente o seu curso, tendo sido abordados diversos assuntos, sem que Marquita deixasse de perceber a compreensão reciproca que se estabeleceu entre os dois amigos...

Há duas semanas que Nadir encontra-se com o escritor P. L. O amôr, espontaneamente, se manifestára. Nadir tornou-se "coquette", novamente, usando penteados novos e vestindo-se com apuro. Marquita entre surpresa e satisfeita, presencia a nova vida de sua amiga, com satisfação. Nadir, porém, entre sorrisos, conta-lhe o quanto a surpreendêra ao conhecer o seu novo amôr. Êle personificava o seu antigo noivo, tal qual fôra outrôra; não o de hoje abatido

e magro, porém, o jovem elegante e possuindo um poder de insinuação que a fascinava... Era pois a personificação do **outro** que ela amava. A inteligência do escritor a seduzira, não havia dúvida, porém o que mais amava era a sua estampa, que lhe recordava o **outro**. A personificação do que ela amara, com ardor. Seguiria o amor, dessa forma, não importavam as consequências...

Marquita inquieta, assistia ao curso do amor de sua amiga em que ela teve ocasião de verificar as metamorfoses de Nadir, o que já lhe preo-

cupava. O seu amigo pedira-a em casamento. A família, satisfeita, acedera ao pedido. Parecia correr tudo, admiravelmente. Qual não foi a admiração de Marquita ao ver entrar, de subito, a Nadir, que trazia uma lágrima rolando pela face descolorida. O que acontecera? Porque chorava? Nadir contou-lhe, então, o que ocorrera. Não era possível continuar o amor. O seu amigo era ciumento e intransigente; não a compreendia. De mais a mais um seu antigo namorado, o que lhe dera algum consolo após os infortúnios que lhe ocorreram, ao chegar ao Rio, fôra novamen-

te procurá-la, pedindo-lhe que voltasse para ele. Não podia suportar mais a dor de vê-la com outro. Nadir chorava agora. Sim, ela seria a portadora da infelicidade? Amava um homem que morrera, personificado noutro que vivia, porém, desejando dar-se ao homem que a implorava. Marquita estava agora silenciosa, sem saber o que dissesse. Nadir era uma mulher enigma. Sim, ela talvez tivesse razão, era o seu destino atrás e impiedoso que a perseguia, a sombra do passado que não permitia a reconciliação com o futuro. Nadir, no entanto, tomara uma resolução; iria passar uns dias na casa de sua tia em Niterói, abandonaria tudo...

Marquita ao passar na Avenida Rio Branco encontra, no lugar de costume, o seu amigo, à espera de Nadir. Como? Ela nem sequer se explicara com ele? Acerca-se, com uma resolução firme e inabalável. Tinha pelo seu amigo uma estima imensa. Não queria vê-lo sofrer. Era digno e elegante. Não tinha culpa do destino de Nadir.

Juntos no café, o seu amigo, num longo olhar, firme e penetrante, deixando desprender-se a fumaça do cigarro, diz-lhe o quanto deplorava Nadir. Marquita após ter explicado o passado de Nadir, diz-lhe para abandonar esse amor. Nadir não poderia dar felicidade. Ele merecia ser feliz. Ele, porém, na sua grande psicologia, havia percebido tudo. Quizera, apenas, curar Nadir. Tinha por ela uma grande afeição, mas o amor já não tinha mais segredos para ele. Procuraria esquecê-la, portanto.

O destino não permitira a ilusão. Só pedia a Marquita que lhe arranjasse a devolução de suas cartas e retratos. Marquita, ao despedir-se, tinha vontade de chorar ao lembrar-se de sua amiga. Ela seria sempre uma mulher insatisfeita. Talvez que o seu apaixonado de então lhe proporcionasse alguma felicidade, porém, seria difícil. Nadir rejeitara um bom casamento para aceitar, talvez, o que lhe implorava o seu amor. Ela, no entanto, seria sempre uma mulher enigma. Haveria sempre de chorar pelo **outro**, o que personificara o seu ideal. E, assim, desafiando o destino, iria a sua amiga, como muitas outras, pelos caminhos da vida, levando para o tumulto o segredo de um grande amor...





FOI quando abriu a porta do elevador, no sexto andar do edifício onde trabalhava, que Anselmo teve a noção do perigo que pesava sobre sua cabeça. A lembrança lhe veio num lampejo e ele, com uma clareza espantosa, enquanto marchava pelo corredor, em busca da porta do escritório, teve a visão perfeita do que iria acontecer, em consequência do imperdoável esquecimento.

Na véspera recebera aquela carta. Depois de uma série infundável de peripécias, de todo um demorado *flirt*, a princípio inconsistente, e depois transformado em coisa mais palpável, mais real, viera-lhe a perfumada prova de adesão. Não tivera tempo de responder, à tarde, durante o expediente. Ocorrêra-lhe, então, um gesto audacioso: levá-la para casa, para tentar responder à noite, depois que Ana Maria estivesse deitada. Pretextaria um serviço mais urgente. Despedir-se-ia dela com carinho, aconselhando-o a não permanecer acordada até tarde por sua causa; prometeria que quando se fosse deitar, findo o trabalho, não deixaria de chamá-la para ganhar o beijo de *bôa-noite*, e então quando ficasse só, no silêncio de seu gabinete, à luz suave e clara do *abat-jour*, burilaria frases ardentes, faria uma resposta melhor do que a que pudesse compor durante o dia, com os ouvidos cheios do tiquetaquear das máquinas de escrever, das conversas por telefone e das piadas dos companheiros entre si.

Tudo corrêra conforme essas previsões.

Após o jantar saíra, com Ana Maria, para dar pelo bairro a costumeira volta noturna. E, à volta, após o cafézinho, também habitual, retomara a continuação de um trabalho co-

A P R O V A

Conto de GALVÃO DE QUEIROZ

meçado algumas noites antes, prolongando o serão até hora avançada.

Quando, como de costume, Ana Maria começara a fazer os preparativos para se recolherem, deu o golpe certo:

— Querida, tenho que terminar este trabalho e vou ficar acordado até mais tarde. Para não te sacrificares, preferia que te deixasses sem mim...

Ana Maria, após relutar, cedêra, pois estava com sono. E, mergulhada a casa no silêncio, concentrando na resposta toda a sua já um tanto escassa inspiração doniuanesca, escrevera e emendara, acabando por escrever e gostar... Antes de ir dar na mulher o prometido beijo de *bôa-noite*, tivera o cuidado de destruir todas as cartas começadas e postas de lado. Tornara a ler a resposta definitiva e tivera um sorriso de satisfação:

— Está... do outro mundo!

E só agora, ao sair do elevador, se tinha lembrado de que havia deixado um rastro sem destruir, uma pégada fatal, uma indiscutível marca do seu crime, ou do seu pecado, se fôrmos mais generosos, ou da sua pequena falta — se fôrmos mais generosos ainda.

— Como é que eu não me lembrei disso?! — pensava. — Se eu sei como Ana Maria é ciumenta, desconfiada... Se sei que ela vive a espionar-me, a buscar por toda a parte um sinal de infidelidade, que examina meus bolsos, aspira perfumes inexistentes em minha pele, vasculha minhas gavetas, lê, nas linhas e entrelinhas, minhas cadernetas de notas...

Como é que eu fui fazer uma coisa assim?! De que lhe valia ter tido tanto cuidado

De que lhe valia ter tido tanto cuidado em destruir as páginas escritas e postas de lado, de que lhe valia ter sabido tão genialmente ocultar a carta recebida e a respectiva resposta, se lá tinha ficado, no mata-borrão da escrevaninha, a prova inofismável de tudo? Que idéia tivera, que lamentável idéia, a de usar o berço de mata-borrão para secar a carta! Que idéia, que idéia idiota, a sua!

Desde que se casara, a mulher sempre vivera desconfiada. Talvez porque ele, um pouco para se dar valor, lhe contara coisas, episódios, ocorrências de seu passado, em boa parte dedicado a aventuras com o outro sexo. Ou, talvez, não: apenas por ser ciumenta e desconfiada, como toda a mulher. O fato é que Ana Maria o trazia numa roda viva investigando, espionando, sindicando, pondo *verdes* para vê-lo cair, provocando confusões para apanhá-lo em contradições... Tinha a impressão de que aquilo já era, nela uma espécie de mania. Estava empenhado seu amor próprio. Como o naturalista que se esgota, que dá tudo, que morre à procura de uma espécie rara que cismou de descobrir, assim ela fazia. Procurava, buscava, esmiuçava. Mas em vão.

Se era viva a vigilância, mais viva e atilada era a ação do vigiado... E nos seis anos de vida comum nunca, até então, Ana Maria conseguira achar a prova buscada, a sonhada prova de sua infidelidade.

— Pra mim, — ela dizia — você não é nenhum santo. Eu ainda não peguei a prova, nenhuma prova de suas piratarías, mas um dia... Ah! um dia!

Apesar de esperto, Anselmo receiava bem que qualquer inadvertência pudesse originar esse "um dia". Não sabia bem do que seria capaz a mulher, se o pegasse em falta. Quem é capaz de imaginar de que será capaz uma mulher com ciúmes? E agora, cheio da certeza de que a *prova* deixada em casa seria fatal-

mente achada, essa dúvida ainda maior se fazia em seu espírito. Que atitude ela tomaria? Que faria, ao encontrar — e encontraria, na certa, isso nem ele queria discutir! — a prova evidente, no mata-borrão? Por momentos lhe vinha o receio de um gesto violento da mulher. Teria ela coragem para fazer uma tolice? Ao pensar nisso, sentia um arrepio! Mas, talvez nem visse coisa nenhuma, e estava ele ali a se amofinar inutilmente...

Mas como? Como admitir que Ana Maria, um verdadeiro *detective*, que andava a farejar infidelidades por toda a parte, que até nas suas listas de *bicho* andava a ver telefones suspeitos, fôsse deixar escapar a marca palpável, visível, deixada por ele, imbecilmente, tão à vista, tão à mostra...

A manhã lhe correu entre angustias e temores. Não atinou a fazer nada direito, no escritório. Quasi desistiu de mandar pôr a carta no Correio. Andava, virava, ei-lo a imaginar coisas tétricas, coisas negras: Ana Maria fazendo escândalo, tentando o suicídio, contando tudo à família. Seu nome citado... O caso na boca dos chefes, das pessoas de sua amizade... E a "outra" envolvida em tudo, sem que nada mais tivesse "concedido" do que aquela primeira carta, tímida, receiosa...

A hora do almoço pareceu não chegar nunca. Porque — curioso! — seu desejo era o de voltar o mais depressa possível para junto da esposa, para *ver logo* em que tinha dado a coisa... Sentia viva a necessidade de *saber*, de esclarecer a situação, de enfrentar tudo... Era preferível isso àquela incerteza, à angustia de esperar, conjeturando, imaginando...

No ônibus, a caminho de casa, sentia-se atordoado. Tinha a impressão de estar colocado num plano mais alto, de estar acima dos outros, a cavaleiro de todos, de ser até imponderável, feito de outra matéria diferente da de que é feita toda a gente, estando entre todos sem realmente ali estar. Sensação de sonho, de pesadelo, difícil de descrever.

O ônibus parou na esquina e ele saltou com as extremidades frias. As mãos, então estavam geladas! Pelas axilas lhe escorria um suor gélido, incômodo. Mas tratou de subir corajosamente a pequena ladeira.

Como seria recebido? Que a atitude de Ana Maria? Como reagiria ela, tendo achado, afinal, a *prova*, depois de onze anos de busca improficua, de inútil perseguição? E se, ao chegar, já encontrasse o lar vazio, e em lugar da mulher achasse um bilhete dizendo que tinha ido para a casa dos pais? E, se, ao entrar, fôsse logo sentindo o cheiro característico do gás, e a fôsse encontrar desfalecida, no banheiro?!

Apertou, emocionado, o botão da campainha. Segundos depois, a chave girava na fechadura e Ana Maria aparecia como todos os dias, fresca ainda do banho, perfumosa, rosada, envolta no *peignoir*...

Em vez da temida expressão de ódio, desprezo ou dor profunda, mostrava um sorriso, um dos seus mais belos sorrisos de felicidade.

— Querem vêr que ela nada achou? — foi o pensamento esperançoso de Anselmo. Mas não queria crêr no que parecia a verdade. No íntimo, apurando bem, estava até desapontado. Sentia-se quase logrado por ter imaginado tanto, para nada se realizar.

O almoço foi servido.

A fisionomia de Anselmo revelava quase o seu desapontamento. Falou pouco, de início.

Ana Maria, entretanto, estava animada, sorridente, loquaz. Por fim, o pobre rapaz não suportou mais a situação.

— Escuta — começou. — Estás com um jeito alegre... Que é que houve por aqui? Viste passarinho verde?

(Termina no fim da revista)

A VERDADE NUA

A roupa é o manto de misericórdia que a Arte lança sobre as misérias da Fôrma. O nú é, quasi sempre, uma reação da Verdade contra a estética...

—x—

O nú só não é casto quando mal vestido. O nú, como a Verdade, deve ser absoluto.

—x—

A mulher é o animal que dispense maiores quantias para atingir à perfeição simplíssima do Nú...

—x—

Ainda que o hábito de todos os povos o permitisse, as mulheres nunca andariam inteiramente despidas, porque elas tem horror às situações cíaras e singelas... Preferem fingir que se vestem a renunciar, simplesmente, à roupa...

—x—

E' certo que "o hábito faz o monje", mas também não se discute que os monjes (sobretudo das ordens pobres) façam os seus hábitos...

—x—

As mulheres elegantes dos nossos dias são, via de regra, configurações geográficas cujas nove décimas partes são conhecidas de todo o mundo et son père...

—x—

Uma mulher de bom gosto nunca deve mostrar o seu tornozelo nú. O tornozelo é um

osso invariavelmente triste, que tem por fim principal evitar os choques laterais nas pernas respectivas...

—x—

A verdade nua e crua é uma bobagem. Alguem já conseguiu cozinhar ou assar a Verdade?...

—x—

Se a Natureza não fôsse em favor do nú, para que teria vestido o esqueleto humano de músculos, cartilagens e péle?...



O osso é a última e definitiva fôrma do nú universal...

—x—

As montanhas não se preocupam em vestir-se e nem por isso deixam de ser mais decentes do que muitos homens e mulheres... Pelo menos, foi no cimo de uma montanha que Moisés recebeu, do Senhor, as táboas da Lei...

—x—

90% da beleza das mulheres é simples arranjo inteligente dos trapos e das tintas...

—x—

Uma dama que continúa bonita depois de lavar o rosto — ou é uma perfeição, ou usa tintas inapagáveis...

—x—

Vestir um nú é uma obra de misericórdia, mas nunca se deve vestir um nú de outro sexo, a não ser que se trate de uma criança...



A Indumentária não passa, afinal, da arte de rebocar os estragos causados pelo Tempo ou pela Natureza...

—x—

Dá-se o nome de uma mulher "bem vestida" à que se sabe despir com elegância...

—x—

O Paradoxo é uma verdade embuçada num capote de péles...

—x—

O nú das crianças, o nú inocente é perfeitamente silencioso. O nú pecador é gritante e agressivo...

—x—

Quando uma mulher moderna se recata muito, ou tem a perna torta, ou a meia rasgada...

—x—

Vestir é abafar, com uma simples convenção, o terrível problema da Fôrma...

—x—

O uso do chapéu, entre as damas, é um modo sutil de esconder o problema do Nada...

—x—

Há senhoras tão gordas que parecem debruçadas sobre si mesmas...

—x—

O busto está para a mulher assim como a côr para a pintura e a linha para a escultura: é uma síntese e uma definição...

—x—

Uma mulher dificilmente pensa quando tem um chapéu na cabeça: a idêta e o chapéu pesam demais para se suportarem juntos...

—x—

A mulher elegante trata melhor das pernas do que da cabeça. E tem razão: a cabeça nunca levou ninguém para diante. As pernas, sim...

BERILO NEVES

O MALHO



Não vos direi...

NAS palestras e conferências comemorativas torna-se enfadonho alinhar datas, mais próprias do estilo sêco das biografias. Não vos direi, pois, que Gonçalves de Magalhães nasceu a 13 de Agosto de 1811, na cidade do Rio de Janeiro, segundo uns ou em Niterói, como afirmam outros, baseando-se em uma passagem de seu poema, "A Confederação dos Tambois", na qual exclama: "Niterói! Niterói! Como és formosa Eu me glorio de dever-te o berço."

"Niterói! Niterói! Como és formosa
Eu me glorio de dever-te o berço."

Parecerá a algum espirito ironico que Magalhães não sabia, ao certo, onde tinha nascido, pois em outros versos canta o Rio de Janeiro como sua cidade natal. A não ser que tivesse nascido numa das barcas de Niterói, quando se achava ela em meio da baía, ficando o nascimento sem terra certa pela confusão das águas...

Chegaram felizmente os biógrafos à conclusão de que o nome da baía de Guanabara era, então, Niterói, explicando assim a aparente contradição de quem tendo nascido no Rio cantava a Praia Grande como sua terra natal.

CLAUDIO DE SOUZA

(1938)

Antologia PITORESCA

Seleção de FRAGUSTO

O Meu Y

QUANDO apareceu o meu livro de versos "Legenda da luz e da vida", em Setembro de 1911, João Luso, numa crônica do "Jornal do Comércio", escreveu: "Alvaro Moreyra... A implicancia dêste 'y' e a vontade que se tem de errar êste nome!" Dez anos depois, na "Revista do Brasil", a proposito d'"O outro lado da vida", disse Monteiro Lobato: "Alvaro Moreyra... Já neste 'y' grego começa o trabalho de estilo de Alvaro..." Com menos simpatia, muita gente tem implicado com o meu "y". Eu podia lembrar aos amigos e ao público em geral que, descendendo de portugueses, encontrei no passado numerosos Vieyras, Ferreyras, Silveyras. Não lembro. Conto-lhes que eu me chamava mesmo com "i" e que, certo dia, um jornal de Porto Alegre trouxe uma noticia assim:

"Meliantes

Onçem à noite, pela cidade baixa, Alvaro Moreira e o seu costumado grupo andavam oferecendo à venda um gramofone. A policia desconfiou da origem do instrumento e meteu os meliantes no xadrez."

Eis aí por que aconteceu o meu "y". Por que eu sempre tive medo das confusões... Isso, aliás, não evitou que surgissem, mais tarde, dois novos Alvaros Moreyras, fazendo coisas que eu nunca fiz... Um, roubou um guarda-chuva no Ministério da Agricultura. O outro tratou casamento no Meier.

ALVARO MOREYRA

A primeira encarnação do "Juca Mulato"

NUMA semana estava pronto o poema. O autor pensou em mantê-lo inédito. Na realidade, em Itapera, êle não tinha sequer a quem mostrar sua obra. De tudo entendiam os itapirenses: de eleições bravias, de plantar café, de jogar bilhar no clube, de falar mal da vida alheia na farmácia, menos de versos. Versos eram coisas absolutamente desnecessárias naquela pequena terra que serviu de cenário para a "Lais", que causou sérias preocupações policiais devido a um linchamento e que constituia um âlgido túmulo a quaisquer veleidades literarias. O poema estava destinado a morrer na gaveta. Foi então que — milagre dos milagres! — apareceu, em Itapera, o editor!

O editor, essa média criatura que se nutre do miolo dos artistas, é bicho arisco e chucro, mesmo nas grandes capitais. O leitor não acreditará que houve editor em Itapera se não declinar o nome do herói: Rodolfo Paladini. Esse fidalgo de alma florentina, cuja carreira posterior devia ser brilhante, bocejava num grande armazem de ferragens, em cujos fundos possuía um prelo no qual imprimia o clássico hebdemadario local.

— Vamos botar isso em letra de forma—propôs.

O autor de "Juca Mulato", porém, amava por demais sua ainda tenra criatura. "Juca" somente sairia em público muito bem vestido: bom papel e impressão impecável.

— Vamos vesti-lo com papel de Holanda e imprimi-lo-emos com tipos especiais.

Veiu o papel, Veiu a fonte de tipos. A primeira edição — 500 exemplares, hoje rarissima — saiu um mimo. Nas suas posteriores dezesseis encarnações jamais "Juca" se apresentou tão lampeiro como da primeira vez que viu êste mundo. Paladini esmerouse. Mas o "Mulato" surgira irrequieto demais. Saltou das fronteiras municipais para as do Estado, depois do país e depois do continente. Não houve meio de ter mão sobre seu sequioso impeto de viver na larga paisagem das letras patricias. Os quinhentos exemplares se multiplicaram até os cento e quarenta mil.

MENOTTI DEL PICCHIA

(1941)

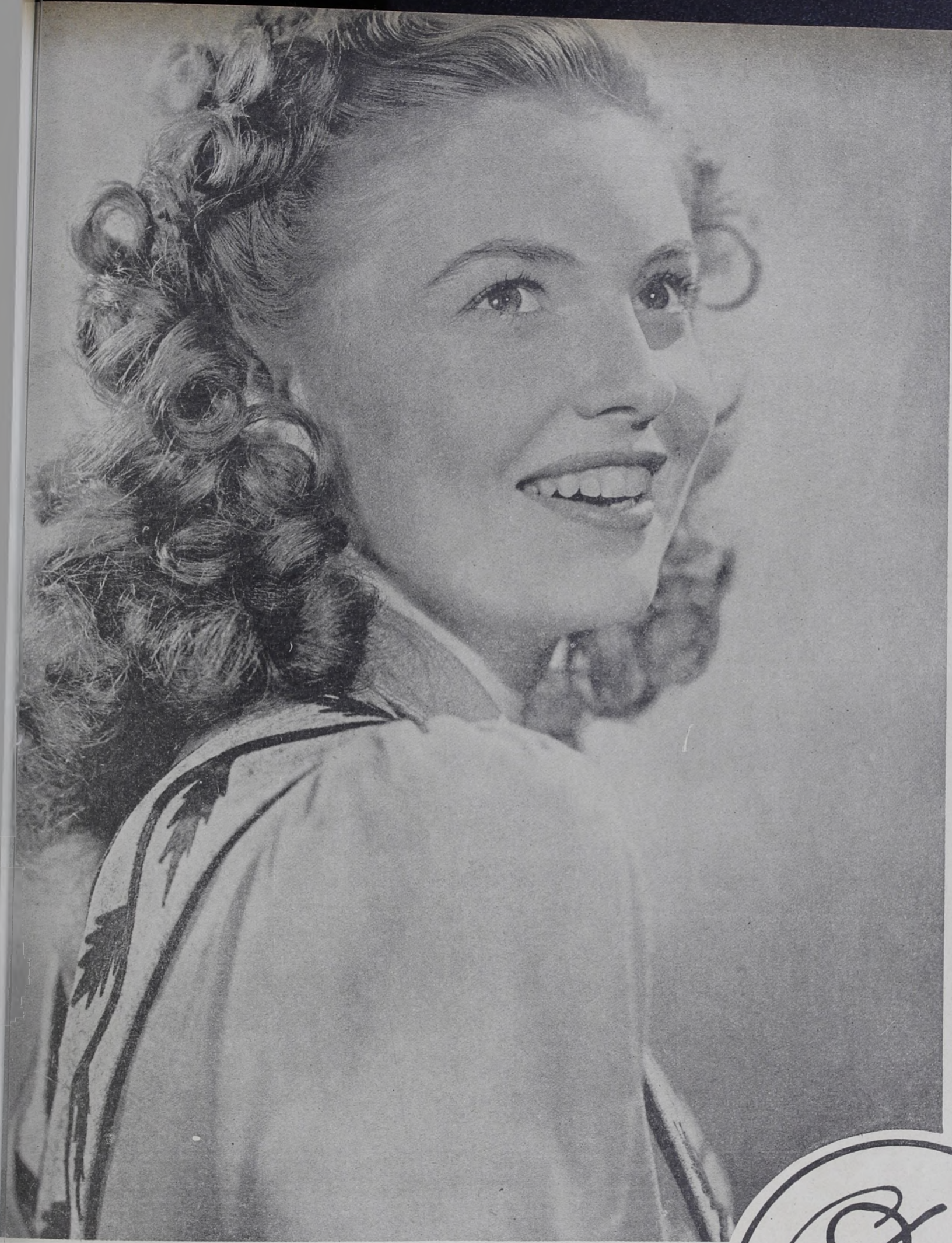
Definindo a Academia

HOUVE na Faculdade de Medicina do Rio, bisonho professor de Física e que certa vez deveria discorrer acerca dos barometros. "O barometro é, meus senhores..." e não lhe saía dos lábios emperados a definição; pigarreou ansioso, sem que lhe aparecesse a fórmula simbólica da linguagem. Conseguiu enfim salvar-se. Tomou do aparelho e exclamou enfaticamente para os alunos: "O barometro é êste instrumento que vos mostro" e fez passar de mão em mão o aparelho de Física que lhe ia matando a honra didática...

Parafraseio o obscuro professor. A Academia... é a Academia que já conheceis tão cheia de vigores, recamada de estrelas que povoam êste ambiente: algumas já partiram *ad immortalitatem*, mas continuam a fulgir no céu, como no celebre soneto de Bilac às virgens mortas.

ANTONIO AUSTREGÉSILO

(1928)



Esta é Joan Leslie, revelação da Warner Bros, uma "estrêlinha" que se destacou recentemente em "Sargento York", ao lado de Gary Cooper. E logo depois, de "estrêlinha" passou a categoria de "estrêla". A fotografia diz bem quem é a nova Joan de Hollywood, uma pequena de grande futuro, uma destas personalidades que não aparecem todos os dias no cinema americano.

De
Cinema



ROBERT MONGOMERY fez dois filmes ultimamente, fóra da Metro, antes de assumir seu posto de "attaché" naval na Embaixada Americana de Londres. O primeiro foi "Que espere o céu", na Columbia (considerado um dos melhores trabalhos de sua carreira), e o segundo — "Deliciosa aventura", na Universal, com Irene Dunne, do qual damos a cena acima.



ANN AYARS, a nova "estrelinha" da Metro, felicita (fê-lo com um beijo, diz a legenda original da fotografia) o veterano Lionel Barrymore pelo 26.º aniversário do popular ator na Metro, durante a filmagem do mais recente celulóide da série "Dr. Kildare". Lionel trabalha na Metro desde os primeiros tempos dessa empresa, então independente. Foi até diretor naquela época...



Aqui está o "moderno" (se assim é possível chamá-lo...) Antonio Moreno, o antigo ídolo dos filmes em série da Vitagraph e Pathé (a "Casa do Ódio", de Pearl White ainda faz saudades...), numa cena de "Fiesta", musical em Têcnicolor, de Hal Roach. A "señorita" é Anne Sayars e o da direita, George Negrete. Esse filme marca também a volta ao cinema de Armida, que tanto sucesso alcançou nos primeiros filmes falados.

HA 30 ANOS

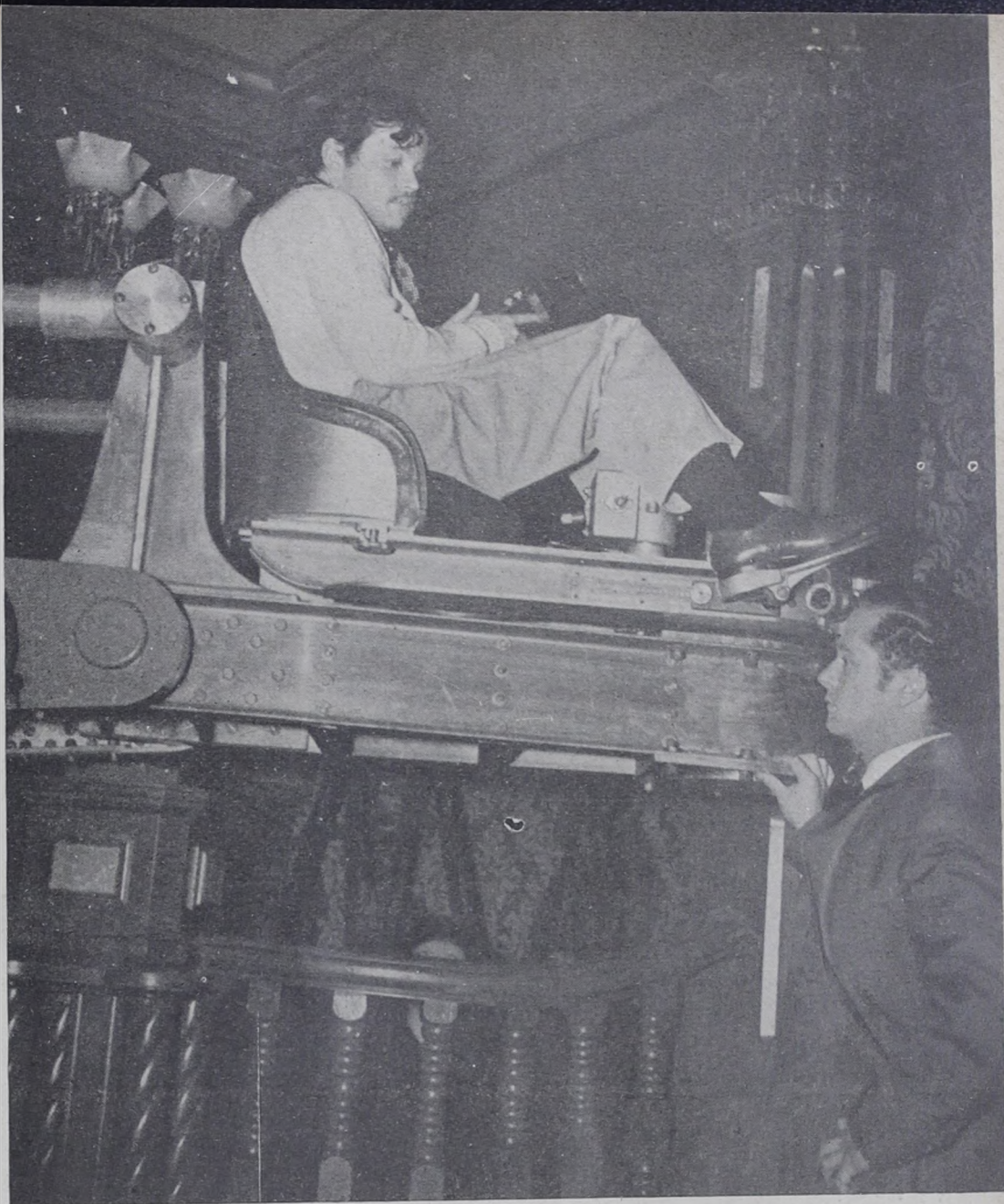
Fevereiro de 1912 apesar de ter 29 dias, foi um mês fraco para os "fans" daquela época. O Carnaval e a morte do Barão do Rio Branco, foram, naturalmente o motivo. O acontecimento do mês foi o cinema colorido pelo processo inglês "Kinema-color", apresentado no "Avenida". Alguns dos filmes coloridos exibidos foram: — "Um dia de regatas em Henley", "Na praia de Ostende", "Inauguração do monumento à Rainha Vitória", "O Rei da Inglaterra e o Kaiser alemão", "As caratas do Niagara", "Cerimonial da investidura do "Príncipe de Gales", "No Reinado do terror" (episódio histórico do tribunal da Revolução Francesa), "Corrida de motor-boats", "Por ordem de Napoleão" (outro filme histórico)... O Sr. Staffa apresentou três estréias da famosa Nordisk — "O pássaro estranho" (Asta Nielson, escrito por seu marido Urban Gad), "Annie Bell" e "A filha do caminho de ferro" — ou — "A engeitada" (ambos com a elegante Wuppschlander) e reprizou "A vítima do mormon" e "Tentações das grandes



RITA HAYWORTH, a encantadora Dona Sol de "Sangue e Areia", é a companheira de Fred Astaire, em seu recente filme para a Columbia — "Ao compasso do amor". Si existe alguém que ainda não se conformou com a falta de Ginger Rogers nos últimos trabalhos do grande bailarino, vai conformar-se com este filme...

idades" (êste um dos primeiros grandes sucessos da Nordisk) e "O romance de um moço pobre", da Ambrósio, com Alberto Capozzi e Gigetta Morano... No Odeon, da empresa Zambelli, entre outros filmes, foi exibida uma "Vida de Chopin", colorida. No Cinema Paris (de Couto, Pereira & Cia.), foram apresentados, o "Romeu e Julieta", colorido da Pathé Frères, em duas partes, e uma "charge" ao feminismo, com Mistinguett, "Viva o feminismo". "O torneio do cinto de ouro", conto medieval, colorido da Pathé, "A Tosca", da mesma fábrica, e "O esquite de vidro" histórica fantástica da Eclair, passaram no Ideal. E, o distribuidor desta última fábrica, tão saudosa dos "fans", publicava um anúncio, sensacional naquela época, que dizia isto: — "Z — Quem foi que disse que ZIGOMAR tinha morrido debaixo dos escombros fumegantes de sua misteriosa caverna após a explosão da cripta? CORREM BOATOS... — Z". — Era a continuação do célebre filme policial "Zigomar"... O cinema brasileiro estava representado pelo Cine-Jornal Brasil e as atualidades de L. Musso & Cia.

ORSON WELLES, a grande revelação do ano passado, com seu admirável "Cidadão Kane", dirige agora seu segundo filme para RKO - Rádio — "The Magnificent Ambersons". Desta vez, o homem que assustou os americanos pelo rádio, anunciando uma sensacional invasão dos marcianos, não trabalha como ator. É apenas o "cenarista" (a história é de Booth Tarkington), o diretor e o produtor (garantia de que o filme será novamente artístico sem interferência da bilheteria...), e Tim Holt, fi-

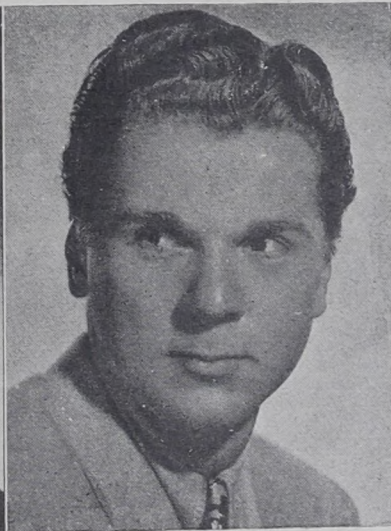


lho do veterano Jack, é um dos principais intérpretes. Na fotografia, vemos o diretor e Tim Holt, no intervalo da primeira filmagem. — — — — —

BIOGRAFIAS RELAMPAGO



BETTY GRABLE nasceu em Kansas City, no dia 18 de Dezembro de 1916. Cabelos louros e olhos azues. Começou no cinema, fazendo pequenos papéis. Teve a sua primeira "chance" em "A alegre divorciada". Mas só, ultimamente, em "Serenata tropical", é que ganhou fama.



JACKIE COOPER nasceu em Los Angeles, no dia 16 de Setembro de 1923. Começou no cinema nas célebres comédias infantis da "Our Gang". Ganhou fama como "garoto-prodígio", em "Skippi", "O Campeão", "O bamba da zona" e outros filmes. Hoje é galã juvenil.



PRISCILLA LANE nasceu em Iowa City, no dia 13 de Junho de 1917. Cabelos louros e olhos azues. Irmã de Lola e Rosemary na vida real e nos filmes da série "Quatro filhas". Fez a sua estréia, com Rosemary, em "Aprenda a sorrir".



JEFFREY LYNN (Ragnar Godfrey Lind) nasceu em Auburn, Massachussetts, no ano de 1910. Sua entrada no cinema deve-a a Bette Davis, que viu um teste seu e entusiasmada, o recomendou à Warner. Intérprete da série "Quatro filhas".

Dr. Osvino Pena, que dirigiu o curso de Anatomia Patológica com o Dr. Amadeu Prialho.



Dr. Manoel de Abreu, que dirigiu o curso de Radiologia.

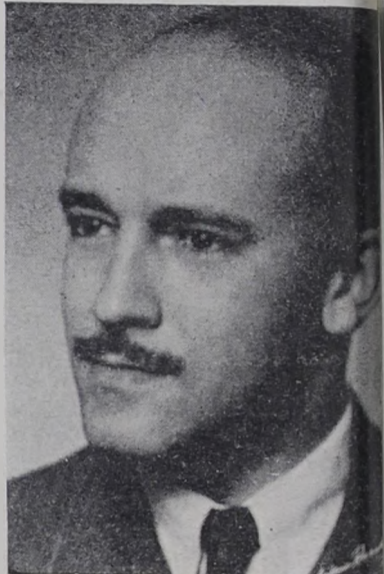


Dr. Campbell Penna, que dirigiu o curso de Fisiologia.



Dr. Austregesilo Filho, que dirigiu o curso de Doenças Nervosas.

Dr. M. Fabião, que dirigiu o curso de Ginecologia



Cursos de Especialização da Sociedade de Medicina e Cirurgia

ELA primeira vez no Brasil foram realizados numerosos cursos de especialização Post-graduado sob um comando único. Ideado pelo prof. Austregesilo filho, recebeu os aplausos unânimes da classe médica que por intermédio da Sociedade de Medicina e Cirurgia os fez executar com pleno sucesso. Foram constituídos 28 cursos e a comissão que os coordenou era constituída dos drs. Manuel de Abreu, Austregesilo filho e Campbell Penna.

Houve 28 diretores de cursos e cerca de 200 professores. o número de médicos que frequentariam os diversos cursos atingiu a cerca de um milhar.

Estão nesta página alguns dos diretores de curso.



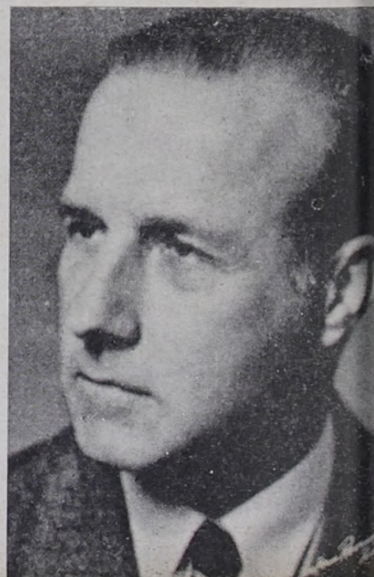
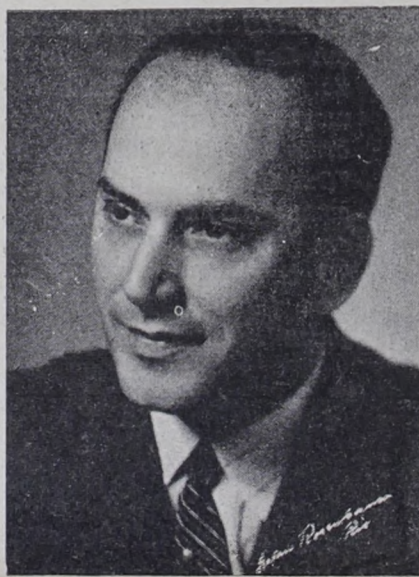
Dr. Estelita Lins, que dirigiu o curso de Urologia.

Dr. Carlos F. de Abreu, que dirigiu o curso de Puericultura.

Dr. Capistrano Pereira, que dirigiu o curso de Otorrinolaringologia.

Dr. Ugo Pinheiro Guimarães, que dirigiu o curso de Cirurgia

Dr. Mario Kroepf, que dirigiu o curso de Cancerologia.





O Ministro do Trabalho, Sr. Marcondes Filho, quando fazia entrega de um dos diplomas de vencedores do Concurso.

REALIZOU-SE a 20 do mês findo o encerramento do Concurso anual de robustez infantil, promovido pelo Instituto dos Bancários, tendo o Sr. Marcondes Filho presidido a solenidade da entrega dos prêmios.

O titular da pasta do Trabalho, falando sobre a finalidade do certame, exaltou a iniciativa do presidente do Instituto dos Bancários, Sr. Aderbal Novais, a quem se deve a realização desses concursos, que importam em valiosa contribuição para o fortalecimento da nossa raça.

Terminada a solenidade com a entrega dos prêmios aos candidatos vitoriosos, o Ministro Marcondes Filho, em companhia do Sr. Aderbal Novais, visitou as instalações do Instituto.

Mesa que presidiu a solenidade, vendo-se, à esquerda do Ministro Marcondes Filho, o Sr. Aderbal Novais, presidente do Instituto dos Bancários.

Concurso de Robustez Infantil do Instituto dos Bancários





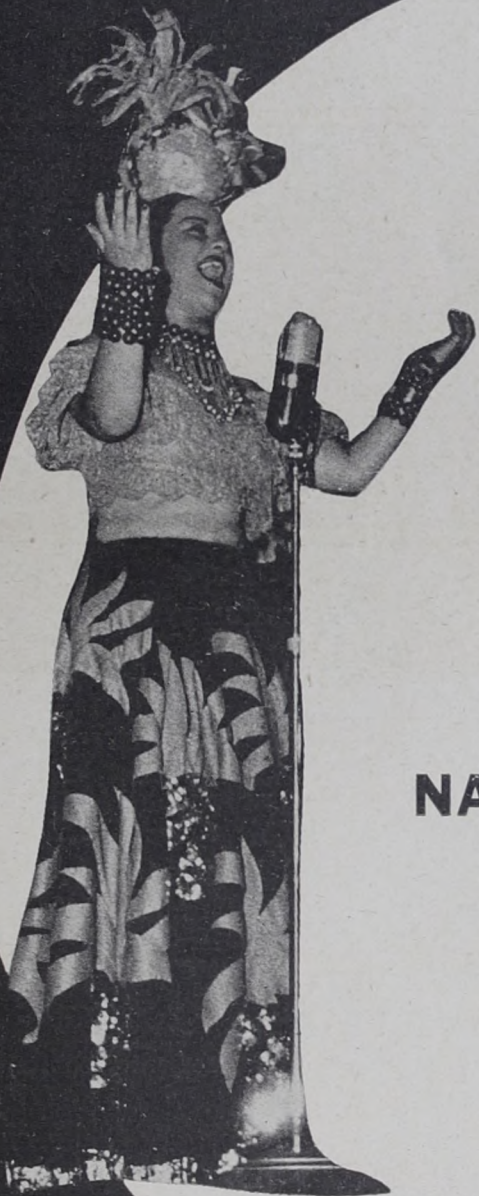
AS CLASSES CONSERVADORAS EM FACE DO MOMENTO PANAMERICANO

FLAGRANTE colhido na Associação Comercial do Rio de Janeiro quando, por ocasião de uma de suas reuniões semanais, fazia uso da palavra o Sr. João Daudt de Oliveira, 1.º Vice-Presidente da prestigiosa agremiação e figura de grande projeção nos meios industriais desta Capital, em cuja melhor sociedade é também elemento muito conceituado.

O Sr. João Daudt, que é dono de uma bela cultura e possui dotes oratórios so-

bejamente demonstrados, teve oportunidade de fixar a situação das classes conservadoras, em face do momento atual e da realidade panamericana, tendo traçado um esboço de programa de ação, cheio de iniciativas do maior alcance para os interesses do comércio como fonte de riqueza ou como profissão, com o fim superior de garantir-lhe uma estrutura sólida para as realizações de que é capaz.

Carnaval na Urca



NA "URCA" JÁ SE VIVE
EM PLENO CARNAVAL





A atração
irresistível...

...o Pó de Arroz Coty com

o encanto do Perfume L'Aimant em nova e esplendente apresentação.

Inspirado em L'Aimant — o perfume iman — Coty criou uma nova apresentação para personalizar o seu Pó de Arroz perfumado a L'Aimant. E deu-lhe também 12 tonalidades jovens e modernas. Assim, a Sra. poderá escolher o tom que convém à sua cutis, nessa variada coleção de cores... desde o Noisette — para os tipos de pele morena — até o Rose Chair — para as louras delicadas... Com uma finura própria para aderir perfeitamente sobre o rosto, o Pó de Arroz L'Aimant de Coty fixa-se uniformemente, confundindo-se com a cor natural da sua pele.



CONHEÇA O PÓ DE ARROZ

L'AIMANT

Coty

COTY S. A. B. — Dept. de Beleza - Caixa Postal 199 Rio

Desejosa de experimentar o Pó de Arroz "imantado" de Coty, peço enviar-me uma amostra do tom abaixo sublinhado:

TONS: Branco, Rosa, Natural, Ocre, Ocre Rosado, Ocre D'Orient, Raquel, Raquel Foncé, Raquel Nacré, Pêche, Noisette, Rose Chair.

1 - 111 - 147

NOME

RUA

CIDADE

ESTADO



OUÇA

tôdas as 2as., 4as., e 6as., às 21,10 horas, a famosa Orquestra Francesa de RAY VENTURA, na Rádio Mayrink Veiga do Rio e nas ondas curtas de 25,50 metros da Rádio Difusora de São Paulo.

APRESENTADA POR

Coty



Pijama de crêpe de seda vermelho vinho, ornado de grandes e alvas flôres tropicais. Destina-se a jantar, e foi desenhado para Joan Leslie, artista que a Warner apresentará em "The Wagons Roll At Night".

SENHORA

SUPLEMENTO FEMININO

por SORCIÈRE

Logo ao despontar do novo ano recebi de "leitora amiga" um bilhete em que me pedia para definir, por esta página, o que entendia por elegancia.

Há alguns anos certa revista do Rio promoveu um inquerito para conhecer o que da elegancia pensavam os intelectuais patricios.

Naquête tempo Medeiros e Albuquerque não podia, então, deixar de ser ouvido, e o foi.

Disse coisas interessantissimas, como lhe era de habito, mas não disse tudo.

O melhor, numa definição ótima, guardou-o êle para um dos seus mais ap'audidos livros — "Por alheias terras".

Aí nessas impressões de viagens, impressões de quem sabe vêr com agudeza e tirar do que vê observações sempre novas, disse êle que, "de um modo geral, um movimento é elegante quando não parece revelar nenhum esforço".

Por aquela época tive eu enseio de comentar a entrevista do grande homem de letras, e escrevi que, no fim de contas, todo áto, toda ação, é um movimento, perceptível ou não, mas sempre movimento,

Logo, no fim delas, e tambem de um modo geral, todo áto, toda ação é elegante quando não parece revelar nenhum esforço.

Há, entretanto, uma porção de nadas e nadinhas que revelam esforço, mas não deixam que quem os pratica vislumbre o que tanta gente enxerga.

A pintura do rosto por exemplo.

Mulher muito avermelhada (e há muito boa gente que usa e abusa do carmim) o que sugere é que veio de torcer e estender ao sol roupa lavada, ou veio da boca de um fôrno quente.

Mas não é só sugestão o que aí existe, tambem há, na realidade, um esforço visível — o de chamar a atenção — como seria o do "camelot", que, para anunciar qualquer novo carmim ou "bâton", se vestisse de escarlata e se puzesse a gritar — só é palido quem quer!

O passo muito bamboleado ou de legua e meia é outro esforço visível. Todos estão a notar quanto custa a dansa dos quadris ou o alargar demasiadamente as passadas.

O pequenino chapéu de palhaço — tão do gosto de muita moça bonita — faz pensar num trabalho de equilibrista, portanto num esforço, numa deselegancia.

A lista é longa, e não cabe toda aqui. Pelos domingos tirem-se, então, os dias santos. Esses exemplos farão conhecer os outros.

As inumeras leitoras desta página não terão, porém, de consultar o espelho. Para quê?

Todas são elegantissimas, e em nenhuma delas se poderá descobrir o melhor senão.

Cada uma tem, todavia, muitas amigas, e nestas, principalmente nestas, é que poderá ver o que no espelho não encontrou, nem encontrará.

Examine-as, pois, com calma, com calma atenção, meticolosamente, e logo convencerá de que para se ser elegante é preciso respeitar aquela definição do Medeiros.

Não se faça força, ou se se fizer, não se mostre que se está fazendo.

Ainda resta um pequeno espaço para avisar à leitora de que Ernesta von Weber acaba de lançar a segunda edição do seu excelente livro "O Brasil que eu vi", e Ada Macaggi Bruno Lobo tem recebido elogios por "Impeto", brochura onde ela reuniu seus melhores poemas.

Claudette Colbert, a encantadora "star" da Paramount, adqueriu este vestido de crepon branco, adornado de flôres tropicais. É uma criação de Irene, especial para miss Colbert, e se caracteriza pelo corpo muito ajustado, as mangas curtas e o decote em fôrma de V. A saia rêta leva plissados de um lado, dando impressão de suave "drapé". A estamperia de flôres é branca e preta, parte do ombro e vai às cadeiras.



Como Vestem



Maureen O' Sullivan,
da Metro, apresenta
a última "fantasia"
em materia de traje
Para jardim

Gracioso "robe",
apropriado a vestir
sobre o "Maillot".



Traje branco, de "shantung"
blusa à marinheira bordada
"tatuagens" azues, saia no e
tilô calça. Veste-o Gl
ria Swanson em "F
ther takes a Wife
da R K O.



É realmente galante o
"ensembleí favorito de
Ann Rutherford, joven
atriz da Metro. Talha-se em
seda veludosa verde escuro,
talhando-se em "shantung"
claro a carioca, pois assim
o aproveitará agora, no
verão.



AS "Estrelas" do Cinema



Edith Head, estilista da Paramount, desenhou para Barbara Stanwyck este "night gown" de seda branca estampada de preto, blusa branca, de crepon. O casaco é curto, porém de mangas compridas, amplas na parte de cima, justas no ante-braço.

É no genero "sport", e mui gracioso, este gracioso traje de noite, ideado para Rita Hayworth. Verde "pistache", leva uma aplicação dourada na blusa. Pulseiras de ouro.

VESTIDOS

Lenço — detalhe elegante.



No mesmo gênero é este branco, a parte da frente da blusa e respectivas mangas de estampa em quadros.



Bem "sport" este vestido de "shantung" amarelo sol, cinto de verniz preto.

Foi desenhado para Kay Harris, da Columbia, este traje azul de louça e entremeios rosa madeira.

LEGANTES E PRATICOS

Luvas e gola de renda —
para guarnição de vestido
escuro.



Novo estilo de traje à ma-
rinheira. Sob as mangas am-
plas nas cavas conserva-se
a linha larga dos ombros.

Bolsa de renda, fôrro de
seda metálica — novidade
de gosto e do gosto ame-
ricano.



Trajes parisienses: de "shantung" rosa, "festonés" no tom, cinto e
gravata de veludo verde garrafa; e bonita composição de "piqué"
branco, entremeios de renda grossa, apropriada a festas à noite.

LINGERIE FINA



Combinação de renda preta, guarnição de renda estreita e fina.

Combinação clara, talhada em vizez, adorno de renda no mesmo tom da seda.

Graciosa camisa de noite talhada em crêpe de seda branco ou tonalidade pastel.





MICHELL MORGAN, "Star" da França agora em Hollywood, na R K O., indica, com a indumentaria apropriada, uma fôrma elegante de arranjar os cabelos sob a boina com que vai afrontar a chuva.



ANNA LEE, uma das mais populares artistas inglesas ora sob contrato na R K O., adora penteado alto: por ser comodo, e por assentar-lhe à bonitesa loira.



PENTEADOS

O penteado mais ao gosto da garôta moderna.



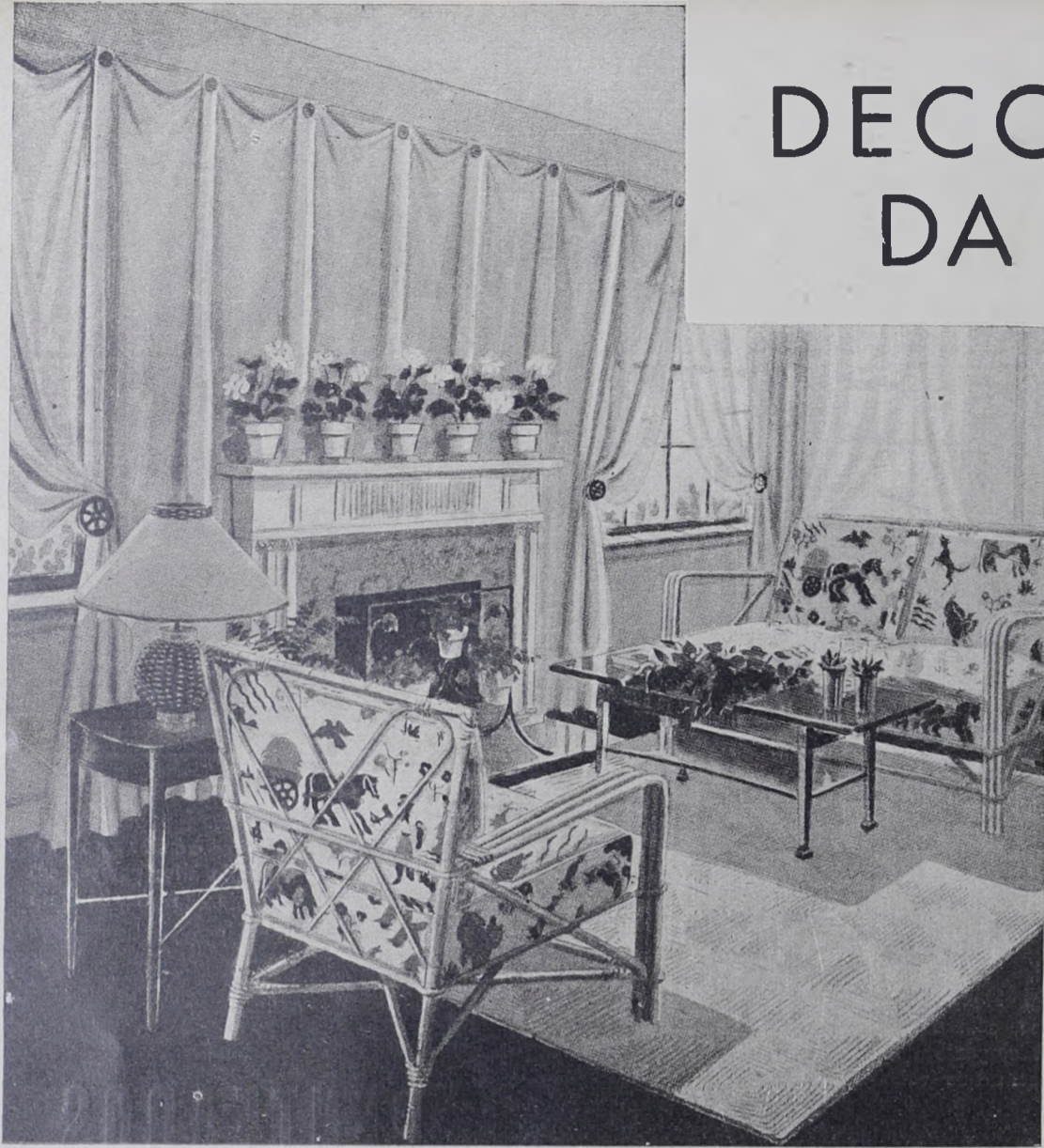
Penteado para quem não quer sacrificar cabelos compridos.



Galante penteado à chinesa, próprio a moças morenas

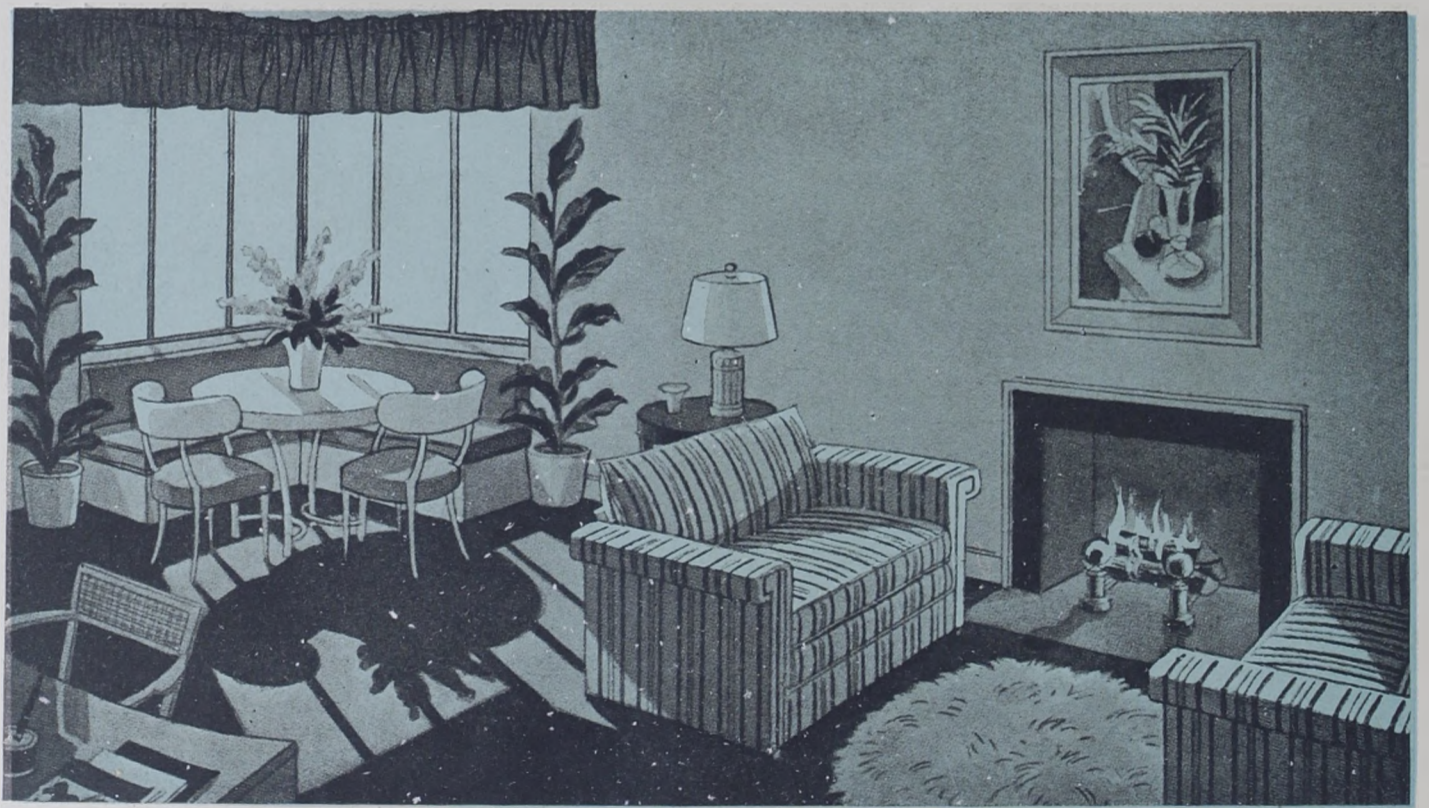


DECORAÇÃO DA CASA



Sala mobiliada para o verão no Rio ou fora dele. As plantas tomam primeira importância decorativa. Estôfos de linho.

Nos apartamentos modernos é comum a varanda envidraçada, uma espécie de complemento ao "living-room". Aí fica uma sugestão para tal aposento, e bem no caráter estival.



PASSADEIRAS · TAPETES · MOVEIS

ASA **UNES**
MARCA REGISTRADA

AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

SEGREDOS DE BELEZA DE HOLLYWOOD

POR
MAX FACTOR JR.

AUTORIDADE SUPREMA NA ARTE DO MAKE-UP

ESPONJAS DE PO' DE ARROZ...

E' sabido que um vinho ou um perfume tornam-se melhores com o correr do tempo; o mesmo sucede ao violino. Mas, caras leitoras, não pensem que esse mesmo princípio pode ser aplicado às esponjas de pó de arroz. Fazem parte do ritual da maquilagem, estragam-se com o uso, e devem ser lavadas e preparadas para nova aplicação, ou substituídas.

NÃO COMETAM ÊSTE ENGANO...

Muitas mulheres teimam em passar no rosto um pó de arroz bom e caro — (um pó de arroz pode ser bom e não custar muito dinheiro...) com uma esponja de qualidade inferior ou tão usada que só pondo no lixo.

A esponja muito usada perde as suas qualidades naturais, não pode desempenhar o papel exigido pela aplicação do pó de arroz. Não é possível fazer com que o pó se espalhe bem no rosto com uma esponja que se tornou extremamente lisa. Preste atenção a este fato: uma esponja de pó de arroz deve ser lavada depois de certo tempo, afim de que volte a recuperar o estado anterior. Depois de muito uso; é preferível pô-la fóra.

Sucedem também que, depois de lavada muitas vezes, priva-se das pequeninas saliências que servem para prender o pó, que se ajuste bem à pele do rosto. Assim; por mais limpa que esteja, deve-se jogá-la fora. Não peça emprestada ou não empreste esponjas de pó de arroz. Há mulheres muito cautelosas em matéria de higiene, e, no entanto, vivem usando as esponjas das amigas ou emprestando as suas.

QUALIDADES DE PO' DE ARROZ...

Não mude de marca de pó de arroz, sem lavar bem a esponja; ou substituí-la por uma nova.

Há inúmeras espécies de esponjas de pó de arroz, variando, é claro, de preço. A qualidade, porém, é de grande importância. Uma boa esponja dura mais tempo, e vale a pena não "economizar," comprando uma barata, a qual, em pouco tempo, terá que ser posta à margem.

DISTINÇÃO...

Uma esponja de boa qualidade conhece-se pela excelência da fabricação, estrutura do material, ausência de fiozinhos de linho na superfície. As de qualidade inferior possuem esses fiozinhos quando usadas durante algum tempo. Outrossim, depois de algum uso ficam encaroçadas, já não prestando bom serviço. Não pense também, leitoras, que é somente a esponja de pó de arroz que dá à pele superfície macia. Uma esponja não



Claudette Colbert veste saia de jersey cinza e blusa vermelha, no estilo campestre. Os bordados de aplicação talham-se em preto, é escarlate. Reparem no novo penteado da linda "siar" da Paramount.

poderá; por exemplo; retirar o excesso de pó. Isto é feito por meio de uma escovinha de pêlo macio.

AS ESTRELAS DE HOLLYWOOD

As estrelas de hollywood sabem usar maquilagem. Estrelas como a fascinante Olivia de Havilland, Claudette Colbert ou Ann Miller, por exemplo, sabem que o uso da escovinha de pêlo macio é necessário. Não há uma só estrela que não a empregue; afim de retirar o pó de arroz em excesso.

Já que estamos falando, hoje, de esponjas, deixem-me discorrer sobre o assunto. Aqui em hollywood, como também em outros centros sociais do país, a boa dona de casa tem sempre à mão um pacote de "esponjinhas" de emergência.

Quando dão uma festa ou um *cocktail Party*, colocam na sala de vestir, para uso imediato, tais "esponjinhas". São usadas apenas uma vez ou duas e a seguir inutilizadas. E' prático, higiênico e um gesto que certamente agradará às amigas.

DE VIAGEM...

Se você, leitora, vai fazer uma viagem, de trem ou de automóvel, use, em vez da sua esponja habitual, "esponjinhas" de emergência. Durante uma viagem é natural que a pele se cubra de poeira, poeira que se passa à esponja, tornando-a suja, imprestável. Por isso sempre aconselho às minhas amigas do cinema o uso dessas "esponjinhas".



PRATOS PARA ALMOÇO

BACALHAO BOCGMIGNON

Pôr o bacalhão de mólho, depois a ferver. Numa frigideira, colocar um bom pedaço de manteiga com cebolas cortadas em rodelas. Quando estiverem douradas, polvilhá-las com farinha, deixar escurecer e molhar com vinagre de vinho. Deixar cozinhar. Cortar o bacalhão em pedaços, refogando na manteiga, temperando com pimenta. Cubrir com o mólho explicado, um pouco de noz moscada raspada, e um pouco de salsa.

BACALHAO COM PORÓI

Escolher bons aipos porós, bem branco, pô-los a cozinhar em agua de sal, tendo cortado a parte verde. Cortar o bacalhão em pedaços regulares, fritando-os em azeite quente, depois os aipos. Refogar numa panela grande uma cebola e um dente de alho bem picados, salpicar com farinha, molhar com azeite, acrescentar pimenta e sal à vontade. Colocar dentro do refogado os pedaços de aipo cortados ao meio, deixando cozinhar por um quarto de hora. Quasi na hora de servir levar o bacalhão a aquecer.

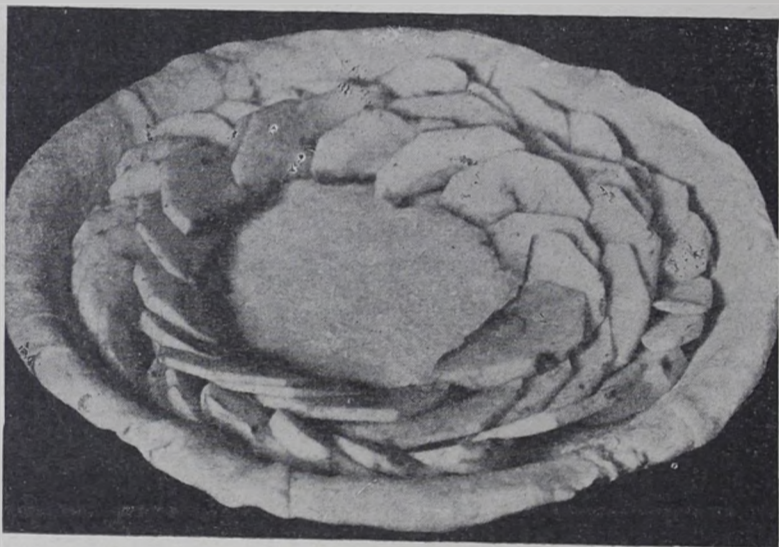
DOCES

PUDIM DE LARANJA

1 duzia de ovos bem batidos, 12 colheres de açúcar, caldo de 3 laranjas; mistura-se tudo e cozinha-se em banho maria. Também pode ser levado a cozinhar no forno como qualquer bôlo. Servir gelado.

CREME GELADO

1 garrafa de leite fervido com baunilha, deixar que esfrie. Bater 6 gemas com 8 colheres de açúcar como para gemada, e misturar no leite. Desmanchar 5 ou 6 folhas de gelatina branca em 1 chicara d'agua (das de chá) em forno brando, depois juntar a gemada que vai ao fogo para cozinhar um pouco (fogo brando). Ter todo o cuidado para não talhar. Coar 2 vezes em coador de arame pôr a esfriar. Molhar uma forma, despregar o creme, pô-lo a gelar.



TÓRTA DE MAÇA

O fundo preparado com massa de pastelaria, é coberto por finos gomos de maçã...



... recheio que precisa ser mais alto no centro, porque diminúe no forno. As fatias de maçã levam um pouco de açúcar, vinho do Porto e canêla. Forno regular.

GRANDE PANO OVAL



Tamanho: — 123 cms. de largura por 148 cms. de comprimento. Material: — 375 grs. de linha de sêda artificial de crochet, grossura média, côr de banana e agulhas de tricot de osso n.º 2,½. Faz-se no principio a parte oval do centro sôbre uma montagem de 4 malhas. As carreiras de volta tricotam-se pelo avesso, sômente a primeira malha é suspêndida para a formação de beiradas cadeiadas, como para tricotar pelo avesso. A última malha é tricota pelo direito, em cruzamento, e das laçadas duplas tricota-se uma malha pelo avesso e uma malha pelo direito. Depois da 115.^a carreira continua-se a trabalhar em círculos. As 4 últimas malhas ficam na agulha apanhando na continuação dos élos inteiros das 58 malhas da beirada cada vez uma malha, executando, depois de cada malha, uma laçada. Depois apanha-se das 4 malhas da montagem cda vez uma malha e tricota-se da 58.^a malha da beirada do outro ldo do

oval tambem cada vez uma malha com a laçada seguinte. Tem-se então, 240 malhas no círculo, por cima do qual fazem-se ainda 4 círculos pelo avesso. Segue então a renda da extremidade. O jogo de padrão tricota-se 10 vezes no círculo. Por cima de cada círculo de padrão segue um círculo pelo direito. Desde o 83.^o círculo tricota-se o jogo de padrão 70 vezes no círculo. Depois do círculo 178 arrematam-se as malhas em crochet. Apanha-se o número de malhas que se acham juntas por um gancho sôbre os caracteres de tricot, com uma malha fixa fazendo 11 malhas no ar entre as malhas fixas. Estica-se bem o pano para se obter a fôrma oval.

Vide o risco e a indicação do ponto na revista "Arte de Bordar", n. de Fevereiro, do corrente ano

OS comprimidos DE



Piralgina
GRANADO

LIVRAM DE QUALQUER DOR

TARQUINO

Galeria Santo Antonio

Restaurações de quadros a óleo.
Molduras simples e de estilo. Exposição permanente de quadros a óleo de artistas nacionais.
Especialistas em restaurações de quadros a óleo.

COUTO VALLE & CIA.

RUA DA QUITANDA, 25
Tel.: 22-2605
RIO DE JANEIRO

PILULAS



(PILULAS DE PAPAINA E PODOPHYLINA)

Empregadas com sucesso nas molestias do estomago, figado ou intestinos. Essas pilulas, além de tónicas, são indicadas nas dispepsias, dores de cabeça, molestias do figado e prisão de ventre. São um poderoso digestivo e regularizador das funções gastro-intestinaes.

À VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS

Depositarios:

JOÃO BAPTISTA DA FONSECA
Vidro 2\$500, pelo Correio 3\$000

Rua Acre, 38 — Rio de Janeiro

RETALHOS SENTIMENTAES



NÉA — Rio — Vá passar uns tempos com os seus pais. Observe de lá os resultados.

DALILA — Minas — Sinto não poder fazer o que me pede. As respostas só são dadas por intermedio desta secção. Envie-me a sua consulta para ela e responderei.

LUBA — Rio — Vou mandar-lhe um convite para uma festa onde poderá encontrá-lo.

LICA — Rio — Arranjar-lhe um namorado por intermedio desta secção? Não uso óculos, golas altas, nem tenho inclinações a tia casamenteira; contudo, sem querer insinuar coisa alguma, sugiro dirigir-se ao Renato, que, como você, se encontra presentemente desocupado...

MIRIAM — Rio — Obrigada pela fotografia.

ISAURA — Rio — Pelo que me contou vai muito mal assim. Afaste-se dessas amizades prejudiciais. Retroceda e reflita; sabe bem o que quero dizer. Escolha dentre os seus namorados o da sua preferência e procure casar-se Isaura. Você é bastante sugestionável pelas leviandades da vida. Precisa de uma criatura capaz de refrear os seus impulsos.

VILMA — Pará — E' um tanto desagradável a certos temperamentos o contacto com creaturas fíticas, afetadas. Sou pela naturalidade no menor dos gestos. Talvez seja o seu modo de agir que esteja afastando visivelmente o seu estimado doutorzinho. Por ser êle doutor, não acho razão para que você deva mostrar-se "granfina" como me diz demonstrar-lhe ser, pondo-se assim no seu nível. Há doutores Vilminha que preferem muito mais as moças simples, simplesmente amorosas... e, você o é...

PIMPIM — Minas Gerais — Conte-lhe tudo quanto sabe a seu respeito. Indague-lhe qual das duas é a de sua preferência. Uma vez ciente é que poderá então tomar uma atitude definitiva.

ROMILDO — Rio — Não demonstra indiferentismo quando estão juntos entretanto diz que não quer namorá-lo. Insista um pouco mais, estudando as suas fraquezas e preferências, procurando enfim agradá-la. Há mulheres assim Romildo, que adoram a vaidade de se fazer de rogadas.

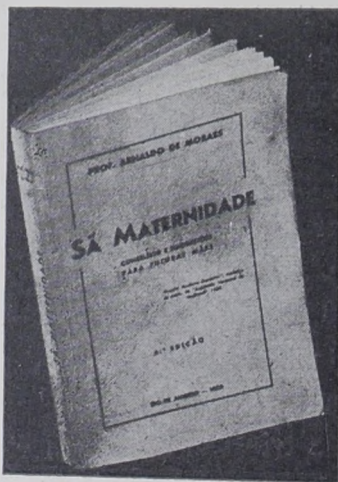
LILIAN — Rio — Acho que você deve abandonar a idéia de continuar um namoro tão complicado. Há tantos homens livres por aí e, você é ainda tão joven...

MARIA — Rio — Conversam pelo telefone há quasi quatro meses e está gostando dele sem contudo conhecê-lo. Já deviam ter marcado um encontro há muito tempo; seria assim evitada talvez alguma decepção que poderá surgir mais tarde. Julga-o você, pela conversação, um rapaz inteligente, educado, distinto enfim. Mas, sabe lá se está lidando com algum homem casado ou algum tipo de aparência repulsiva? Já por si só é de desconfiar que depois de quatro meses ainda não tenha insistido para que você marque um encontro com êle, ao menos pelo espirito de curiosidade...

SÉRGIO — Paraná — Já fui taquígrafa entendendo ainda alguma coisa da matéria. O meu método é o mesmo que o seu, isto é o de Marte; porém, esta secção não foi feita para a tradução de cartas taquígrafadas. Sinto imensamente ser obrigada a devolver-lhe a "pasta". Traduza-a você, pondo na devida forma todos os sons e todas as abreviaturas. Mandê-ma depois para que possa ter então uma resposta. Além do mais, como poderia você adivinhar se eu poderia ou não ler o que escreveu?

NARA

Correspondência para: Nara — Retalhos Sentimentais — Travessa do Ouvidor, 26. — Redação d'O MALHO.



PROF. ARNALDO DE MORAES

Sã Maternidade

Conselhos e sugestões para futuras mães "Prêmio Madame Durocher", medalha de ouro, da "Academia Nacional de Medicina".

152 páginas e 48 ilustrações

PREÇO 12 \$ 0 0 0

Pedidos a S. A. O MALHO — Travessa Ouvidor 26 — RIO

Acceptam-se pedidos pelo serviço de reembolso postal



CENTRO LOTERICO
 distribue verdadeiras fortunas
 em bilhetes e apolices vendidos
 em seu balcão,
 na TRAVESSA DO OUVIDOR, 9

AFINIDADE

Ah! sim, tudo nos une nesta Vida!
 Nas horas boas ou no Sofrimento,
 trago a minh'alma a tua sempre unida,
 e de ti não me esqueço um só momento...

Tudo nos une, sim, minha querida:
 O Amôr — profundo como um pensamento,
 a Arte, a Fé, a mesma alma ferida
 por este mesmo atroz e cruel tormento...

O genio igual tambem, e esta Saudade,
 as nossas vidas fazem quasi iguaes,
 e provam nossa grande afinidade.

E finalmente uma constancia rara
 cada dia nos une ainda mais...
 — Só a Distancia torpe nos separa!...

LUIZ OCTAVIO.

**GRIPE /
 RESFRIADOS /
 NEURALGIAS**



**DÔRES
 de CABEÇA**

TRANSPIROL

TRINOZ



Males de
 estomago? **TRINOZ**



Males de
 figado? **TRINOZ**



Má digestão:
 corrijam com **TRINOZ**

de **Ernesto Souza**



O QUARTETO BORGERTH NAS "ONDAS MUSICAIS"

O Liga Brasileira de Eletricidade, iniciou as suas atividades de 1942, apresentando através dos seus programas "ONDAS MUSICAIS", durante o mês de Janeiro p. passado o Quarteto Borgerth, finíssimo conjunto de cordas composto de artistas patricios de renome: Oscar Borgerth e Alda G. Borgerth, violinistas. Edmundo Blois, viola, e Iberê Gomes Grosso, violoncelista. A musica de camera, tanto as classicas como as romanticas e modernas, encontram no quarteto Gorgeth, os mais lidimos representantes.

A Liga Brasileira de Eletricidade, como se constata, mantem sempre nos seus programas o maior criterio, apresentando através das "ONDAS MUSICAIS", artistas de real valor, tanto os de longa carreira como os da nova geração. Seus magnificos programas são irradiados simultaneamente das 13 às 14 horas pelas emissoras PRF-4, PRE-8, PRD12, PRE-3, PRA-9 e PRG-3.



O MALHO

Acredite, se quiser...

MUSICA DE CARNAVAL

A cidade dentro de breves dias estará em pleno dominio de Momo. E o carioca em luta abêrta para escolher precisamente a marcha e o samba que mais agradaram os seus ouvidos. Isso porque, dêsde Novembro, o radio cansou os seus ouvidos com toda a classe de musica popular destinada ao Carnaval. Primeiramente os compositores tiveram a fraca idéia de escrever musicas sobre a mulher de varias classes de homens do trabalho, depois veio a mania dos carecas e dos cabeludos. Um enxame de musicas desinteressantes revelando muito a falta de idéia dos autores. Mas que, a estas horas, nas batalhas de confettis como nos bailes carnavalescos, não de estar servindo para o delirio popular.

Quasi sempre surgem por esta época mais de quatrocentas composições carnavalescas. Seis a sete agradam e vivem bisadas pelas orquestras. O público as tem de ouvir, minuto a minuto, pelo radio, de sua casa, do apartamento vizinho, da casa de comércio do bairro. Quer dizer que anda farto de marcha e de samba, sem saber escolher e preferir dentre estas, a que como a "Despedida da Praça Onze", possa ter ritmo, poesia e beleza, tanto na musica como no lindo poema de como foi feita.

FRANCISCO GALVÃO



MARCHA

Suzana Tolêdo é um valor da nova geração, que vem fazendo, com personalidade e muito esforço, o seu cartaz. Venceu sem alardes, sem criticas camaradas e soube se impôr no microfone da Tupi.

SAMBA

A familia de Dircinha Batista é francamente composta de artistas. Aqui vemos Odette Batista, que estreou, com muito sucesso na Tupi, agradando em cheio, e que vai fazer as suas primeiras gravações.



Como é feito o « Museu de Cêra »

Porque, em verdade, o homem de radio tem que depender do público, do ouvinte. Deve ele se esforçar para agrada-lo, muito embora saiba-se, de antemão, que ele corresponde o nosso carinho com a sua mais viva simpatia.

Encontramos coisas interessantes nas estantes empoeiradas do Museu de Cêra. Vejamos:

Olegario Mariano está representando pelo



Braga Filho preparando um dos programas do "Museu de Cêra".

"Pirolito", poema declamado por Didi Caillet, eleita Miss Paraná. E' ainda a mesma "discuse" "que nos encanta com a "Palavra do Silencio" — de Povina Calvanti.

Roulien é o interprete sentimental da valsa "Tua". Francisco Alves, o maior cantor patricio, experienta o "Perfume da Crioula", imitando a voz dos portugueses. Almirante com uma velocidade incrível, dispara a mais rapida da embolada feita até hoje — "Papo de papá..."

Orestes Barbosa e Nassára cantam a modinha — "As borboletas".

Existem, tambem, um dos primeiros discos brasileiros compostos de "Pelo Telefone" e "Córta Jaca", levados à cena em 1896, musicas da maestrina Chiquinha Gonzaga... E estas musicas que citamos, são integrantes da coleção de musicas antigas que formam um total de oitocentas e poucas...

E' Braga Filho quem nos fala. A ele se deve, no radio, pela Cruzeiro do Sul, o brilho marcante do programa "Museu de Cêra", ouvidissimo em todo o país. Inteligente e vivo, ele sabe escolher, sabe seleccionar entre as musicas que fizeram época, entre as que deixaram saudades na memoria da gente, as que mais agradam, sendo ouvidas novamente. Ha momentos bons que elas recordam. Minutos inesqueciveis de lembranças.

— Trabalha-se muito-Bem V. sabe o que seja organizar um programa de musicas antigas. Ha o criterio de escolher, de preparar o material, de correr às casas de discos, de vêr o que agrada. Mas o pú-



blico sabe compensar, o público nacional é amável e generoso. A prova é a correspondência volumosa que recebemos aqui na Cruzeiro, com notas, sugestões, lembranças de músicas, de autores. Isso conforta e paga a trabalhadora que tenho.

Comentarios

— Cinara Rios anda meio abafada. Os seus programas nem mesmo inspiram ao Ladeira aquela serie de adjetivos bombásticos, com que estragou muita gente no radio...

— Linda Batista faz atualmente uma corrida seria na Nacional com as suas musicas de Carnaval.

— Odette Batista tem se revelado uma boa artista no programa Paulo Gracindo aos domingos.

— O Casé parece que teve medo da crise cortou certos números bons do seu programa. Poderia ele acabar com os classicos de um conto e quinhentos per um quarto de hora, e contratar novos artistas da musica popular. E acertaria mais um pouco...

— Dissolveram-se as duplas Rancinho-Alvarenga e Xerem e Bentinho. Alvarenga associou-se a Bentinho. Quanto a Xerem podemos garantir que ele cantará isoladamente na PRA-9. De Rancinho, o que se sabe, por ora, é que depois do Carnaval resolverá o que vai fazer...

— Manuel Barcelos fez a sua festa artistica na Ipanema. E esteve bem boa, contando com o concurso de bons elementos.

— Um conjunto que está abafando por aí "Namorados da Lua". Tenha muito cuidado o Léo Vilar, dos "Anjos do Inferno", com o seu bando...



RADIATRO

Jair Taumaturgo é uma figura prestigiosa do nosso radiatro, atuando no elenco da PRA-9. Tem feito boas performances e conta, por isso mesmo, com a admiração de seus ouvintes.

— Fundou-se o "Centro de Cronistas Radiofonicos", em verdade uma ótima iniciativa, que merece apoio.

— A Nacional vai ter novos studios em Março; e em Abril, segundo nos informou o seu diretor artistico, serão inauguradas as suas "ondas curtas".

Breques

— Perfeitamente desagradavel o concurso de marchas da Radio Clube com a Cruzeiro do Sul, de São Paulo, onde no auge do entusiasmo, se ouviam palavras ofensivas a paulistas e cariocas, quando estamos num momento de coesão e unidade nacional.

— Continua no "cast" da Radio Club, Manuel Reis, de certo um bom suplente de Francisco Alves.

— Mas como está cantando sem gosto, sem boa vontade, Violêta Cavalcanti, que começou tão bem!

— Braga Filho apresenta-nos com muito



TALENTO

A graça de Luizinha Carvalho cantando sambas é digna de registro. Poucas artistas, conseguiram, tão rapidamente, o agrado do publico. Bem poucas. Em verdade, Luizinha sagrou-se como uma das nossas melhores interpretes de musica popular.

sentido de seleção "Museu de Cêra" na Cruzeiro, o programa que deu nome a Heber de Boscoli, quando ele cantava com fans na radio...

— Suzana Tilêdo vem caprichando na apresentação dos seus programas na Guanabara, cantando sambas e marchas.

— A Ipanema, nada pretende fazer de novo em 1942. Anda no mesmo geito. Mas vem apresentando no seu "cast", as Irmans Martins.

— Aquelas batidas de maquina, de Miss Mary, no programa "Papel Carbono", uma das melhores organizações de Renato Murce, podem daseparecer...

— Quando é que o Lamartine deixa de fazer a "Canção do Dia". Alguem nos mandou uma lembrança, que transcrevemos com evidente prazer: por que ele não faz a "Canção do mês"?



ATOR

Mafra Filho tem um cartaz magnifico no "cast" das nossas estações pela segura interpretação que costuma dar dos personagens que sabe viver no teatro radiofonico da cidade.

Noticiarios

RADIO

No sensacional concurso que está movendo o programa "Sambas e Outras Coizas", dirigido por Marilia e Henrique Batista, de acôrdo com o "Malho e "Cinearte", foram contemplados os ouvintes Carlos e Constança Carreira dos Santos, com uma assinatura anual das duas revistas.



BLUES

Haroldo Eiras canta blues como pouca gente, na Educadora. E' uma figura das mais simpaticas do nosso radio, que merece, em verdade, o êxito ruidoso que conseguiu em breve tempo.



Senhora YOLANDA MIGLIORINI, da sociedade de São Paulo.



Enlace Tte. HELIO SALEMA G. RIBEIRO e Senhorita AMAURILA ROCHA, realizado em Belo-Horizonte.



Senhora J. GENTIL FILHO; na direção de um modelo "Nash-42".

Nosso colaborador Raimundo Galvão de Queiroz, que vem de concluir o curso de manipulador de radiologia da Escola de Saúde do Exército, tendo sido, em consequên-



cia, nomeado 3.º sargento radiologista, fato que repercutiu da maneira mais agradável entre as suas inúmeras relações de amizade. O jovem militar é irmão do nosso companheiro Galvão de Queiroz e pertence a tradicional família baiana.



SUELY graciosa filhinha do Sr. Pedro Bento Monteiro e sua esposa, D. Lucília Branco Monteiro, residentes nesta Capital. Suely tem dois anos de idade e é o encanto de seus papás, que são assíduos leitores de "O MALHO".

Almanaque d' "O Pensamento" - 1942

(TRIGÉSIMO ANO)

Recebemos um exemplar deste interessante anuário, considerado o melhor conselheiro do povo. A profunda simpatia de que goza esse periódico trintenário justifica-se pelas indicações de grande valor que oferece para o comércio, a lavoura, a vida social, etc., permitindo ao consultante escolher a melhor ocasião para iniciar qualquer negócio, sem perigo de fracasso. Para que os estimados leitores possam apreciar o valor desta edição, tão ansiosamente esperada, damos abaixo um pequeno resumo do índice dessa obra tradicional, amplamente conhecida em nosso amado país: — Calendário para 1942; Festas religiosas fixas e móveis; Festas nacionais do Brasil; Tabela do Nascimento e Ocaso do Sol; Taboa Lunar e seu emprego; Calendário Astrológico; Taboas dos dias favoráveis e desfavoráveis em 1942; Os governadores do Ascendente; Predições do tempo em 1942; Mercados de gêneros; Influência da Lua Nova em 1942; Fim inesperado (comédia); Variações do câmbio; Horóscopo de 1942; Guia Prático Astrológico; Notas de Agricultura e Pecuária; Receitas, etc., etc.

Recomendamos aos nossos leitores a aquisição deste precioso Almanaque, que é vendido a 2\$500, livre de porte.

Pedidos à LIVRARIA "O PENSAMENTO" — Rua Rodrigo Silva n. 140 — São Paulo.

"BOB BOLACH E SEU CRIADO PAÚRA"

(Em viagem de Belém do Pará ao Araguaia)

de JOAQUIM SILVEIRA THOMAZ
Livro de história para criança, premiado no PRIMEIRO CONCURSO DE LITERATURA INFANTIL instituído pela SECRETARIA GERAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA do Distrito Federal em 1940.

(São páginas alegres, patrióticas, instrutivas, cheias de ensinamentos, dignas de figurar nas bibliotecas infantís, as mais exigentes).

À venda em tôdas as livrarias
Pedidos à Redação do O TICOTICO — Travessa do Ouvidor, 26 — Rio de Janeiro

PREÇO 8\$000

Aceitamos pedidos pelo serviço de reembolso postal.

Variedade, Qualidade e Economia

MOVIEIS A.F. COSTA

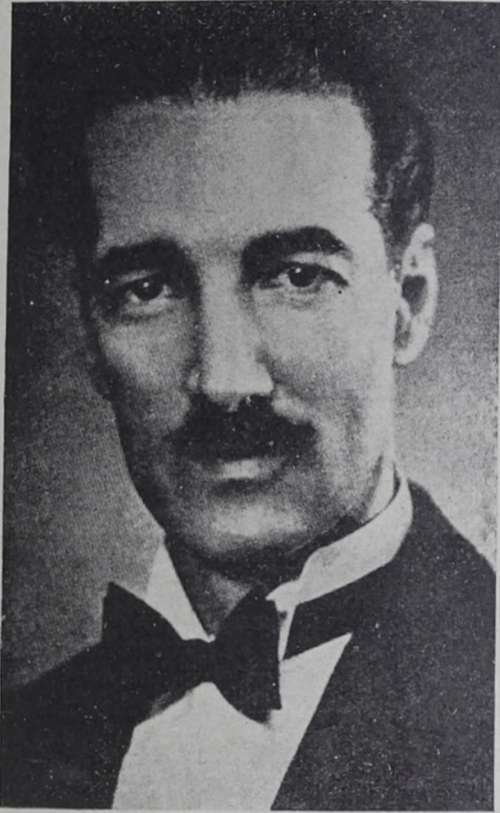
(A maior galeria de moveis do Rio)

Para vossos moveis um só endereço:

Rua dos Andradas, 27 — Rio



BACHAREIS DE 1917 — Grupo feito no Automovel Club, após o almoço comemorativo do 24.º aniversário de formatura dos bachareis pela antiga Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais.



INTERVENTOR ALVARO MAIA — Após curto período de permanência nesta Capital, aonde viera para solucionar vários importantes problemas ligados à dinâmica e fecunda gestão administrativa que está realizando no seu Estado, regressou ao Amazonas o Dr. Alvaro Maia, Interventor Federal naquela grande unidade da Federação. O Dr. Alvaro Maia, que possui grande número de amigos e admiradores nesta Capital, quer nos meios oficiais, sociais e jornalísticos, pois é antigo e brilhante profissional da imprensa, foi, durante sua estadia nesta Capital, cumulado de gentilezas, tendo corrido embeque.



FACULDADE DE FILOSOFIA DO INSTITUTO LA - FAYETTE — Representa, sem dúvida, uma grande iniciativa, no terreno pedagógico, como contribuição valiosa à formação da cultura em nosso País, a criação, pelo Instituto La - Fayette, a grande e conceituada organização de ensino e educação de que se orgulha a Capital Federal, de sua nova Faculdade de Filosofia, conforme a autorização que lhe foi concedida pelo Governo, por Decreto especial, em Maio do ano findo. Organizada sob moldes modernos e contando desde já com selecionado corpo docente, a Faculdade de Filosofia do Instituto La - Fayette vai iniciar agora seu funcionamento, ministrando aos alunos os cursos de matemática, química, história natural, geografia e história, ciências sociais, letras clássicas, letras néo-latinas e letras anglo-germânicas. É mais um grande empreendimento que a cultura nacional fica a dever ao professor La-Fayette Côrtes, diretor-geral do grande estabelecimento que tem o seu nome, e que tanto já tem realizado em prol do ensino, colocando-se como figura de primeira grandeza nos nossos meios pedagógicos e educacionais.



O BATISMO DE "O HOMEM LIVRE" — Tendo passado por completa transformação, adotando o feitiço de revista, o antigo periódico "O Homem Livre", de fundação, propriedade e direção do jornalista Hamilton Barata, reapareceu em nova e brilhante fase, tendo sido "batisada", em cerimonia que se realizou na sede da A. B. I., e tendo por padrinhos, os Drs. Lourival Fontes e Herbert Moses. Por ocasião desse batismo foi tomado o flagrante que aqui reproduzimos!

CREPUSCULO

(CONCLUSÃO)



Antonio e Arlete, filhos do casal Acaçó Faria, no dia de sua primeira comunhão.



Maria do Amparo, graciosa filhinha do casal João Rezende — Temis Soares Rezende, residente em Teresina.



Plinio, filhinho do casal Dr. Plinio Monteiro, cujo batizado teve lugar a 8 de dezembro passado, nesta capital.

CONSELHOS UTEIS

Flores murchas tornam-se viçosas se os respectivos cabos da ponta, até certa altura, forem imersos durante cinco minutos em água bem quente; cortados os pedaços que sofrem tal operação, dispõem-se as flores, a seguir, em aposento fresco e escuro e, depois de uma hora, borrifam-se, as mesmas, com água fria.

— Mas tu não podes impedir! Isso não é paixão: é uma idéa fixa que puzeste em tua cabeça. Não vês que não podes exigir um amor que não seja o filial, de uma pessoa a quem sempre serviste de pai? Não vês que não podes amarrar à corrente de teus 50 anos a avesita quasi implume que ainda é Lulú? Sua fragilidade não suportaria o peso da tua. São 30 anos de diferença, Alberto, pensa bem. E 30 anos já são uma existência mais longa que a dela, e que os separa, irremediavelmente... Esqueces que enquanto ela vai subindo para o cume da vida, tu já estás descendo a encosta? Esqueces que, enquanto tuas aspirações já estão extintas, as dela ainda estão nascendo? O calor de sua mocidade não será suficiente para livrá-la do frio de tua velhice. E maior do que isso seria a desilusão que lhe causarias: deixarias de ser seu pai; nunca serias seu marido... É impossível, Alberto! É impossível! Tu mesmo não te sentirias à vontade; afinal, como abandonar as atitudes paternas, depois de 20 anos de costume... E, procurando convencê-lo de outra forma, num tom irônico: — Não te sentirias diminuído, ao saíres com ela pelo braço, apresentando como esposa uma menina que só pôde ser tua filha? Seria ridículo, convenhas! Estarias sempre no perigo de que a verdadeira paixão, a paixão a que ela tem direito, surgisse em dado momento, fazendo-lhe esquecer a gratidão que te deve, fazendo-lhe olvidar os novos laços que os ligariam, e talvez, abandonando-te sem remorsos, para ir atrás da felicidade que lhe terias negado. Seria, então, pior. Perderias esposa e filha e ganharias um escândalo, uma vergonha para teu nome e, provavelmente, a chacota de muitos...

Alberto sorri, calmamente, ante essa exaltada revolta:

— Sei, sei tudo isso. E enfurecendo-se, repentinamente: — Mas não adianta! A razão não vence o amor. Quero-a, e não terei tranquilidade suficiente para assistir ao seu casamento.

— Que pretendes fazer?

O velho olha-o um instante. Hesita em falar. Por fim decide-se:

— Tu és medico... Interrompe-se, confuso, abaixando a cabeça.

Mario olha-o desconfiado:

— Que queres que eu faça?

Alberto hesita ainda. Lança um olhar suplice ao amigo, que espera impassível melhor explicação. Por fim cria coragem, e fala:

— Tu és medico; indica-me uma injeção qualquer que acabe com isto. Não precisas fazer nada, senão dizer-me o nome. Não quero sofrer muito. E quero que minhas feições não fiquem alteradas...

Mario ergueu-se bruscamente, não acreditando em seus ouvidos. Olha, estarecido, para esse homem sentado ali, em sua frente, tão exaltado ao falar na sua vida, tão calmo ao propor a sua morte...

— Estás doido? Decididamente enlouqueceste! Não conta comigo! É melhor tirares

esta idéa de tua cabeça. E sentando-se novamente a seu lado, dando à voz um tom mais brando: — Ouve, Alberto: tem paciência. Verás que isso que tu julgas paixão não passa de uma obsessão. Tu te habituarás, e em breve viverás a seu lado normalmente, feliz com a sua felicidade. Tem juízo Alberto! E, parando de repente, olha-o um instante, e sacudindo a cabeça: — Mas tu estás brincando. Arre! Chegaste a me assustar! Dá-me outra dóse: estou até suando!

Alberto sorri, levanta-se lentamente e traz a garrafa para o amigo. Mario estende-lhe o copo, olha-o como a querer devassar-lhe o pensamento, depois solta uma risadinha seca, traduzindo incredulidade, e sorve a bebida gulosamente.

— Bem rapaz: são quasi duas horas. Já é tarde. Preciso deixar-te. Amanhã voltarei para falar contigo. Agora vae repousar. Repouso, meu caro, repouso é do que tu mais precisas. E abraçando-o fraternalmente: — Isto é o que te aconselho... como medico.

Alberto sorri mais uma vez, sem uma palavra. Acompanha o amigo até à porta e ainda corresponde ao seu aceno. Mario se volta ainda uma vez, indeciso, pronuncia, à meia-voz um "que idéa!"; enfim o carro desaparece na noite e Alberto sóbe aos seus aposentos.

— Impossível! Falou com ele ontem à noite!

— É como lhe digo: Alberto suicidou-se esta madrugada. Tomou um toxico violento; está desfigurado pelos espasmos da dor. Horível!

Mais uma vez o carro do dr. Mario pára à porta do palacete, agora alegremente iluminado pela carícia primaveril do sol.

Lulú, os olhos inchados e vermelhos de pranto, o que aliás não lhe diminue a beleza do rosto, recebe-o sem uma palavra, sufocada pela angustia que a oprime.

O medico sóbe, sozinho, para ver o amigo. Mas recua, instantes após, horrorizado! A boca torcida, a estampar a dor interna, parecia um sorriso irônico do defunto, a zombar da recusa de sua ajuda para o fim que decidira impor-se. Os olhos, arregalados desmesuradamente, sem que ninguém tivesse tido ainda a lembrança ou coragem de fechá-los, denunciavam o pavor sentido ante a aproximação da morte, parecendo acusá-lo do estado de convulsão em que se encontrava, e que tanto assustara a sua Lulú...

O motivo de sua morte? ninguém soube. Era rico, vivia bem; não podia ter desgostos — era o que facilmente concluíam.

Neurastenia — dizem uns. Coisas de velho — afirmam outros.

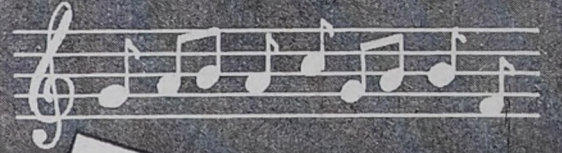
Lulú talvez desconfiasse, porque levou muito tempo sem querer ver o noivo, que lhe perdoava esse capricho, justificado pelo abalo sofrido.

Mario, somente Mario, sabe com certeza a causa desse desatino.

MUSICAS SELECIONADAS

OS PROGRAMAS

"Ondas Musicais"



ESTÃO NO AR
das 13 às 14 hs. nas seguintes estações

TODAS AS TERÇAS-FEIRAS NA:
Rádio Nacional PRE-8 R. M. Veiga PRA-9
Rádio Tupi PRG-3 Rádio C. do Sul PRD-2
R. Transmissora PRE-3 R. J. do Brasil PRF-4

NAS ANTE-PENULTIMAS SEXTAS-FEIRAS NA:
Rádio Nacional PRE-8
Rádio Club PRA-3 Rádio Vera Cruz PRE-2

NAS ÚLTIMAS SEXTAS-FEIRAS NA:
Rádio Nacional PRE-8 Rádio Vera Cruz PRE-2
Rádio Club PRA-3 R. Educadora PRB-7

LIGA BRASILEIRA DE ELECTRICIDADE
"SIRVA-SE DA ELECTRICIDADE"
CAIXA POSTAL 1755 TELEFONE 22-1676



"O MALHO" EM GOIANA — A garbosa corporação musical "Saboeira", de Goiânia, Pernambuco, em "pose" para "O MALHO"

NÃO SÓ NO ENXOVAL

mas também nos detalhes da ornamentação do novo lar devem pensar as jovens que se casam.

Ambas essas coisas serão feitas com requintes depois do manuseio do **GUIA DAS NOIVAS**, a magnífica publicação da "Biblioteca de Arte de Bordar".

A PROVA

(Conclusão)

— Eu ? Ah ! Nem queiras saber porque é que estou contente . . .

— Algum mistério ? . . .

— E . . . O "mistério do mata-borrão" . . .

Anselmo estremeceu.

— Ora, até que afinal — continuou a esposa — até que por fim achei o que procurava !! Custou, mas te peguei ! Agora, meu caro . . .

— Ana Maria . . . — interrompeu Anselmo, com voz cava.

— Espera . . . Espera um pouco. Agora, meu filho, estou satisfeita !

— Tu, satisfeita ? !

— Eu mesma. Estou. Meu filho, eu andava atrás de uma prova, de uma provazinha que fôsse, de que tu não és o homem que eu pensei, quando nos casámos . . . Jurei a mim mesma que não havia de morrer sem te desmascarar. Custou um bocado . . . Mas agora te peguei na bôa ! . . .

— E . . . que vais fazer ?

— Eu ? Eu, nada !

— Ana Maria . . .

— Fazer o que, Anselmo ? !

— Mas . . .

— Não tem "mas", coisa nenhuma. Eu queria era pegar uma prova. E peguei ! Peguei, ou não peguei ?

— Bem . . . confesso . . .

— Pois, então, está acabado . . .

E, noutro tom, carinhosa como sempre :

— Quando quiser o café, meu bem, diga, que eu trago . . .

ALINGERIE

A mais útil das iniciativas da Bibliotéca de "Arte de Bordar", concretisada num

Precioso álbum com 170 modelos escolhidos, do mais fino gosto e absolutamente originais.

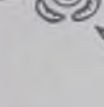
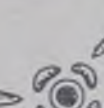
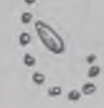
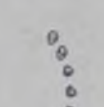
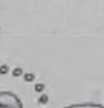
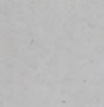
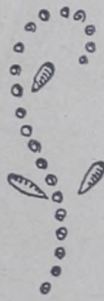
CADA um desses 170 modelos é acompanhado do respectivo risco em tamanho natural.

"LINGERIE"

Traz ainda em suas 48 páginas indicações, sugestões sôbre pontos, linhas, côres, etc., constituindo um belo presente e um útil conselheiro.

PRÉÇO 10\$000

Faça seu pedido acompanhado da respectiva importância em Vale Postal, Carta Registrada ou mesmo selos do correio. Aceitamos encomendas pelo Serviço de Reembolso Postal, para as localidades servidas por êsse sistema de cobrança. — PEDIDOS à S. A. O MALHO -- Trav. Ouvidor, 26 -- C. Postal, 880 — RIO. À VENDA NAS LIVRARIAS.



Vae casar feliz
sem preocupações.



porque teve o melhor conselheiro para
os detalhes de confecção de seu enxoval
e da ornamentação de seu lar,

O "Guia das Noivas"

a excelente publicação que
oferece às jovens, antes e
depois do matrimonio, conselhos, sugestões,
ensinamentos, alvitres, inumeros riscos e modelos
para bordados, lingerie de corpo, cama e mesa,
decoração de interiores, organização de menus
para "lunches", almoços e jantares, tudo isso em
lindas paginas cheias de arte e bom gosto que
fazem de

O "GUIA DAS NOIVAS"

o verdadeiro livro de cabeceira das noivas e recém-casadas.

Uma publicação da
BIBLIOTHECA DE "ARTE DE BORDAR"

PRÉÇO 10\$000

Pedidos, acompanhados da importancia, á Bibliotheca de
ARTE DE BORDAR, Travessa do Ouvidor, n.º 26 —

RIO DE JANEIRO

É encontrado á venda em todas as Livrarias do Brasil.